



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

*Campus* Baixada Santista

**Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde**

**HARETE VIANNA MORENO**

**POLÍTICAS DE IMATURIDADE**

**SANTOS  
2014**

**HARETE VIANNA MORENO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo, *Campus* Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde  
Orientação: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Henz

**SANTOS**  
**2014**

Moreno, Harete Vianna.

**Políticas de Imaturidade.** Harete Vianna Moreno. – Santos, 2014.  
ix, 114 f.

Dissertação (Mestrado Modalidade Profissional) – Universidade Federal de São Paulo. Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde. Programa de Pós-Graduação de Ensino em Ciências da Saúde.

Orientador: Alexandre de Oliveira Henz.

Título em inglês: Immaturity Policies

1. Políticas de subjetivação. 2. Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente. 3. Micropolítica. 4. Analisador. 5. Cartografia. 6. Imaturidades.

**HARETE VIANNA MORENO**  
**POLÍTICAS DE IMATURIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo, *Campus* Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde. Área de concentração: Educação Permanente em Saúde.

Aprovação: 07/05/2014

---

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Henz  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Damian José Kraus  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Aparecida Capozzolo  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Barin de Azevedo  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Stéfanis Caiaffo  
Universidade Federal de São Paulo

Ivete

## AGRADECIMENTOS

Soraya, por ter me provocado

Florianita e Heloísa, por terem me ajudado

Fernando, por um novo caminho ter apontado

Taci e um outro Fernando, por terem me encorajado

Nathália, por ter me organizado e “formatado”

Mafê, por ter me “alimentado”,

Sidnei, por ter me escutado

e ambos por, também, terem me orientado

Todos os colegas, por terem compartilhado

Todos os docentes, por terem me ensinado

Dulce e Geraldo, pelos textos lidos, comentados e elogiados

Olga, por todos os galhos quebrados

Lis, por tantos papéis fotografados

Damian, pela delicadeza dos 25 post-it colados

Flavia, Laura, Adriana, Angela e Stéfanis, por todo o cuidado

Rafa, pelo cabeção também ter pirado

Tahamy, pela proficiência eu ter conquistado

Pedro, por ter me questionado

Alexandre, por ter me transformado

*“Para mim, pensar é como um vasto e unitário êxtase, feliz, que explode em pequenas gargalhadas, desconexas e, no entanto, reunidas sob a imensa superfície em movimento. Acima dos incontáveis Anjos, bochechudos e sopradores, em caótico alarido, avança um grande Arcanjo, vento por trás das asas, cuja vontade me empurra para onde desejo ir.”*

(Michel Serres)

## RESUMO

O Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) é um órgão público composto paritariamente por organizações governamentais e não governamentais cujo papel é, em caráter deliberativo, elaborar as políticas de atendimento aos direitos das crianças e adolescentes, além de acompanhar, controlar e avaliar os programas e ações desenvolvidos. O objetivo desta pesquisa – desenvolvida no mestrado profissional da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp-Baixada Santista) – foi, a partir dos conceitos da análise institucional, tomar o CMDCA do município de São Vicente como analisador do que chamei de “políticas de imaturidade”. A metodologia deu-se por meio da cartografia das forças em processo, utilizando os relatos gravados e narrativas escritas por mim para acompanhar, analisar e produzir experiências, as micropolíticas no CMDCA. O tipo de pesquisa foi pesquisa-intervenção, de caráter qualitativo. A partir da imersão no campo (que frequentei ao ser conselheira e trabalhar no SUS), surgiram na investigação algumas políticas que chamei de imaturidade que não existiam a princípio. Resultados possíveis da pesquisa operam numa certa política de imaturidade que funciona na chave da reconhecimento, com anestesia, entendendo o mundo e a vida como já dado, sabido, experimentado; seja no trabalho do conselho, editais, produção de documentos ou um conselho que pensa a partir de dicotomias de valores, indivíduo x sociedade, mundo adulto x mundo infantil... Outra política de imaturidade implica com a tutela, disciplina, docilização dos corpos, produzindo e naturalizando a falta em relação ao modelo de maturidade, em relação ao que deve ser feito moralmente; que se expressa tanto na compreensão do que seja o trabalho direto com crianças e adolescentes como na produção das políticas públicas. Uma terceira política de imaturidade diz respeito ao inacabamento, onde a forma ainda não pegou, a inocência dos processos vitais quando conseguem afirmar o que é, que podem estar no devir-criança, no devir-adolescente. Finalmente, uma política de imaturidade com lógicas “flexíveis” operando ao modo de empresas dentro do aparato do estado ou do município, espécie de surf que pede certa impessoalidade, um jogo mais fluxionário, aposta na leveza capitalística, pequenos empresários de si, sem estoque, sem fôrma. Sotis re-arranjos para diversas alianças. Dentro da lei, mas nem sempre da ética. Hiperconectividade sempre aberta para novas redes... Nessa investigação com CMDCA



operam devires-criança, devires-adolescente e trata-se de estar à altura do que não tem limites, do que é aberto, larvar, o que pode incitar reatividades autoritárias e também relançar o novo.

**Palavras-chave:** Políticas de Subjetivação, Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, Micropolítica, Analisador, Cartografia, Imaturidades.

## ABSTRACT

The Municipal Council for the Children's and Adolescents' Rights (in Portuguese, Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, CMDCA) is a public body composed equally of governmental and non-governmental organizations whose role is, deliberatively, elaborating policies for the assistance to children's and adolescents' rights, as well as monitoring, controlling and evaluating the developed programs and actions. The objective of this research – developed in the Professional Master's Degree Program of Universidade Federal de São Paulo – was, based on the concepts of Institutional Analysis, to take the CMDCA of the city of São Vicente as an analyzer of what I have called "immaturity policies". The methodology took place by the mapping of the forces in process, using the recorded narratives written by me and reports to track, analyze and produce experiences, the micropolitics in the CMDCA. In a qualitative approach, Intervention Research was applied. From the immersion in the field (which I attended to while being a counsellor and SUS worker) emerged in the investigation some policies that I called "immaturity policies", which did not exist at first. Possible research outcomes operate in a certain immaturity policy that works in a key of recognition, anesthesia, understanding the world and life as being already known, experienced, either in the work of the council, public notices, documents production or a council that thinks by dichotomies of values, individual vs. society, adult world vs. infantile world... Another immaturity policy relates to tutelage, discipline, docile bodies, producing and naturalizing the lack related to the model of maturity, related to what should be done morally; which is expressed both in the understanding of what is the direct work with children and adolescents and in the production of public policies. A third immaturity policy concerns to incompleteness, where the shape has not yet been formed, the innocence of the vital processes when they can state themselves, may be the becoming-child, the becoming-teen. Finally, a immaturity policy with a "flexible" logic, operating in a business way, within the apparatus of the state or municipality, kind of a surf that asks for certain impersonality, a more flowing game, a bet on the capitalistic lightness, small businessmen of themselves, no stock, no shape. Subtle rearrangements to various alliances. Within the law, but not always ethical. Hyper connectivity always open to new networks... In this investigation with the CMDCA, becoming-child and becoming-teen operate, it is about living up to what has no

limits, what is open, larval, which may encourage authoritarian and reactivity but also may launch the new.

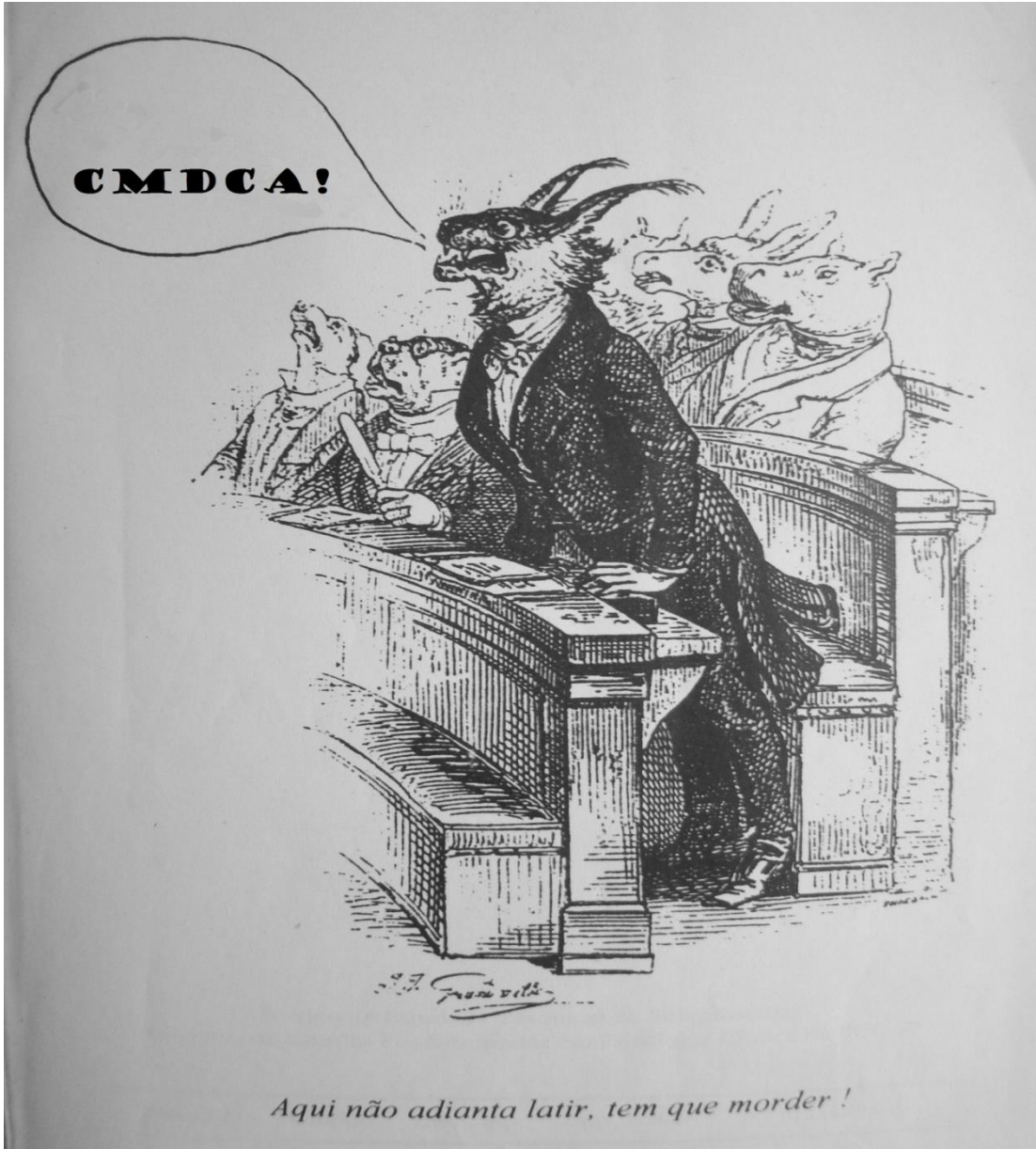
**Keywords:** Policies of Subjectification, Municipal Council for the Children's and Adolescents' Rights, Micropolitics, Analyzer, Cartography, Immaturities.

## CAMADAS

AXOLOTE	11
NÃO ADIANTA...	12
CARTA A UM LEITOR QUALQUER, QUE DE TODO MODO (ME) IMPORTA	13
PAI APOLO DESCE PRA AJUDAR	17
PRÉ-TEXTO	21
NIILISMO NO SUS E NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E NO CMDCA E EM NÓS E...	30
MEU CAMINHO PARA UNS OBJETIVOS	34
UMA LINGUAGEM ESBURACADA... E INFORME	38
MAKING OF DE UMA DISSERTAÇÃO	45
NARRATIVAS E PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS. COMO E PARA QUÊ?	48
A PRIMEIRA REUNIÃO	50
COMO SE FAZ UM EDITAL	51
DAS INTERROGAÇÕES	53
HERE COMES THE SUN HERMES CÃO DE SÃO...	64
E TUDO COMEÇA EM OUTRO ESPAÇO, NUMA AULA...	68
DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE, DISPOSITIVO CELULAR E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	73
A FOICE NIILISTA	79
ZERO DE CONDUTA. CONDUTA NOTA DEZ.	84
IMATURIDADE: UMA POTÊNCIA	89
RECOGNIÇÃO: UM PENSAR ANESTESIADO E CERTA POLÍTICA COM A IMATURIDADE	96
FIM. DÊ PARTIDA.	100
REFERÊNCIAS	109
AGORA	114

**AXOLOTE**

NÃO ADIANTA...



*Aqui não adianta latir, tem que morder!*

## CARTA A UM LEITOR QUALQUER, QUE DE TODO MODO (ME) IMPORTA

Olá!

Primeiro, gostaria de agradecer seu interesse por essa leitura. Desde sempre pensei em você. A cada encontro pensei em partilhar com você; as dores e fracassos, peguei-me escondendo de você. Mesmo sem saber quem você é...

Depois, queria dizer que os caminhos desta pesquisa foram marcados por picar, como diz Deleuze (1995) e não se filiar ou semear, voltando a atenção da investigação para o lugar do não-saber, da ignorância e, acima de tudo, da dúvida e que meu desejo foi contar *uma* história de *um* lugar – o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) de São Vicente – desterritorializado do campo ocupado tão-somente por um conselho de direito, instância do Controle Social, e pensá-lo também como um analisador do que chamei de políticas de imaturidade.

Eu não mostrei o momento de emergência dessas políticas, porque elas foram irrompendo ao longo do processo, sendo digeridas ao longo do tempo de pesquisa e no cruzamento das experiências – de antes da pesquisa, da experiência de ser conselheira, de ser fono, de uma certa militância política, do SUS. Forças que quebraram meu ovo-pesquisa.. Eu carregava questões que me mobilizaram, queria descrever o funcionamento do conselho, se era “adequado ou não”, informar as pessoas que desconheciam o CMDCA, porque o que me levou a pesquisá-lo foi o fato de ter sido conselheira, pela criança e o adolescente integrarem meu trabalho, meu interesse por questões do SUS e de políticas públicas... Mas no desdobrar da experiência, embates, discussões, o corpo foi ficando sem órgãos... E essas políticas que se percebem é que vamos chamar de imaturidades.

Tais políticas são uma miríade de vetores, ora em estágios larvares, ora operantes em manifestações e políticas com efeitos distintos a cada caso. Uma das configurações em análise foram as recentes manifestações e os chamados “rolezinhos” em que jovens às vezes recém-saídos da infância corporificam ações e resistências em múltiplas movimentações hetero-convocadas, a-centradas e despiramidalizadas. Analisadores (Baremlitt, 2002) são efeitos, fenômenos com duas características. A primeira é que, sem privilégios verbais, um analisador não é apenas um discurso. Qualquer materialidade pode ser suporte de um

analisador – monumento, manifestação, planta arquitetônica, ciclovia, ata... Segundo: um analisador não é apenas um fenômeno cuja função específica é exprimir, manifestar, declarar, evidenciar, denunciar. Ele mesmo contém os elementos para se auto-entender, ou seja, para começar o processo de seu próprio esclarecimento. Dito de outro modo, um analisador pode ser reconhecido de fora do CMDCA e por dentro também, são visibilidades díspares que enredam cenas de dedos em riste, que apontam o outro, e, o restante a si próprio, ora lá e ora cá em uma agonística de forças. É um jogo micropolítico que emerge em imagens escritas na investigação, portanto, uma metodologia, uma cartografia dessas forças e na produção de narrativas para mapear, descrever e acompanhar formas, tendências, predominâncias, diferenças e singularidades.

Através de imagens narrativas, enuncio certas políticas de imaturidade, algumas na chave da reconhecimento, recobrando novas experiências com o já visto e já sabido. Nesse caso, uma imaturidade amesquinhada, triste, anestesiada, seja no trabalho do conselho em editais, produção de documentos ou em movimentações que pensam a partir de dicotomias de valores - que ao dividir em dois desqualificam uma das partes da díade - verdade x mentira, maduro x imaturo, dito vandalismo x dita política, entre outros. Imagens de repetições – com traços singulares e aberturas sutis – em uma reunião ordinária com manutenção de afazeres e uma pesada tábua de leis e portarias. Em variação com esta política e sobreposta, pode estar em jogo outra política de imaturidade que lida com a tutela e opera através de protocolos e dessubjetivação, com efeitos políticos em haver, a cada caso. Essa outra política de imaturidade dociliza corpos, produz e naturaliza a falta em afinidade com prescrições e proscições morais; que se expressa tanto na compreensão do que seja o trabalho direto com crianças e adolescentes como na produção das políticas públicas. Uma política que implica o CMDCA na função-sacerdote, porque sempre referida a modelos e à ideia do sacerdote, em Nietzsche - aquele que nos salvaria da falta e que reitera a carência. Falta em relação ao modelo de maturidade e em relação ao que deve ser feito moralmente. Uma terceira política de imaturidade diz respeito ao inacabamento, imaturidade como abertura e potência de agir em que a forma ainda não pegou, uma inocência dos processos vitais quando conseguem afirmar um devir-criança e/ou devir-adolescente. Imaturidade própria à vida, ali onde ela se encontra em estado mais embrionário, em que está preservada a liberação de tendências ainda por nascer, matéria intensa não formada, pura energia, prévia ao organismo estratificado... A ideia do eterno retorno, um santo dizer sim! Isso é especialmente marcante no âmbito do CMDCA, na prospecção de movimentos experimentações, na aposta em sua indeterminação,



sem insensibilizá-los para tudo aquilo que não serve aos desígnios de poder, de pressa, de produtividade, de institucionalidade e soluções prontas. Finalmente, outra política de imaturidade com lógicas flexíveis, operando certa jovialidade na lógica da empresa – gás que brinca dentro do aparato do estado ou do município – espécie de surf que pede excitação constante, uma leveza capitalística sem estoque e formas a priori. Nessa disputa de políticas de imaturidade que se cruzam, podem operar modulações auto-deformantes para redes abertas, amesquinhas, intensivas, tristes, potentes, microfascistas, alegres e, e. Redes sociais ou não para conexões que auxiliam nas contaminações e trocas do CMDCA e de seus conselheiros, além das matérias das provas dos estudantes, divulgação de eventos, manifestações e oportunidade de empregos, frases de Rimbaud e do padre Fabio de Melo. Nessa investigação com CMDCA, foi importante habitar paradoxos. Operaram devires-criança, devires-adolescente, e tratou-se, em distintas direções, de estar à altura do que não tem limites, do que é aberto, larvar, o que pode incitar reatividades autoritárias – até fisicalismo cerebral que biologiciza imaturidades – e, por isso, declina a potência e porosidade de crianças e adolescentes, reagindo pelas leis e portarias, mas, também, oportunidades de relançar o novo com imaturidades díspares, apostando em estratégias singulares na atuação do CMDCA.

Sendo este um texto acadêmico, produto de uma pesquisa, há uma preocupação constante com o rigor científico. O problema, objetivos, dados coletados/produzidos, método etc, estarão presentes. No entanto, como diz Vera Mantero<sup>1</sup>, o ser humano

precisa de fazer coisas não produtivas, sair da lógica da produção, ter objectivos diferentes desses, precisa de voltar a saber que não há só um caminho entorpecedor e mecânico, que a vida é mais subtil do que isso, mais rica de redes e nós de sentidos e sensações, de linhas que se cruzam e que baralham e iluminam.

Lindo! E, tal como a vida, para mim, também a pesquisa pode ser assim... Porque o problema de qualquer pesquisa é que a gente sabe excessivamente. E a questão não é saber tanto. É encontrar.

---

<sup>1</sup>MANTERO, Vera. “A desfazer-se”. **Elipse - Uma Gazeta Improvável**. Lisboa: Relógio d’água. 1998, p. 2-4.

Por isso, encerro essa carta com um convite-pedido, roubando outras palavras da bailarina em seu mesmo texto: “é preciso entrarmos na imaginação, nas histórias, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, na relação com os outros.”.

Um forte abraço!

## PAI APOLO DESCE PRA AJUDAR

*“Disciplina<sup>2</sup> é liberdade”*

*(Renato Russo)*

*“O movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias, dizia Nietzsche, justamente para ‘adestrar um povo de pensadores’, ‘adestrar o espírito’.”*

*(Gilles Deleuze)*

*“Não se trata de uma desordem que nos caiba compreender. Propus que a deixemos entrar.”*

*(Samuel Beckett)*

A construção dessa escrita invoca, no sentido espírita da imanência, trazer algo de que se necessita, algo da ordem da inspiração, da iluminação, do espírito que nos sopra o que dizer ou que se apropria do nosso corpo, médium-cavalo<sup>3</sup> exposto a novos caminhos, mas também no sentido conotativo de estranhar, discordar, implicar. “Invoquei com fulano...” Pois é, invoquei com Apolo, num primeiro momento sem lembrar que ele é luz e ilusão. Dionísio ainda é meu deus preferido<sup>4</sup> – com todas as ciladas e recobrimentos modernos, romântico-liberais e voluntaristas que podem se “expressar” na sua invocação - e a lira de Apolo é armadilha que prende, produz preensões, mas dá contornos e pode proteger provisoriamente.

---

<sup>2</sup>Palavra que vem do latim e significa “conhecimento”. <http://origemdapalavra.com.br/palavras/disciplina/> . Acessado em 15/01/14

<sup>3</sup>“cavalo” é como são chamados, na umbanda, os médiuns que incorporam as entidades espirituais

<sup>4</sup>Desdobrado na página 61

Eu não quero nada hermético. *Penetra surdamente no reino das palavras.*<sup>5</sup> Quero que leiam e façam o que quiserem com o texto. Tratar a escrita como um fluxo, não como um código linguageiro, como disse Deleuze (1992, p. 17), que prossegue: “Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, de contra-corrente, de redemoinhos com outros fluxos [...]”; o gozo<sup>6</sup> da escrita... Desejo de outrem ser afetado por uma escrita... Construir um texto hermético seria, então, uma besteira que não afeta, afasta. Ao mesmo tempo, há textos que, sem mirar o hermetismo, não operam com o mero didatismo e o já sabido, e, não são escritos imediatamente compreensíveis. Deleuze<sup>7</sup> dizia, inclusive, que a compreensão é um dos níveis de leitura, há sempre muito mais em jogo, certas experimentações, escritos-fluxos-floemas, pedem ruminação, extravio, certa relação com o fora – inclusive solicitam um leitor menos precavido e avisado –, abertura sensível e (nada está garantido) podem possuir um poder de afetação.

Afetar pede alguma aproximação e estranhamento. E a música aproxima e produz derivas díspares. Invoco o lindo Apolo e sua lira e tento incorporar na escrita algo deles. Faço oferendas aos deuses da aparência, da forma e da gélida distância. Apolo, sempre controlando a porta – aqui, o acesso da minha dissertação – organizando, dando forma.

Então, Apolo, com Dionísio encravado, me sopra aos ouvidos e orienta meu escrever que sonha afetar alguns leitores:

Não existe ordem cronológica, nem crescente nessa dissertação. Por isso as camadas. A leitura parte de qualquer ponto. De onde mais se sabe de onde nada se sabe. Aproveito o sujeito oculto de Deleuze (1992, p.15) e confesso: “falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento”. Não importa; depende do que vibra em nós. Teia de aranha que capta a vibração de algo que a toca sem precisar distâncias, vizinhanças. Arte. Ciência. Filosofia. Formas de pensar – Apolo, seu lindo Dionísio, que formas fortes carregadas de informes você trouxe! – modos de pensar, atravessados

---

<sup>5</sup>ANDRADE, Carlos Drummond de. “Procura da Poesia”. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

<sup>6</sup>longe de qualquer conceito psicanalítico, apenas corpo que se esfrega na ideia original: “[...] fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de erotismo, de dinheiro, de política etc.”

<sup>7</sup>DELEUZE, G. N de Neurologia. In: DELEUZE, G. L’Abecedaire de Gilles Deleuze. Entrevista concedida à Claire PARNET, realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris. 2008. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 30 mar. .2014.

brutalmente por um vetor. Tão presente nessa pesquisa e nesse trabalho escrito – “trabalho” aqui foi escolhido a dedo, à unha. Trabalho árduo, daquele que mexe na terra, horas sob o sol e também no mais ermo luar; portanto é noite e não dia na escrita, isso tem a ver com todas as marcas de luz e da sombra, do dia e da noite que me jogam para terminologia nietzscheana do Apolíneo e do Dionisíaco... Daquele que costura, ponto por ponto no tecido da roupa, da fantasia, da pele que habita. Daquele pé que sangra de tanto ensaiar. Daquele corpo que trava, que adocece. De tanto digitar, de tanto ficar adestradamente sentado. De tanto poder fazer tão pouco frente aquele que o procura para ser cuidado – que uma ação organizante torna-se vital. Porque o caos é chocante e capital diz Orlandi (2008).

Você pensa por força de alguma coisa que te ataca. O que ataca essas três grandes formas do pensamento? É o caos, pra ele [Deleuze]. Mas que caos? Não é a mera desordem como antigamente no mundo grego. O caos é um permanente, uma caótica de devires. É o sobe-desce, um aparece-desaparece de determinações. Uma mal aparece e a outra desaparece. Cada uma dessas disciplinas do caos, essas formas de pensar, disciplinas, cada uma delas do seu modo. [...] Sem o caos, você não cria nada.<sup>8</sup>

Caos-pensante que desestabiliza. Aliados podem ajudar. Aqui, conceitos são aliados. Então, expressões bárbaras<sup>9</sup> que deem conta das noções a serem apresentadas, como “niilismo”, “analisador”, “cartografia”, “reconhecimento”, “corpo sem órgãos” e sua abreviação molecular, “CsO” e até o simples-complexo “ovo”, totalmente presente em nossas vidas, mas que adquire outro status, são desdobradas em vários momentos em rítmica ressonância, sonoro ritornelo. Ritornelo é territorial, nos avisa Deleuze (1997). Refrão de várias caras, como mostra Zourabichville (2004), com Deleuze:

Num sentido genérico, chama-se ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais (há ritornelos motrizes, gestuais, ópticos etc.). Num sentido restrito, fala-se de ritornelo quando o agenciamento é sonoro ou dominado pelo som [...]. (MP, 397)

---

<sup>8</sup>Transcrição de trecho da palestra em vídeo *Ética em Deleuze* transmitida pela tv cultura no programa café filosófico com Luiz Benedito Lacerda Orlandi em Campinas, no dia 29 de agosto de 2008, encerrando o módulo Deleuze: uma filosofia aberta aos encontros.

<sup>9</sup>“Preciso de uma palavra, aparentemente bárbara. [...] Aqui, um conceito filosófico só pode ser designado por uma palavra que ainda não existe. [...] Precisamos, às vezes, inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova”. DELEUZE, Gilles. A de animal, verbete do abecedário Deleuze. In: DELEUZE, G. L’Abecedaire de Gilles Deleuze. Entrevista concedida à Claire PARNET, realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris. 2008. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 30 mar. 2014.

O grande ritornelo ergue-se à medida que nos afastamos de casa, mesmo que seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhecerá mais quando voltarmos. (QPh,181)

Nesse território de avisar o leitor desavisado (Apolo) e invocar sua potência de desaviso (ausência de juízo), encontro a invisibilidade e potência no conceito ritornelo paradoxalmente em ressonância com toda minha escrita. Mas também reconheço que esse “jeito sem jeito” de ler a dissertação será retomado uma única vez na camada “Making of de uma dissertação” (p.33). Talvez fosse o caso, então, do leitor retornar à página das “Camadas” e escolher por onde começar. Ou seguir daqui. Ou interromper a leitura que fazia e partir para a da nota de rodapé que encontrou, pois outras camadas serão trituradas, lambidas, sequer sentidas, cuspidas, ao gosto do “freguês”.

Mas tem um gosto bom saber que minha pesquisa pode ser leitura caleidoscópica.

Talvez porque as palavras “sabor” e “saber” têm a mesma raiz...

## PRÉ-TEXTO

*“O homem não é mais a medida das coisas”*

*(Laymert Garcia dos Santos)*

[...] se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento **não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa**, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico — então se pode apostar que **o homem se desvaneceria como, na orla do mar, um rosto de areia**. (FOUCAULT, 2000, p. 536, grifo nosso)

Pensar sem princípios, na ausência de Deus, **na ausência do próprio homem**, tornou-se a tarefa perigosa de uma criança-jogadora que destrona o velho Mestre do jogo e que introduz os impossíveis no próprio mundo estilhaçado (a mesa quebra-se...). Porém, nessa longa história do "**niilismo**", que ocorreu antes de o mundo perder seus princípios? Mais perto de nós, foi preciso que a Razão humana desmoronasse como último refúgio dos princípios, o refúgio kantiano: ela morre de "neurose". (DELEUZE, 1991, p.105, grifo nosso)

Conforme descreve Henz (2010a), “A palavra niilismo<sup>10</sup> é utilizada por Nietzsche, e vem de um termo em latim, ‘nihil’, que significa ‘nada’, que quer dizer ‘nulidade’”. De forma bastante sucinta, pode-se pensar no niilismo como um movimento de quatro “momentos”, não sucessivos – com fortes, complexas e ziguezagueantes marcações históricas – passíveis de simultaneidades e reversibilidades que habitam zonas de indeterminação. O primeiro, chamado por Nietzsche de niilismo negativo, nega essa vida e esse mundo de variações e paradoxos, e tudo que aqui existe torna-se então cópia mal-acabada do ideal, da perfeição, que está em outro mundo, o mundo das ideias que doaria sentido para este nosso (mundo sensível). Isso era impensável na Grécia anterior à cultura racional socrático-platônica. Nietzsche denuncia toda dependência da vida, toda sujeição em relação a algo extrínseco a si mesma. Esses valores – modelos e essências do mundo das ideias, isto é, o “bem”, a “verdade”, a “justiça”, o “divino” etc, estavam fundados sobre o nada, foram um efeito do medo – davam sentido à vida desde fora, ao mesmo tempo em que a esvaziavam de seu

<sup>10</sup>Desdobrado também em “A foice niilista”, pág. 79

sentido intrínseco. Se a vida depende de outra coisa, é porque está esvaziada. “É o reino do espírito de vingança e depreciação que se volta contra a vida.” (PELBART, 2006a). Trata-se de um acontecimento histórico necessário, não há o que lamentar.

No outro niilismo, o reativo, moderno, “não há Deus” ou pelo menos essa noção perde força, Deus foi assassinado – embrionariamente no final do séc. XVII, XVIII culminando no séc. XIX – pelo próprio homem liberal, romântico e disciplinar – é o que Nietzsche chamou de morte de Deus –, que coloca a ciência, o futuro como salvação do presente, a revolução, o cidadão, o progresso, o livre-arbítrio, e outros valores substitutos em seu lugar, “um segundo movimento inverso, que corresponde à perda desse primeiro eixo metafísico” (PELBART, 2006b).

O niilismo passivo emerge; “depois que a avaliação metafísica e sua permeação moral entraram em colapso, qualquer valor já parece impossível” (PELBART, 2006c). Cansado, agora o rosto do homem se desfaz, e, mais precisamente, a forma-homem declina e deambula desolada com a constatação corporal (não se trata de um conhecimento meramente de consciência) de que é tudo em vão.

“As três figuras do niilismo mencionadas, poderiam assim ser traduzidas em termos da posição de valores: valores superiores, valores substitutivos e nada de valores. Niilismo negativo, niilismo reativo, niilismo passivo.” (PELBART, 2006d). Ainda segundo Pelbart (2006e) “por um lado o niilismo é sintoma de decadência e aversão pela existência, por outro, e ao mesmo tempo, ele é expressão de um aumento de força, condição para um novo começo, até mesmo uma promessa”. É a essa promessa, que não alude a algo que virá para nos redimir no futuro, que diz respeito à lógica do niilismo ativo. “É o enfraquecimento dos fundamentos que pede, mas não garante um niilismo ativo.” (HENZ, 2010b)

Talvez ainda refém das marcas do torturante período dos governos militares – o ambíguo “presente da ditadura” – e recém-chegada a certa estabilidade econômica tecnocrática, a sociedade brasileira encontra-se em efervescente processo de “auto-apropriação”, criando e (re)organizando seus papéis em todo e qualquer segmento e nessa perspectiva podemos perguntar: Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? E *descentrado* o indivíduo averiguar: o que deseja em nós quando desejamos? Nessa ambiência, vetores de força modernos concorrem, coexistem e se mesclam com traços contemporâneos. É também a oportunidade de uma reviravolta, talvez uma deserção do ensimesmamento



produzido pela cultura do indivíduo, as marcas do homem profundo, moderno e liberal *em nós* (niilismo reativo). A esse respeito, é sempre bom repetir o convite que nos fizeram Deleuze (1925-1995) e Guattari (1930-1992) a sempre mantermos a *guerrilha contra nós mesmos*, ou melhor, a guerrilha contra as “potências maiúsculas” – sejam preconceitos estabelecidos, micro-fascismos, moralismos, dicotomias ou quaisquer proeminências transcendentais – que nos invadem, que nos habitam ou que nos habilitam na prática muito contemporânea de certo servilismo.

O Brasil é o país do futebol, mas também o da Copa do Mundo deste ano e das Olimpíadas em 2016. Isso são manchetes e clichês e é interessante que, com a sutil instalação das sociedades de controle, a partir, sobretudo, da segunda guerra mundial, os clichês,

começaram a aparecer naquilo que são: meros clichês, os clichês da relação, os clichês do amor, os clichês do povo, os clichês da política ou da revolução, os clichês daquilo que nos liga ao mundo – e é quando eles assim, esvaziados de sua pregnância, se revelaram como clichês, isto é, imagens prontas, pré-fabricadas, esquemas reconhecíveis, meros decalques do empírico, somente então pôde o pensamento liberar-se deles para encontrar aquilo que é "real", na sua força de afetação, com consequências estéticas e políticas a determinar. (PELBART, 2003 p. 28-29)

E é tentando liberar-me desses clichês que me enrolo, linhas de crochê-clichê, clichês que também são recognições<sup>11</sup>, que farejo algumas linhas que podem “fechar” a compreensão ou “abrir”, permitindo ao leitor outros possíveis.

Ao mesmo tempo, após tantos coronelismos, messianismos, oligarquias, estado novo, caudilhismos e ditaduras nada republicanas ou modernas, não podemos minimizar um acontecimento, a eleição de um operário como presidente da república e que em sua história, tem em seu lugar, igualmente pela primeira vez, uma mulher. No entanto, é necessária muita sobriedade para tatear e investigar os movimentos políticos contemporâneos – identidade e gênero entre eles –, jogo a um só tempo alegre e perigoso, sutil e abrasivo, talvez por isso com possibilidade de trazer à tona o que está positivamente em jogo na nossa atualidade, para além ou aquém das representações gerais, sejam melancólicas ou triunfantes, que ela constrói a seu próprio respeito. Nesta investigação nos interessa problematizar clichês e recognições. Portanto, encontrar, nessa experiência, pretende ser uma retirada do cansaço da recognição, o que pode permitir uma saída do supostamente sabido ou reconhecido; uma aposta do

---

<sup>11</sup>Caso interesse, ver camada “Recognição...”, pág. 96

esgotado. De acordo com Zourabichvili (2004, p.41), “encontrar não é reconhecer: é a própria prova do não reconhecível, o que põe em xeque o mecanismo de reconhecimento”.

Neste sentido como pensar em outros registros - sem um misto de lamúria e adesão triunfalista - os problemas do sistema único de saúde (SUS)? Como (apesar de tudo) um modelo para os Estados Unidos? Trata-se de democracia, liberdade e (um pouco de) dinheiro no bolso? Em meio a tantas marcas e acontecimentos, numa linha do tempo cheia de nós, o mesmo sistema de saúde elogiado fora do país, aqui, é criticado - com propriedade várias vezes - por todos: o usuário, o trabalhador, o gestor. O Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

O usuário reclama das falhas no atendimento, da dificuldade no agendamento e de acesso ao serviço. O trabalhador reclama da pouca adesão do paciente ao tratamento, das exíguas condições de trabalho, da remuneração aquém do que deveria ser. O gestor reclama da falta de comprometimento do trabalhador, do usuário que procura o lugar errado para ser atendido, da falta de verba para execução dos programas propostos. O Poder Executivo, quando não é o próprio gestor, “elege” um único responsável pelo fracasso, ameaçando com a perda do cargo ou mesmo retirando esse cargo do gestor, a fim de se manter o controle, restringindo a administração pública a um único binômio: indicação-exoneração.

Questões que evidenciam a falta, a impotência, mas que também possuem vizinhança com uma linha de fuga enunciadas por Pelbart em conferência no IEA-USP em três de outubro 2008: “Como preservar a capacidade de ser afetado, senão através de uma permeabilidade, uma passividade, até mesmo uma fraqueza? Mas como ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?” Falta, impotência, potência e força; linhas que podem constituir algumas políticas de imaturidade, as que operam no gradiente negativo, se apoiam na tutela e na função-sacerdote, no modelo da falta que ao invés de nos afastar, nos empurra para o pecado. Linhas de potência e força se esgotam no inacabamento, forma ovo, plena, um corpo sem órgãos (CsO)<sup>12</sup> de energia.

---

<sup>12</sup>“primeiramente, algo que desempenha o papel de corpo pleno — corpo sem órgãos. [...] É a pele como invólucro ou anel, a meia como superfície reversível. Pode ser uma casa, um cômodo de casa, tantas coisas ainda, qualquer coisa. [...] Um corpo sem órgãos não é um corpo vazio e desprovido de órgãos, mas um corpo sobre o qual o que serve de órgãos [...] se distribui segundo movimentos de multidões, [...] sob formas de multiplicidades moleculares. O deserto é povoado. Ele se opõe menos aos órgãos do que a uma organização que compõe um organismo com eles. O corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, e tão vivo e tão

Como “medir” modos de subjetivação emergentes, focos de enunciação coletiva, territórios existenciais, inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais, às capturas do capital e que não ganharam ainda suficiente visibilidade no repertório da cidade? E mais, que perigosamente podemos chamar de despolitizados ou conservadores porque não cabem nos nossos modelos ou parâmetros?

Em outro âmbito, na esfera moderna da política em nós, o poder legislativo, pressionado por questões econômicas e políticas, elabora leis que nem sempre estão de acordo com as demandas e “necessidades sociais”. Conforme Baremlitt (2002) em todas as épocas da história, mas particularmente na nossa, não existem necessidades básicas "naturais"; não existem demandas sociais "espontâneas" a noção das necessidades é produzida, assim como a demanda é modulada; isto é, aquilo que os povos pensam que todos os membros de uma população e todos os povos do mundo precisam como "mínimo" não existe. Esse "mínimo" é gerado em cada sociedade e é diferente para cada segmento da mesma. Mas ainda dentro das ambiências, culturais e históricas, crianças e adolescentes têm alguma noção - pelo fio condutor da experiência - acerca de suas necessidades e as perdem, de modo que talvez já não sabem mais do que precisam e não demandam o que "realmente" aspiram, mas acham que necessitam daquilo que os experts dizem que elas necessitam e acham que pedem o que querem e como querem, mas, na verdade, precisam, querem e pedem o que os experts e o poder – que se evoquem as ciências, o capital, o Estado, a mídia – querem, produzindo necessidades, desejos e solicitações. Os jovens e adolescentes estão perto demais desse enorme exército de experts que acumulam o saber que lhes permite fazer com eles achem que precisam e solicitem aquilo que os experts dizem que precisam e que certos poderes lhes concedem. Agora, menos repressivo do que produtivo e otimizador, o poder já não se exerce somente desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo. Força reativa de uma política de imaturidade invisível, insidiosa, leve, fluxionária. Então, os grupos têm perdido o saber acerca de sua própria vida, a noção de suas “reais necessidades”, de seus desejos, de suas demandas, de suas limitações e das causas que determinam essas necessidades e essas limitações. Têm perdido certo grau de compreensão e o controle sobre que tipos de recursos e formas de organização devem dispor para colocar e resolver seus incômodos. Por isso, nesta pesquisa, interessam as instituições – lógicas e

---

fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização”. (DELEUZE, G e GUATTARI, F., 1995, p. 41). Tão vivo e expulsante, que aparece aqui também: p. 18, 31, 42, 43 e 76

modos de operar – que desejam em nós quando desejamos; porque minha clínica fonoaudiológica se faz fortemente com uma concepção alargada de infância e adolescência, porque sou profissional de saúde, porque sou trabalhadora do SUS desde que terminei a graduação.

A demanda por igualdade, por exemplo, a lei 8080, que regula e constitui o SUS, em seu capítulo II - Dos Princípios e Diretrizes -, artigo 7º, descreve entre seus princípios:

- I - universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência;
- II - integralidade de assistência, entendida como um conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;
- III - preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral;
- IV - igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie [...] (BRASIL, 1990)

Entretanto, mais interessante do que a ideia de *igualdade* - na lógica da revolução francesa burguesa e liberal -, seria o princípio da *equidade*. Ocorre que essa expressão não aparece. “Nem nessa lei, nem na 8.142/90 equidade em saúde é referida”<sup>13</sup>.

Segundo o Dicionário de Educação Profissional em Saúde<sup>14</sup>, a equidade refere incorporar o conceito de justiça, para uma distribuição igualitária em saúde:

“O princípio de equidade surge no período contemporâneo associado aos direitos das minorias e introduz a diferença no espaço público da cidadania, espaço por excelência da igualdade.”<sup>15</sup>

Bandeira forte do SUS, a equidade nasce quando se associa justiça à igualdade, reconhecendo a necessidade de envolver a diferença. Conceito interessante em tempos de caos e dessubjetivação, a equidade pode apontar uma região de vizinhança um tanto estranha, porque, distintamente do jogo sem indivíduo – e aqui perigosamente cavalgam juntos e se encavalam niilismo passivo e ativo, um não é oposto do outro –, dessubjetivado, que esta investigação afirma e desdobra (tenta jogar a quente), o jogo das populações-fatores, de outro modo, opera a frio uma espécie de “administração burocrática das diferenças” (Rabinow,

<sup>13</sup>Verbetes equidade em Dicionário da Educação Profissional em Saúde <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/equsau.html>, acessado em 03/03/14

<sup>14</sup>ibidem

<sup>15</sup>ibidem

1999) e seus fatores de risco, traços, índices, médias que já perdeu o sujeito, o indivíduo no sentido forte.. Sem sujeito tradicional. Ele se dividualizou em traços, índices, fluxos... Baseado em evidências, numa chave dessubjetivada, algo que desfunciona em experiências intensivas... Jogo complexo, sem indivíduo, tenso e reversível do niilismo passivo e ativo, a tendência contemporânea é que se desfaça cada vez mais o indivíduo privado (niilismo reativo) em favor de novas configurações, para além da dicotomia público-privado, massa-indivíduo; com isso opera certo dividualismo e outra noção de coletivo, a-centrado, multidão, caos, talvez, para além de dualismos.

Desejo causar certa perturbação e mostrar que o caos positivo também está aqui, em infinitas conexões sinápticas, para sinalizarmos uma certa saúde coletiva e em guerrilha e...“#ficadica” - como escrevemos nas redes sociais quando queremos chamar a atenção para algo -, pois a equidade (conforme dito anteriormente) se incorpora ao SUS porque “não basta um padrão universal se este não comportar o direito à diferença. Não se trata mais de um padrão homogêneo, mas de um padrão equânime”. (Sposati, 1998).

Ocorre que, ao propiciar acessos diferentes a diferentes usuários, a equidade pode assumir um “dark side”, opondo-se a outro princípio, o da universalidade e, distanciando-se dessa diretriz, reitera ações de focalização de programas, um SUS para os pobres, como diz Paim:

O PSF expressa essas contradições, pois tem ampliado o acesso à atenção básica e deveria reorientar os encaminhamentos para os demais pontos da rede, racionalizando o consumo de serviços e ganhando em escala. Entretanto, em cidades com mais de cem mil habitantes, onde apresenta baixa cobertura e se concentra nos bolsões de pobreza, termina por reproduzir, concretamente, em nome da equidade, o inverso da universalidade, ou seja, a focalização. (PAIM J. S, 2009, p. 126 e 127)

E é nesse contexto de ações pontuais e focadas que se encontra São Vicente. Dados do IBGE<sup>16</sup>, mostram que a população estimada de 2013 era de trezentas e cinquenta mil e quatrocentas e sessenta e cinco pessoas... Divida em área continental e insular, é tão discrepante a qualidade em um e outro espaço, que os moradores da área continental, quando vão para a insular, dizem: vou para São Vicente. De fato, elas sabem que são excluídas.

---

<sup>16</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355100&search=sao-paulo|sao-vice> acessado em 02/03/14

Além disso, trabalhadores, gestores e, porque não citar, usuários, infelizmente desconhecem leis e portarias, seja para subsidiar as ações, seja para combater os efeitos, denunciando a fragilidade de proposições como a do controle social, por exemplo. A definição de Controle Social encontrada no site do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome (MDS) refere-se à participação da sociedade na elaboração e gestão das políticas públicas, bem como a fiscalização da aplicação dos recursos públicos. “Controle”, “Participação”, “Social”... Palavras-camadas; devir-capcioso, cujo sentido pode perder-se numa “tontura” semântico-política, enfraquecendo algumas linhas, pois:

Do ponto de vista sociológico, participação é um conceito relacional e polissêmico, pois remete tanto à coesão social como à mudança social. A participação implica comportamentos e atitudes passivos e ativos, estimulados ou não. Na medida em que a ação mobiliza o sujeito do ponto de vista emocional, intuitivo e racional, a participação pode ser entendida como um princípio diretor do conhecimento, variável segundo os tipos de sociedade em cada época histórica.

No segundo sentido, mais estrito e de caráter político, participação significa democratização ou participação ampla dos cidadãos nos processos decisórios em uma dada sociedade. Representa a consolidação, no pensamento social, de um longo processo histórico<sup>17</sup>. (DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE)

A chamada “participação” é uma noção disciplinar do séc. XIX – que pode perigosamente recobrir de reconhecimento o que se passa no contemporâneo - e tem relação com formar uma espécie de Gestalt feita de parte e todo, massa e indivíduo, indivíduo e sociedade. Afora essa nota que é conceitual com efeitos ético-políticos, precisamos pensar que a lei 8142/90, assegura a dita *participação da comunidade* (supostamente feita de indivíduos) na gestão do SUS, ou seja, a *participação social*, através das Conferências e dos Conselhos de Saúde, compreendidos como colegiados e de formação paritária. Já o CMDCA, que, por também ser um conselho, tem as mesmas características de um colegiado e de conformação paritária e estratégia para/de controle social, dos conselhos de saúde, tem assegurada sua criação a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas fica sob responsabilidade dos governos municipais para sua efetivação. Na prática, os CMDCA surgem após a chacina da Candelária<sup>18</sup>. O ECA é de 1990, a chacina ocorreu em julho de 1993: um grupo de homens – que depois se verificou serem policiais – disparou tiros contra mais de setenta crianças e adolescentes que dormiam todas muito juntas, porque fazia frio, em

<sup>17</sup>verbetes: participação social. <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/parsoc.html>. Acessado em: 03/03/14

<sup>18</sup>[http://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina\\_da\\_Candel%C3%A1ria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina_da_Candel%C3%A1ria) acessado em 02/03/14

frente da Igreja da Candelária no Rio de Janeiro. A sociedade ainda iniciava sua compreensão sobre políticas de direitos de crianças e adolescentes e houve repercussão até internacional dessa tragédia.

Numa das entrevistas feitas no conselho, soube que, em São Vicente, o CMDCA foi fundado em 1994, num processo coletivo de elaboração da lei e formação do conselho construído a partir da eleição de um prefeito que representava com um pouco mais de democracia e que se implantou a municipalização da assistência, da saúde e criação dos seus respectivos conselhos (da saúde, da assistência, da criança e do adolescente, do idoso, do deficiente), todos naquele mesmo ano. Um grande movimento,

“pois a cidade já tinha uma organização da sociedade civil bastante ativa, com seus canais de encontro, nem que fosse para a feirinha de artesanato, para a festa junina”. [A rede invisível..]. “E eles se encontravam meio clandestinos, mas existiam. Naquele momento, o governo trouxe uma consultoria para fazer um processo de formação de dois anos com todos esses representantes da sociedade civil, uma mudança de paradigma total e de construção de políticas. Mas de intensa dificuldade, porque as pessoas estavam muito envolvidas numa prática diferente e os agentes mobilizadores ouviam a cada convite: ‘isso aí é o povo novo do prefeito querendo mudar tudo, mas aqui na minha entidade ninguém vai mudar nada!’ Quando se abria o debate, as pessoas iam resistentes, entravam mudas e saíam caladas... No entanto, com subsídios teóricos, com textos foi se construindo um intenso processo de formação”.(entrevistada)

Porque nesse choque de experts – estudiosos e sociedade civil – esta reconheceu na teoria daqueles umas demandas que lhe foram produzidas...

Um processo molar (Baremlitt, 2002) é um processo grande, evidente, formas discursivas daquilo que pertence ao macro. Os dentes molares são os grandes dentes da nossa boca. Indicam o início da dentição permanente (o primeiro pré-molar) e até o nascimento do “juízo” – o terceiro molar, popularmente, o dente do sizo, dente do juízo, por nascer ao redor dos 18 anos. Os dentes molares são essenciais na mastigação porque são eles que quebram o alimento em porções menores, até que ele mude sua consistência para ser deglutido. O molar pode ser o lugar da reconhecimento. São as leis, feixes que enfaixam as potências organizantes. Elaborados pelos experts sobre os que sabem “menos” e que não são reconhecidos como linhas de força ou até são, mas para serem engolidos por uma imaturidade capitalística que opera em uma outra direção-produção. Ou não... Porque o molar também pode ser o lugar do nutrir. As mesmas leis que amparam a organização dessas entidades, fortalecendo-as, alimentando-as para que alcancem resultados efetivos. Não diz o ditado que *o que arde, cura e o que aperta, segura?* Gente segura para agir... Poroso à essa formação da/na diferença,

quem sabe não é daí uma das potências do singular CMDCA de São Vicente? Um dos mais atuantes da Baixada Santista: envia seus representantes a diversos eventos regionais, participa de datas comemorativas como o 18 de Maio (Dia Nacional da Luta Antimanomial e Dia Nacional Contra o Abuso e Exploração Sexual Infantil) e do Bloco Carnavalesco Eureka (Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente) que sai pelas ruas de São Vicente no domingo anterior ao Carnaval, com samba e tema escolhidos por crianças e adolescentes e atraindo pessoas dos mais diferentes lugares numa alegre festa.

Voltando e finalizando a questão dos poderes, temos o poder judiciário que, imerso em seu imperativo, mantém-se fiel (cegamente? Dessubjetivamente?) à sua nova função julgadora em uma sociedade com pouca mediação, mas com muitas leis e protocolos: dê o remédio (em número crescente para crianças), opere *uma* doença (não necessariamente *o* doente), realize um aborto judicialmente prescrito, interne um viciado (compulsoriamente) etc. Talvez nesse âmbito o homem não seja mais a medida das coisas...

## **NILISMO NO SUS E NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E NO CMDCA E EM NÓS E...**

Encontrar e conhecer, por baixo do mero *reconhecer*, tais aspectos e tensões – condições de um niilismo terminal -, essencialmente por fazerem parte, em menor ou maior grau, do cotidiano do trabalhador de saúde no SUS e situá-los numa época bem recente em que nem fomos totalmente modernos e já somos jogados em coexistências e em pós - a constituição federal tem menos de vinte e cinco anos, a primeira eleição presidencial após a ditadura militar foi há vinte e cinco anos e a lei que institui o SUS fez vinte e quatro anos - nos provoca a pensar que no espaço que compreende as ações do SUS, observamos uma crise ou caos que denuncia um momento de transição, quem sabe as possibilidades - episódicas e reversíveis – do niilismo passivo e ativo, onde linhas são nós que prendem mas também vetores de intensidade que abrem.

E se no SUS, uma certa política e as representações podem parecer filmes ruins, levando-nos a reagir menos, estamos também em menor prontidão e voluntarismo para lubrificar as articulações que mantêm vivos todos os automatismos (conselhos, cientificismo,



cidadanias burocráticas etc.). As maneiras hegemônicas de sentir, pensar e fazer que asseguravam e, muitas vezes, asseguram o laço – os clichês a que me referi anteriormente e que agora aparecem como tais -, por vezes adoecido, entre nós e o mundo, vão secando, vão sendo trincados. Com o niilismo passivo, terminal, não há esperança e isso não é só ruim. Nada há pelo que se esperar. Do “nada mais é possível, não temos mais fundamentos fixos”, ao “tudo é possível, mãos à obra” do niilismo ativo: “eis um salto ínfimo e decisivo, mas, sobretudo, reversível e incerto”. (PELBART, 2009, p.33).

Se novas configurações, forças, linhas de composição dos vários niilismos podem se sobrepor, surgem formas híbridas e/ou compostas de pensar, de acompanhar algumas políticas públicas que consistem num cruzamento extremo entre niilismo negativo (monárquico, poder divino dos reis) e niilismo reativo (moderno, capitalista de gestão das populações) um em nome do outro. Então, quais seriam as pistas detectáveis quando, a partir de uma instância de Controle Social – uma instituição contemporânea e híbrida com a configuração declinante e moderna da cidadania, implicada com o niilismo reativo, no caso, o conselho municipal de direitos da criança e do adolescente (CMDCA) – a atenção de quem pesquisa se volta para uma potência, estágio larvar, niilismo ativo, experienciado pelos “rolezinhos” e as manifestações a partir de junho/13, onde jovens encarnam essas manifestações caóticas e difusas e a-centradas; rizomáticas, por isso não-hierarquizadas, acéfalas. Efeitos de niilismo ativo, uma imaturidade potente, que se desdobram e cruzam com noções disciplinares, imaturidade tutelar, quando o Conanda<sup>19</sup> emite uma nota pública favorável ao “direito de ir e vir dos adolescentes: ‘rolezinhos’”, lembrando leis para garantir os direitos à liberdade, ao consumo, ao lazer, à não-discriminação,

tendo em vista que os movimentos dessa natureza visam promover reflexos da mudança social e histórica do país, a autoridade pública tem o dever de salvaguardá-la e não impedir nem limitar o seu exercício mediante condições que não as previstas expressamente pelo texto constitucional. (CONANDA, 2014)

Pesquisar o deslocamento de um conselho de direito, instância do Controle Social, para além do Controle Social (CS), um Corpo sem Órgãos (CsO)<sup>20</sup>, um analisador, faixa de

<sup>19</sup>Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente

<sup>20</sup>“Máquinas abstratas ou corpos sem órgãos, é o desejo. Há muitas espécies deles, mas eles se definem por aquilo que se passa sobre eles, neles: continuums de intensidade, blocos de devires, emissões de partículas, conjugações de fluxos”. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 85). Caso queiram um pouco mais de CsO aqui: p. 19, 24, 42, 43 e 74.

Moebius porque “Ao mesmo tempo em que são os objetivos principais das propostas instituintes, eles são também os próprios meios para realizá-las” (BAREMBLIT, 2002, p.18).

Como operam as linhas de imaturidade no campo de constituição institucional dessas gentes: infletindo em funcionamentos de presidente, conselheiros, funcionários etc, as micropolíticas que podem estar em jogo em uma ambiência (também!) de desvalorização de todos os valores “supremos”, do desmoronamento de um edifício moral, religioso e civilizatório em que aquilo que valia deixa de valer e o que era respeitável se banaliza (niilismo passivo)?

E, além disso, também será possível operar as políticas de imaturidade com o movimento niilista?

Uma política de imaturidade que joga com a tutela, disciplina, a função-sacerdote isso pode estar em muitos lugares, favorece o modelo de falta, os modelos fixos, o jogo (nesta política) desliza no niilismo negativo e reativo: o que nos falta é a perfeição...

O turbocapitalismo, a leveza necessária para a velocidade fluxionária dos "empresários em nós", índices, códigos, ultra-sensíveis superfícies de contato, as hiperconectividades para acúmulo, consumo, produção de lixo e riqueza, bebe nas águas do niilismo passivo e sociedade de controle e também está presente numa outra política de imaturidade? Força reativa, quem sabe?

É importante ressaltar que não se trata de fazer dos quatro niilismos um sistema fechado ou uma grade terminada de análise (onde tudo deve encaixar-se), pretendi utilizá-los tão-somente como operadores de interlocução *sob* as experiências, pois as pistas emergiram das narrativas, espreitando quais linhas (e mestiçagens) estão em jogo, quais novas linhas podem ser secretadas, linhas duras, flexíveis, de fuga? Linhas feitas de quê a cada caso? Podem-se detectar espaços intersticiais, anômalos, numa lei municipal - um pouco como em Nietzsche, para quem o mais assustador pode trazer embutido o mais promissor, ou como em Deleuze-Guattari que sempre se instalam nas linhas em que o “pior e o melhor” se cavalgam - numa portaria, por exemplo? A que institui a configuração do CMDCA, talvez? Se linhas de fuga não são para fugir do mundo, mas para fazer fugir um mundo, para criar mundos, é possível mapear forças ativas de (trans)formação, abertura nas brechas da lei, nas novas leis e nas instituições (visíveis ou não) que emergem com elas?

Tecem-se caminhos diferentes para a produção de micropolíticas para, no e além do CMDCA. E se chega a velocidades distintas, à possibilidade de uma temporalidade diferenciada, onde a lentidão não seja impotência, onde a diferença de ritmos não seja disritmia, onde os movimentos não ganhem sentido apenas pelo seu desfecho: tempo preci(o)so para buscar as leis que regem; enrijecem o CMDCA, feixes dos fasces<sup>21</sup> para regozijo do fascista que habita/se esconde em nós. Controles, conselhos, gestores...

Ao propor uma cartografia do que chamei de “políticas de imaturidade”, tomando o CMDCA como um dos analisadores, firmo pactos e alianças com potências da vida, isto é, com a produção de laço, a capacidade de invenção de novos desejos, associações e novas formas de cooperação; com a observação-interferência da (e na) dinâmica da transformação do (e no) lugar que hoje é ocupado por esse conselho municipal a partir da narrativa de seus representantes e afins, buscando conhecer e acompanhar processos, experiências em que elementos anteriormente apresentados, entre tantos outros, podem estar presentes. Sendo assim, os processos são acompanhados de um ponto de vista nada distante. Ao contrário, implicado. Compromisso e retribuição, aspectos fundamentais ao se efetivar um contrato definitivo, de implicação, conforme alerta Baremlitt. Permitir-se companhia, compor. Disposição genuína onde técnica e tática estão a serviço de, não para domínio do. É ajudar um cego perguntando a ele como podemos fazer isso. Enxergar vale pouco se nossa visão não chegar de uma forma que ele usufrua. Não uma questão de deficiência e sim do conhecimento de duas experiências tão diferentes que podem se completar. Criando uma terceira experiência interessante para todos.

---

<sup>21</sup>Símbolo do Império Romano associado ao poder e à autoridade. Fonte: Wikipédia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fasces>. Acessado em 31/03/14

## MEU CAMINHO PARA UNS OBJETIVOS

*“A prática do cartógrafo é, aqui, imediatamente política”*

(Suely Rolnik)

É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa. Um escritor de profissão pode ser julgado segundo seu passado ou segundo seu futuro, segundo seu futuro pessoal ou segundo a posteridade ("serei compreendido dentro de dois anos, dentro de cem anos" etc.). Bem diferentes são os devires contidos na escritura quando ela não se alia a palavras de ordem estabelecidas, mas traça linhas de fuga. (DELEUZE, G e PARNET, C., 1998, p.37)

Neste trabalho (aprovado pelo Comitê de Ética através da Plataforma Brasil, CAAE: 12759313.3.0000.5505, na data de 19/04/13 e sob parecer nº 250.128) não se tratou de avaliar, mas de acompanhar as micropolíticas, mapear, descrever e comparar formas, tendências, predominâncias, diferenças e singularidades através das narrativas.

A configuração de um campo problemático se encadeou a partir das relações da política com uma produção científica, mas também com o campo cultural, com a criação coletiva, com uma produção social, os quais demandaram operadores conceituais do campo da filosofia, que puderam contribuir para uma ampliação da potência de produção textual no âmbito da pesquisa, bem como a introdução de novos elementos para pensar aspectos muitas vezes sedimentados no cotidiano dos profissionais a ela relacionados, no que tange à produção de verdades, a invenção e as dimensões factual e verossímil. Imagens narrativas constituídas em escritos verossímeis, plausíveis, sem a pretensão de dizer a verdade, representar reuniões ou acontecimentos, sujeitos, coisas ou fatos, tão somente o que elas almejam é arrastar algo dos lugares e a vida experimentada nos encontros, tênues ligações no espaço provisório das páginas e da encadernação (não apenas, claro) que as agenciou. Algumas linhas temáticas, em alguns trechos, surgiram como predominantes; em outros,

configuraram-se como secundárias. Isto permitiu a formação de superfícies com relevos em mutação, que subsistem<sup>22</sup> ou se desvanecem. Simultaneamente, novas superfícies se constituem em continuidade ou dispersas, descoladas. Até aqui, o método cartográfico, que priorizamos como insular – quer dizer, formando ilhas, aglomerados de pensamentos num campo de interface entre a filosofia, a política e a clínica – foi uma possível adesão para traçar a metodologia desta pesquisa. Nossa relação com a pesquisa se deu por meio da construção de mapas, seguindo a acepção de Deleuze (1997, p. 76) quando escreve:

Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço ao que subentende o trajeto.

Nesta perspectiva de uma práxis política, esta pesquisa teve seu foco em singularidades com marcas e em processo de demarcação pelo sofrimento e alegria. Essas gentes, crianças e adolescentes, são vulneráveis, exigindo-nos uma ética que acompanhasse e intensificasse singularidades desde a própria fragilidade. As repostas a esta exigência não se reduziram a um modelo unificador. Pensando os procedimentos e interferências, nenhum modelo pôde ser descartado, substituído ou moralizado. Estavam dispostos a servir a uma operatoriedade da produção de subjetividade. Assim, o critério de maior ou menor inclusão de um modelo foi analisado em função de cada caso.

Esta metodologia está descrita em Rolnik (1989, p.15):

[...] a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. [...] Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

A metodologia de análise dos dados deu-se por meio da construção de mapas móveis, portanto, uma cartografia, para analisar (e produzir) os dados da investigação. Também a produção de narrativas foi ferramenta para acompanhar e analisar experiências,

---

<sup>22</sup>Sim, diferentes tempos verbais se tocam. Passado e presente, juntos na mesma folha, não são erro de coerência textual. Clarice Lispector (1999) me ajuda: “Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. E, se você me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me respeitar. Escrever é uma maldição.” Desconheço uma forma de demonstrar os deslocamentos cartográficos, os fluxos do hodograma que atravessaram a mim e à minha pesquisa, que não seja permitindo uma certa complicação de tempos que se (me) acompanham.

prospectando dimensões sutis, isto é, as micropolíticas do/no CMDCA e reconhecendo as linhas tênues, fortes, intermitentes, de fuga, das políticas de imaturidade. “Auscultar<sup>23</sup>” um corpo ativo para investigar essas políticas imaturas, potentes, fluxionárias, cognitivas, disciplinares, que prescindam da produção de verdades e admita a experiência verossímil como traço afirmativo, alheio à dicotomia que opõe evidência (objetiva) e interpretação (subjetiva), composto de tantos campos de força, agonismos, antagonismos, linhas duras, flexíveis, de fuga, perspectivas ético-políticas, camadas não-hierarquizadas: um mil-folhas (tomando emprestado o doce exemplo dado pela professora<sup>24</sup> no início do mestrado) de possíveis interpretações. “Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude.” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p.10,11)

Esta dissertação consistiu na sustentação de uma pesquisa-intervenção (intervenção no âmbito de lidar com o material, com as discussões do conselho, o que está vivo e se voltou para o conselho, mas que rebateu em mim também. E uma certa intervenção na Universidade, na medida em que esta se mostrou porosa para permitir espaço de trocas e discussões. Enunciar algumas maneiras. Uma intervenção possível: sentar com criança e adolescente e falar de política com elas – um dos meus mais caros objetivos, porque não consigo pensar um conselho de direitos para criança e adolescente sem criança e adolescente..), de caráter qualitativo, através do diálogo com leis e pareceres e da produção de narrativas a partir de cenas. Do CMDCA, de uma infância, de uma vida.

Mais do que encarnada na pesquisa, discussões foram emergindo, frutos dessas cenas e diálogos e minha ideia inicial de mapear o campo de constituição do CMDCA, discutindo política pública a partir da atuação no SUS utilizando-se de narrativas, foi se abrindo, se abrindo não, se rasgando, assustadoramente em uma coisa que surge:

Há acontecimento ou vidência quando alguém encontra suas próprias condições de existência, ou as dos outros; aquilo que se chama “lutas”, pelo menos em sua fase ascendente, e viva, exprime então, nesse sentido, menos uma tomada de consciência do que a eclosão de uma nova sensibilidade. [...] Uma vez que uma relação é sempre exterior, em Deleuze, essas novas relações são também encontros.

---

<sup>23</sup>Auscultação é o termo técnico para a escuta dos sons internos do corpo, normalmente usando um estetoscópio. Wikipedia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ausculta%C3%A7%C3%A3o> Acessado em: 03/10/2012

<sup>24</sup>Dr.<sup>a</sup> Maria Fernanda Petrosi Frutuoso, durante a disciplina “Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Práticas (GEPPRA)”.

Encontramos brutalmente o que tínhamos cotidianamente diante dos olhos.  
(ZOURABICHVILI, F., 2000, p. 340)

Impensada eclosão, o que encontro não são territórios irreais, são planos existentes, reais e virtuais - ainda que essa imagem seja insuficiente – ao modo matrioskas refletidas num cubo espelhado, uma multiplicidade de imaturidades no centro sem centro desta investigação. E que o CMDCA pode ser um analisador dessas políticas. Haveria no conselho certo embate de políticas, uma agonística de imaturidades e não uma saída supostamente “melhor” porque madura, justa e equilibrada oposta (antagonista) a imaturidade. Há um discurso de competência espetado (imaturidade excitada, capitalística) e também uma aposta no inacabado, no potente, no larvar como imaturo e fecundo. Mas essa imaturidade não guarda só essas forças. Há a imaturidade que tutela, disciplina, produz falta, cansaço e agilidade capitalista-contemporânea, ela mapeia discursos, atas, publicações, eventos em brincadeiras compulsivas e compulsórias.

“Escolher” a cartografia como método é transversalizar a pesquisa, possibilitando o aparecimento de configurações político-estético-clínicas e emergindo, colateralmente, lateralmente, a ideia da imaturidade como algo que está do lado negativo, algo a ser superado e distintas políticas de imaturidade, lugar da possibilidade e também do negativo. Isso é um deslocamento da pesquisa. A (i) maturidade tinha um valor do topo de expectativa, imenso, não havia como relativizar essa experiência e, ao mesmo tempo, era o impensado, algo evidente. Chegamos a um lugar um pouco tateantemente porque toda a discussão da cartografia permite esse tateamento. A discussão do Agambem sobre a cegueira da luz na época atual também ajuda nisso. Ver na escuridão aquilo que estava vindo por narrativas e esse problema foi aparecendo. Não só a imaturidade, como distintas políticas.

“Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto” DELEUZE (1994, p. 9)

## UMA LINGUAGEM ESBURACADA... E INFORME

Sujeito-linguagem, sujeito-cidadão, sujeito-qualquer, não-sujeito. Linguagem – materialidade e singularidade. Destrinchar essas palavras e para além da compreensão e da mera representação, partindo-se de uma ciência e área profissional, a Fonoaudiologia. Para Freire, (2012):

interessa ao fonoaudiólogo uma concepção de linguagem que lhe permita ver a linguagem em seu funcionamento, ou ainda a linguagem em sua singularidade. A patologia de linguagem, portanto, indicaria um funcionamento peculiar do simbólico. O objetivo da clínica fonoaudiológica será então conhecer esse funcionamento e nele intervir usando a própria linguagem.

Engenheira, arquiteta, pedreira, moradora da casa-linguagem. A construção da escrita, compreendida e utilizada largamente na reabilitação, o famoso "letramento" humano, demasiado humano. Aliás, bem interessante essa expressão, prima-irmã de "alfabetização", mas um pouco menos incompleta, pois se vai colocando letras em seu processo de ler e escrever, não o alfabeto em sua sequência. Interessante também é que, durante a digitação desse texto, a palavra colocando tornou-se "colando", o que nem está "errado", na medida em que se aproximam e se afastam as letras, e/ou grafemas, a unidade menor da letra quando situada em seu espaço gráfico. Se é uma construção, pensemos em tijolos-letras. Letra t, grafema t, letra r, grafema... Depende da palavra e do som que se quer; um ou dois "erres", no caso... Tijolos, paredes, frases. Antes, palavras, depois, orações. Poderosas como rezas... Sintaxe, concordância. Discordância... Uma afirmação das máscaras:

“Máscaras [...] constituem matérias de expressão através das quais seus afetos atuais podem ser plenamente vividos. Materias como quaisquer outras.” (ROLNIK, S. 1989, p.28)

As máscaras, neste entendimento, são “operadores de intensidade” (Rolnik, s. 1989, op. cit.), dispositivos que possibilitam a passagem de afetos. Não se trata, como afirmado no mundo platônico, de retirá-las para que sua verdadeira face apareça. Sua credibilidade será dada pelo que possam estar operando nesta passagem de afetos e não pela referência e alguma suposta essência. As máscaras são criação de mundos. O que nos indicam



as intensidades e seu mundo de máscaras? Que a dualidade entre essências e aparências, como de resto todas as dualidade, só cabe quando acreditamos em valores universais.

Muito menos uma questão de justificativa do que de territorialização e desterritorialização, quem sabe uma estranha transdisciplinaridade, a contribuição da minha formação profissional. Ela não vem nesta investigação como reivindicação de uma identidade ou lava pés da área profissional, talvez como uma potência de esburacamento; um jogo mais da ordem da perversão e da subversão... Escrever esburacando a linguagem, roubando a expressão de Beckett, me remete à sensação de galopar: velocidade aumentando, vento na cara, ritmo fortemente marcado pelos cascos furando o solo. Terra, grama ou areia deslocados e formando outros micro-terrenos. O pavor de utilizar-me de ferramenta até então considerada tão familiar que chegou a ser subestimada - a escrita - dispara o coração da mesma forma como o subir e descer ondulatório (quase solitário, à maneira da estereotipia do autista balançando o próprio tronco) batendo duro na sela durante o perturbador galope. Até o momento em que o coração decide largar o medo, bate no mesmo compasso da cavalgada e é possível enxergar com clareza e prazer o caminho que decidi percorrer: esburacar a linguagem é pervertê-la! É através das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve, "perfurar buracos" na linguagem; buracos pedem passagem. A escrita enquanto código, a narrativa enquanto estilo.

Perverter no sentido etimológico – virar para fora, sair do “bom caminho” supondo que não existem prescrições e proscricções neste campo, nem “caminho verdadeiro”. Mas apoiando-se na experiência, de onde a linguagem emerge. Segundo Passos e Benevides citando Deleuze, a estrutura se encarna nas realidades e nas imagens segundo séries determináveis; mais ainda, ela as constitui encarnando-se, mas não deriva delas, sendo mais profunda que elas, “subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação” (DELEUZE, 1974, p. 274). Aqui, emprega-se o termo “estrutura” para designar o que é da ordem da linguagem e do inconsciente transindividual (PASSOS; BENEVIDES pág.159) A linguagem, dado o seu caráter social, está ligada à construção dos conceitos (ZORZI, 1994, p. 136) e se espalha retratando e produzindo o presente, evocando o passado e o futuro. Uma narrativa pode antenar políticas, não avaliá-las, acompanhando contornos sutis e flexíveis às ondulações de linguagens e políticas.

Sabe-se que cabe à Fonoaudiologia a compreensão dos processos de aquisição e desenvolvimento de fala e linguagem, assim como sua reabilitação. Mas por que a

Fonoaudiologia não pode esburacar e perguntar? Por que a ela só cabe responder com os olhos voltados para a reabilitação, se a comunicação humana é a fonte de nossa ciência? Será por que, como nos lembra Nietzsche (2001), a comunicação se dá sob a pressão da necessidade que há entre uma pessoa que comanda e outra que obedece?

Cientistas mensurando ondas de amplitudes vocais, frequência fundamental da fonte glótica, os decibéis ouvidos ou não, processados ou não, o tônus do orbicular dos lábios durante a emissão da vogal arredondada /o/. É a voz, é a fala, a audição, o canto... A escrita? também “enquadrada”, medida, contraída e estendida. Oxalá, entendida... Aliás, Com Oxalá podemos, talvez ouvir outras vozes não formatadas... Linguagem menor... Fonoaudiologia baseada em evidências - há uma fonoaudiologia baseada em evidência pode haver uma “baseada” em narrativas - se há uma; o surgimento da consciência fonológica, a habilidade de soletração, a apropriação do sistema ortográfico, as parafasias semânticas e fonológicas, as agrafias, as perseverações, a troca dos traços distintivos.

A ciência que cuida da comunicação *humana* fragmentando o humano até um índice, uma unidade de medida - hertz, decibéis, segundos... - sem (se) tocar na comunicação. Coexistem aí outras comunicações e signos, com Clarice Lispector (1998) os hertz são *inumanos*, para ela, na Paixão segundo G.H. “Estar vivo é uma grossa indiferença irradiante. Estar vivo é inatingível pela mais fina sensibilidade. Estar vivo é inumano. [...] o não humano é o centro irradiante de um amor neutro em ondas hertzianas”

É o pintor que se fixa nas tintas, na textura das tintas, nas cores das tintas, na variedade das tintas. E a tela está em branco. E foi desenhada com giz, lápis, sangue. E roubaram a tela. E choveu e estragou a tela. E a tela é muro branco de Deleuze com buraco negro de Guattari.

Um artista que não canta, uma poesia não feita. Uma criança sem fala. Um aluno sem escrita. Um trabalhador sem voz. Uma fonoaudióloga que não pensa outras possibilidades da e na linguagem!

A palavra-código, decifrador, delimitador e caminho para produção e naturalização do humano, reencontrando experiências humanas, demasiadamente humanas... A palavra escrita marcada num instante de tempo que pode ou não estar restrita a ele. A palavra, ao mesmo tempo, arma, abrigo e oratório. A escrita alfabética como A grande invenção da humanidade: um conjunto de 26 letras com infinitas possibilidades de

(re)arranjos, “versão atualizada” da escrita ideográfica. Mas a escrita não é só isso, não é bem isso. Não é tudo isso. Não é. A escrita pode. E poda. E pede.

Escrever no lugar de, no limite de algo que nem sei ainda, mas que já dói... Ou escrever de vários lugares, rizomaticamente espalhada, horda de ratos famintos daquilo que só quem é rato sabe o que é...

Pensamentos... Pensar, etimologicamente é ver o peso. Mas também é ter cuidado: “enquanto os frades oram, pensam os burros”, dizia minha mãe brincando com as palavras. Sigo a pista do cuidado - cuidado como política pública e construído num plano atravessado por tantos saberes e produzindo tantos encontros e agenciamentos como o do CMDCA. Cuidado como estratégia de crescimento e de protagonismo. O (contínuo) aprendizado do cuidado de si - e a linha da escrita como experiência. Sem restringir a escrita à representação de pensamento e atenta à sua constituição organizante, escolho deixar a patologia (do discurso do afásico e dos problemas de aquisição e desenvolvimento da linguagem) para me debruçar no “o que quero falar quando falo, o que fala em mim quando falo; o que quero escrever quando escrevo, o que escreve em mim quando escrevo” e encontro o que chamarei de “arte-e-manhas” da língua: expressões insignificantes, seja por serem escritas com poucas letras; às vezes uma é suficiente, como no caso dos artigos definidos no singular, ou por serem suprimidas em determinados códigos, como a língua brasileira de sinais - LIBRAS), ou nem serem letras, mas sinais gráficos de pontuação, ou avisos de leis dentro de leis, esvaziando seu caráter pétreo mas revelando sua associação com o bel-prazer do poder... Arte-e-manhas de significados ocultos, de certa forma perigosos, porque podem construir verdades universais, reiterar clichês e jogar o jogo do velado e desvelado... Construções políticas nessa/dessa fala e escrita. Poder e potência de uma instituição - a linguagem - infiltrada, permeada, sedimentada, expandida, confrontada, negada em uma organização.

Para além da voz, da articulação da fala, do significado, do sentido, uma fonoaudiologia construindo caminhos a partir de pistas, mais ou menos tênues. Arte, Filosofia, Cartografia. Linhas de pensar e de experimentar, de experimentar. Acompanhar processos. Internos e externos. Tatear, observar e interferir. Em muitos momentos, inter-ferir também. O dito, o não-dito, o bem-dito, o mal-dito.

Sofremos de um mal-dito excesso de comunicação, estamos trespassados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens, e que melhor seria arranjar

vacúolos de solidão e de silêncio, para que se tivéssemos por fim, talvez, algo a dizer. Há um não falar que é um sim a vida. Que isola para estar à altura das experimentações. Silêncio como proteção provisória para se defender das feridas mais grosseiras, parasitárias, neonarcistas das sociedades atuais, para tornar-se *imperceptível*. Pode haver nisso uma saúde grande. Não expor-se a tudo.

Um *fechar-se* estratégico, que refere Nietzsche, isolar-se para *não ver muitas coisas, não ouvi-las*, uma *autodefesa*. Seu imperativo obriga não só dizer NÃO onde o SIM seria um “altruísmo”, mas também a dizer NÃO o mínimo possível. Separar-se, afastar-se, daquilo que tornaria o NÃO sempre necessário [...] reagir com menor frequência possível<sup>25</sup>, para se abrir à violência fecunda das feridas mais sutis e que aumentam a potência da vida, não o silêncio cansado de uma blindagem, mas o que preserva as mãos *abertas* para outras experimentações. (HENZ, A. 2010, p. 84)

Largar dicotomias, elas estão caducas e no contemporâneo, até o turbocapitalismo, não lida tanto com elas, e, dançar pela faixa de Moebius. Concordo, discordo, acordo! conforme canta Arnaldo Antunes. Assombrosas possibilidades, perturbadoras ações. Para... Nada!

Porque não interessa o fim, mas o meio. Só temos o meio. Criança na praia fazendo castelo de areia... Termina e destroi a obra. Rindo! Porque quer fazer outro castelo.

Alegria. Algo profundo, intenso. Transformador. Transforma a dor! Sofrimento e alegria reconciliam-se, tarefa nietzscheana, o cristianismo gosta do par sofrimento e tristeza. Seres inumanos, corpos sem órgãos<sup>26</sup>, ex-pressão criada por Antonin Artaud, para espremer - não no sentido romântico do creme dental, espremer o que tem lá dentro - a delimitação do olho, do ouvido, do cerebelo, da língua, do coração, do útero... Camisa de força que nos acompanha do primeiro choro ao último suspiro?

Um corpo sem órgãos permite-se. Vetores de força, amplitude, têm direção: transpassam a pele, a carne. Multiplicam potências. Para além e aquém do encarnado, *porque antes do ser vem a política*, nas palavras de Deleuze citando Guattari no livro Diálogos. Aproximando-me da política e da política pública para pensar uma saúde coletiva, "minha"

<sup>25</sup>NIETZSCHE, F. *Ecce Homo Como alguém se torna o que é* (2008, p.44 e 45)

<sup>26</sup>“Corpo sem Órgãos, quer dizer, o corpo não-formado, não-organizado, não-estratificado ou desestratificado, e tudo o que escorria sobre tal corpo, partículas submoleculares e subatômicas, intensidades puras, singularidades livres pré-físicas e pré-vitais”. (DELEUZE, G. e GUATTARI, F., 1995, p. 56) Mais? Umas pistas nas págs. 19, 24, 31, 43 e 74

Fonoaudiologia se contrai e expande, super-nova, muito, mas muito além do eixo significante-significado.

E é do anterior ao ser e que o produz que me proponho delicada, demorada e intensamente a falar, escrever. Narrar. Eu cuido dos seres. Acompanho-os, escuto-os, apoio-os, fortaleço-os, inquieto-os, incomodo-os, desequilíbrio-os. Pontos, muitos pontos. Pontual e “certo”. E incompleto. Se o intuito é construir, linhas irrompem. Traçados em combinações infinitas que se encontram, interferem-se e deslocam-se, (des)formam-se planos.

Linhas de fuga dessa Fonoaudiologia: política pública, controle social, conselho municipal de direitos da criança e do adolescente. Corpo sem órgãos, não mais eixos significante-significado, planos multidimensionais, caleidoscópicos. Nenhuma rigidez, mas todo o rigor. Na Instituição Linguagem e seus sistemas fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, é nesse último que se espreita, atenta e vagarosamente. Gato que se alimenta com as orelhas para trás. Vê-se a função, mas é o funcionamento que se pretende capturar, acompanhar, produzir. Devir-linguagem ampliado à potência invisível ao olho, háptico, ao ouvido, ao cérebro, à mente, ao pensamento. Devir-linguagem que agencia. Encontro. Colisão. Produção de (des)conhecimento. Mesmo que a linguagem seja veículo do poder e um poder, o objeto em que se inscreve o poder, como diz Barthes (1977, p.12):

A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva [...] Jákobson mostrou que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer.

Uma comunidade sem comunidade que não tolera mais demandas empurradas goela abaixo, corpos que não aguentam mais, no limite da impotência, se arrastando doloridos por tantos anos de adestramento e disciplina, mas resistindo e resistindo e resistindo. “Cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência. É a razão pela qual toda doença do corpo é, ao mesmo tempo, a doença de ser agido, a doença de ter uma alma-sujeito [...]” (LAPOUJADE, 2002, p. 13). Um expert que também pertence à “comunidade do não pertencimento” contemporâneo. Porque tem sempre alguém mais expert perto de você. Nas palavras de Estamira, ligeiramente modificadas, há sempre um *experto ao contrário* perto de nós e poderíamos dizer também nos habitando. Lutando contra expert que insiste em mim, esqueço minha especialização e forjo em mim uma Fonoaudiologia desqualificada, tecendo linhas que vibram com a dimensão política dessa linguagem, de um indizível porque ainda informe. Por isso não informa...

Com muito respeito e pedindo permissão, porque escrever é entrar com cautela e compromisso num terreno desconhecido durante todo seu trajeto, minha intenção é desdobrar em que se fala com essa fala, em que se escreve com essa escrita, em que se inscreve essa linguagem, pois, como nos lembra Agambem (2012, p. 102): “a linguagem pode perfeitamente nomear aquilo de que não pode falar”. Do indizível que podemos apenas nomear e que está longe do logos, do discurso, ao dizível que é aquilo que podemos falar mesmo que não tenha nome, a linguagem adquire contornos foucaultianos quando nos mostra que pode ser instrumento para vigiar e punir. Linhas duras e cerceantes, fortemente presente nas leis e editais, por exemplo. E é o próprio Foucault, conforme escreve Deleuze (1988) que também dá à linguagem o privilégio de reunir o seu ser. E Deleuze (1988, p. 142) continua, agora citando Rimbaud, que o super-homem é aquele carregado de seus próprios animais, do inorgânico e de sua linguagem, “‘região informe, muda, não-significante, onde a linguagem pode liberar-se’, até mesmo daquilo que ela tem a dizer”. Esse homem do futuro, super-homem, surge não como um conceito novo, mas como uma nova forma, informe, imatura...  
Que

se faz vidente por meio de um longo, imenso e estudado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca por si mesmo, esgota em si todos os venenos, para guardar apenas suas quintessências. Inefável tortura em que ele precisa de toda a fé, de toda a força sobre-humana; em que ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o supremo Sábio! – Pois ele chega ao desconhecido! Já que cultivou sua alma, já rica, mais que qualquer outro! Ele chega ao desconhecido; e quando, enlouquecido, acabar perdendo a inteligência de suas visões, ele as viu! (RIMBAUD, 1871, p.159)

Linguagem, também uma política de imaturidade...

## MAKING-OF DE UMA DISSERTAÇÃO

*“As coisas nunca se passam lá onde se acredita, nem pelos caminhos que se acredita.”*

*(Deleuze)*

“[...] Estou cada minuto mais permissiva: eu me permito mais liberdade e mais experiências. E aceito o acaso. Anseio pelo que ainda não experimentei.” (LISPECTOR, C. 1998, p. 38). Exatamente como a personagem de Clarice: é assim que me sinto. Mas, também e, por isso, por permitir mais liberdade, faço um convite para uma leitura tão ziguezagueante que talvez interesse uma preparação do que virá. Uma pré-para-ação, que já é uma ação...

Conforme o título sugere, “making-of (expressão em inglês que se refere ao registro de imagem e som dos bastidores da realização de um filme, novela, videoclipe, documentário etc) de uma dissertação” é um arrastão de sensações-conceitos, tarrafa jogada ao mar de ideias para “pescar” elementos que podem ajudar – e já são no decurso um campo - na problematização dessa pesquisa. Ainda capturando expressões do mundo das imagens, com o rigor que isso exige, utilizo-me de um storyboard<sup>27</sup> de palavras e sinais para traçar esse bem caminhar, quer dizer, mal, tropeçado, rizomaticamente.

Uma assustadora montanha russa, um gradativo aumento da velocidade, uma marcha-ré nessas linhas escritas se configuram como flashes de imagens narrativas, uma linguagem cotidiana que se exercita do supostamente confessional ao impessoal, são momentos de pausa, relatos, inquietações, quem sabe precedidos por três asteriscos, pequenos vagalumes ou três-marias num céu cheio de possíveis, sem liame necessário... Ao contrário... Porque escrevo fragmentos em tudo o que leio e sublinho, as próprias linhas são linhas que se complementam, embora rizomáticas. O exercício extenuante; árduo subir de montanha e um

---

<sup>27</sup>Storyboard são organizadores gráficos tais como uma série de ilustrações ou imagens arranjadas em sequência com o propósito de pré-visualizar um filme, animação ou gráfico animado, incluindo elementos interativos em websites (fonte: Wikipédia, capturado em 31/05/13).

ar puro e rarefeito, é um fragmento espargido como gotas de dúvidas e perturbações. Muito menos porque eles estão escritos em quase todos os lugares lidos, e em quase todos os lugares frequentados há textos esperando – serem lidos e marcados e refletidos e re-encontrados e discutidos... – mas porque o pensamento não dá conta de contrair a experiência (do próprio pensar, inclusive) e fazer caber é podar, cortar, delimitar, diminuir, amputar...

Quem sabe invocando parênteses que se abrem e fecham não na frase, mas em algo maior... Tão sem cabimento que só um texto, entre-texto, pode tentar conter... Parênteses que são solicitados por motivos semelhantes ao que Agambem (2012) escreve sobre as aspas, porque foram chamados para fora de seu campo habitual.

Quem sabe espaços apenas. Espaços que acomodam outros possíveis... Ex-passos...

Espaços são devir-Fonoaudiologia. Espaços são dobras da comunicação. São silêncios na fala, na escrita e na leitura. Os espaços permitem novas palavras. Separam expressões para unirem ideias. Sem espaços, blocos rígidos se (de)formam.

Espaço-silêncio é potência comunicativa e de contágio.

Há um silêncio que não comunica... E eu aprendi que é impossível não comunicar... Mas há um silêncio que não comunica, vacúolo... Silêncio-solidão povoada, nada de comunicação gregária. Aquele que nada significa ou simboliza (esgotado). E isso interessa, porque ressoa com uma linguagem esburacada, mas ainda não entendi, repito. É um Silêncio de não entender. Lembrei-me do álbum do Rappa, “O Silêncio que precede o esporro”, fúria contraída; toda tensão, pleno de significados... E talvez seja um silêncio que não precede nada especificamente, e, por isso pode permitir.

Desse silêncio esgotado, achei apenas as unhas de Deleuze (1992), que o próprio se refere a elas dizendo que seus amigos nunca repararam e que também eu nem percebi sozinha; unhas-sementes plantadas e que não fazem ninguém falar...

O caso não é guardar silêncio, mas de qual silêncio se guarda. Em italiano, a palavra “guarda” quer dizer “olha”... De qual silêncio se guarda? É o silêncio do filmes de



Beckett e Deligny<sup>28</sup>? Os adultos em seus afazeres e as crianças autistas orbitando ao redor de nada, errâncias silenciosas para nada. Esse silêncio era desorientado, com alguma inflexão do próprio Deligny e isso não quer dizer que era algo da ordem da vontade e do eu. De qual silêncio se guarda? O silêncio da comunhão, de ver o filho dormir, de pessoas que estão sob o mesmo teto-lugar, mas lendo ou escrevendo ou cozinhando ou se abraçando ou andando na água? De qual silêncio se guarda? Um silêncio. Não se trata de plenitude, silêncio pleno. Também silêncio-alegria que fecha o olho para sentir o vento? Cabe ver, tatear, ouvir, sentir, farejar.

Talvez, espaço-silêncio seja potência...

Silêncio espaço-vazio pode produzir niilismo ativo...

Essa “forma-camadas” de expressão que exponho, camadas que deslizam, que desaparecem de um lado e aparecem de outro, autorizadas a partir de agora pelos asteriscos, parênteses e espaços, mas também por notas de rodapé, um certo “manual de instruções” – na camada “Pai Apolo desce pra ajudar” da página 17, uma insistência em expressões, conceitos que ecoam, vibram em diversos momentos desta dissertação, reconheço-as estranhas e em comunhão com que Deleuze (1995, p. 31) escreveu sobre o rizoma:

“Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.”

---

<sup>28</sup>O nome do único filme de Samuel Beckett é “Film”. “Le moindre geste”, de Fernand Deligny

## NARRATIVAS E PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS. COMO E PARA QUÊ?

A pergunta que nos auxilia na construção de narrativas é a que faz Luiz Orlandi (2008): “O que em mim quer, o que na minha vontade está querendo?” Que forças desejam em mim quando desejo? Com essa pergunta somos lançados para um lugar em que a psicologia do eu imediata, em que a consciência imediata da vontade individual não funciona e não dá conta. O pesquisador tem o direito de perturbar a consciência, o eu e a vontade com a produção de narrativas! Como escreveu o poeta Heiner Muller: “se não há mais deuses ou Deus jogando com nossas vidas, nem por isso elas passaram a nos pertencer”. Dito de outro modo, tudo se passa como se o pensamento só começasse lá onde não há mais um “eu”, onde Deus (nihilismo<sup>29</sup> negativo) e o sujeito (forma-homem da modernidade) encontram uma morte comum, deixando finalmente o horizonte livre para a experimentação que caracteriza o pensar. Não surpreende, nesse sentido, que todo pensar seja correlato de um sofrer, pensar é sempre perturbador. Uma tal dissolução do eu implica sempre experiências-limite, eventos de uma tal violência que estilhaçam o bom senso e o senso comum, fraturam o sujeito e produzem esse “Eu profundamente rachado pela linha do tempo” de que tanto fala Deleuze. “Somos compostos de linhas variáveis a cada instante, diferentemente combináveis, pacotes de linhas, longitudes e latitudes, trópicos, meridianos etc. Não há monofluxo.” (Deleuze, 2008, p.83)

O trabalho escrito foi produzido com as experiências frequentadas por crianças, adolescentes e profissionais que participaram da conferência municipal, relatos sobre reuniões ordinárias, lembrança de uma infância comum, de modo a legitimar exercícios de narratividade acompanhando ações dos representantes no conselho. Narrativas para produzir dados e recolher marcas singulares das muitas questões e perspectivas. Ferramentas de pesquisa que podem se instalar no trabalho de acompanhar sob as “aparentes pessoas” (eus, tus, nós) a potência de algo comum, um impessoal interessante, um movimento das redes, que de modo algum é uma generalidade, mas uma tentativa de precisão acerca das singularidades.

Narrativas: “Tudo isso é o rizoma. Pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes, traçar a linha e não fazer o balanço. Criar população no deserto e

---

<sup>29</sup>ver, caso interesse: p. 30 e p. 79

não espécies e gêneros em uma floresta. Povoar sem jamais especificar.” (DELEUZE G., PARNET C. p. 22).

### Índios e palavra-tempo-espaço de narrativas:

Mas numa celebração da Palavra que “tem terra” irrompe o momento da criação de Deus que dormita em cada instante e mesmo os indígenas que não têm lugar vital, os que estão desolados, reinventam seus espaços imaginários, onde lhes é possível o impossível. A vivência dessa espacialidade é profundamente comunitária para os indígenas. Seu sentido somente pode ser captado pela expressão arete, que significa tempo-espaço (ára) verdadeiro (ete), quando e onde se celebra a mutua (oño-) palavra (ñe’ẽ). É a palavra restauradora que por fim se voltará contra os espaços dominados e agraciará os desolados com um novo tekoha, um novo espaço vital. A festa é o tempo-espaço verdadeiro. [...] é a reinauguração de um tempo caracterizado pela presença ativa e criadora das divindades. É o tempo de recontar histórias, tempo de dizer às coisas seu começo. É o tempo profundo durante o qual se reinaugura o mundo. (CHAMORRO, 2008, p.. 279 e 280)

Palavra indígena da tribo guarani, cuja crença na palavra, como um abrigo, palavra-local de todo. Visível ou não, da potência. A força da palavra. Palavra tem força, esforço e potência: pá-lavra! A narrativa, que para os índios – imaturos porque inacabados quanto à forma homem, sem a forma civilizatória; não produziram interioridade a ferro e fogo, fluidos, rápidos. Também para se amoldarem aos costumes brancos e não morrerem (tanto). Antropofagizam o branco – é oralidade menor, nessa língua não-escrita. Alheia ao que está em volta, espalhada pelas esquinas de São Vicente, chocam-se curumins, tão lindos e sujinhos, e suas gentes pedindo esmola e/ou atrás de um artesanato. Imaturidades irrompem: linguagem, infância, índios. Potentes e tristes, no silêncio das gentes invisíveis na porta dos shoppings e dos bancos e das lojas e...

Observo as bochechas redondas, os olhos amendoados, (mais de) uma semelhança. Mas não somos da mesma tribo; um nome finge ser branco e eu deixo tudo como está. Nesse “nome-palavra”, tempo de contar histórias, não sento ao lado da gente miúda, não compro seus mudos papagaios de madeira nem suas cestas trançadas. Também não telefono para o conselho tutelar – porque tenho medo que separem mãe e filhos. Apenas continuo hipócrita – eu tirei a vírgula depois de “continuo”. “Eu não sou da sua rua, eu não falo sua língua, minha vida é diferente da sua. Estou aqui de passagem.”<sup>30</sup>

<sup>30</sup>“Eu não sou da sua rua” – Branco Melo, Arnaldo Antunes. CD “Mais”, Marisa Monte (EMI-1994)

## A PRIMEIRA REUNIÃO

Chegou com a sessão já iniciada. A porta estava aberta, pediu licença e se sentou mais ao fundo. As mulheres eram a grande maioria. E também muito arrumadas, maquiadas, perfumadas, pareceu-lhe uma sessão solene. Sentiu-se deslocada. Não conhecia ninguém, chegou um pouco depois dos outros e tinha acabado de sair do trabalho, ou seja, nada de scarpins, maquiagens e escovas no cabelo... Quem lia a ata anterior justificava a ausência da presidente. Quem seria ela, então? Percebeu que havia uma lista para assinar, pois quem chegava depois dela, logo pegava a prancheta e procurava seu nome; ao final da reunião, viu que o seu também estava lá. Havia bolachinhas salgadas, wafers e café na grande mesa. Algumas pessoas bastante à vontade se levantavam e se serviam, outras após se levantarem, distribuía os petiscos. Queria um café, desesperadamente, mas não teve coragem de pegar. Queria se aquecer e permanecer alerta; o que era lido na ata e dito posteriormente, não fazia o menor sentido para ela. Pensou: será que é sempre assim, cansativo e incompreensível? As pessoas também pareciam um pouco ausentes; escreviam outras coisas, talvez, ou verificavam agendas, ou falavam ao celular. E olhavam evasivamente para frente. Não conseguia identificar suas expressões faciais e os outros não se importaram muito com ela: a olharam quando entrou e se sentou e só. Algumas pessoas saíram antes da reunião acabar. Encerrada a sessão, foi em direção à mesa se apresentar. Disse seu nome e a qual secretaria representava. Sentiu olhares em sua direção. A mulher que presidia a sessão informou que ela substituiria uma médica. Disse também: seja bem vinda! Sorrisos e um gole de café. Finalmente.

Reconhecimento. Cansaço. Quem vê de fora percebe a repetição, manutenção de (a)fazeres. Imaturidade como reconhecimento, zona de conforto, não a expressão tão familiar das empresas e seus RH – recursos humanos –, mas, literalmente, uma zona-confusão de gentes, entra-e-sai, celulares imprescindíveis, enfim, e zona-espço de poder que se pode apropriar com inebriante facilidade e onde tudo é supostamente sabido: máquina burocrática, pesada tábua de lei e portarias. Mecânico, automático. Correto. Corretivo... Pode estar em jogo também uma política de imaturidade que lida com a tutela. A rédea curta, fatigada dos protocolos e o jogo pós-humano que está implicado com isso com efeitos políticos em haver, a cada caso.

## COMO SE FAZ UM EDITAL

*Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo — elas podem um dia milagrar de flores.*

(Manoel de Barros)<sup>31</sup>

Casa cheia aquele dia!

Os conselheiros que trabalhavam no terceiro setor compareceram em peso. A verba que o fundo municipal disponibilizaria para os projetos que seriam enviados já estava depositada na conta do conselho. Havia prazos e definições rígidas a serem cumpridas, mas elaboradas pelos próprios conselheiros!

Política em ação: projetor de slides ligado, documento do editor de texto aberto. Um edital sendo reescrito “na parede” para ser publicado em um ou dois dias, no máximo. Um membro da secretaria executiva lia cada linha, a presidente perguntava se a plenária aprovava. Em caso negativo, o conselheiro pedia a palavra e expunha suas objeções. As questões eram as mais diversas possíveis: desde a necessidade de cópias simples ou autenticadas dos documentos solicitados, até a data limite para uma entidade ser reconhecida pelo CMDCA. Poderia uma entidade que teve bastante tempo, desde sua criação, para solicitar reconhecimento junto ao conselho, fazê-lo apenas para enviar um projeto? Cabe ao conselho restringir o reconhecimento de alguma entidade - por saber a intenção de enviar projetos - e não de se regularizar - se não há restrição de tempo para sua solicitação, apenas para sua efetivação? Outras, bem conceituais, diziam respeito aos eixos contemplados estarem ou não de acordo com o plano anual, elaborado pelos próprios conselheiros em 2009 e depois transformado em decenal em 2010. Poucas pessoas faziam comentários e eram sempre esses poucos que falavam. Tantas cadeiras ocupadas, mas sempre as mesmas pessoas se expondo. O que será que impedia alguns de falarem? A reunião ultrapassou em quase uma hora o seu

---

<sup>31</sup>Poesia Completa, p.342

término, mas a maioria ficou. Tão cansativo quanto produtivo. Sim! Foi produtivo: produção de conhecimento e do edital, por isso uma política de imaturidade potente, porque operar o novo é uma das possibilidades dos estágios larvares, imaturos. Ainda que também hajam incidências da noção imaturidade que operam no jogo disciplinar, pesada tutela, bem como em gasosos rearranjos capitalísticos...

## DAS INTERROGAÇÕES

*Digo: “Não faço a pergunta quando tenho medo da resposta.”*

*O duque do século XVII rebate: “A esperança e o temor são inseparáveis e não há temor sem esperança, nem esperança sem temor”.*

A alegria de, enfim, dar os primeiros passos para a concretização de uma pesquisa diminui frente ao temor de rever um local, “Casa dos Conselhos”, lar de uma organização cujas paredes são “velhas” conhecidas. Desengavetar noções sobre a formação de um conselho de direitos, portarias municipais do governo e do conselho, assim como pareceres deste e das instâncias estadual e nacional para analisar as micropolíticas em jogo, algo trabalhoso e fundamental para a “compreensão” da pesquisa. Mas, o que amedronta, no entanto, são os agentes, “somos” as gentes e os agentamentos que implicam, replicam. Os eleitos conselheiros, especificamente e “eu”, que, um dia, já pertenci a esse grupo.

No decurso do tempo mais uma vez a pesquisa mudou de título – do projeto até agora mutações, linhas, inflexões - e isso foi só o começo da investigação. Tantas voltas enjoam - enjoio marítimo mesmo em terra firme, diria Kafka -, tamanha perda de equilíbrio, mas por que uma posição estável, sem oscilações ou desvios seria desejável a uma pesquisa? E o campo problemático perscruta os representantes do conselho - conselheiros ou não - por que falar das gentes (um desvio de certos problemas), se a nomenclatura geralmente utilizada é “atores sociais” e ou sujeitos? Interessa a ideia de sujeito (um sujeito que subjaz), se o que há é uma representação de conselheiro, um lugar onde se está e não algo que se é, uma identidade? Por que não ocupar, atuar?

Indivíduo, sujeito, ator social... Forte sensação de que se fala da mesma coisa moderna, século XIX, um resto declinante, claudicante de Deus e do absoluto – com ou sem aspas? Sem aspas, uma afirmação. Antes de expor minhas momentâneas ideias, prefiro

referir-me ao organismo vivo (bios) como “coisa viva em um mundo” e com Clarice penso em um mundo:

[...] cujo maior horror é que ele é tão vivo que, para admitir que estou tão viva quanto ele - e minha pior descoberta é que estou tão viva quanto ele - terei que alçar minha consciência de vida exterior a um ponto de crime contra a minha *vida pessoal*. (Lispector, C. 1998 p.13)

No contemporâneo trata-se da vida como valor maior, não das categorias humanistas (sujeito, indivíduo ou pessoa) já referidas. Em todo caso, para muitos, fraseando Caetano, “esse papo meu tá qualquer coisa”, tamanha complexidade de pensar acerca de algumas palavras-conceitos, com “outras palavras”. Se a aposta for da metalinguagem, a questão pode se retirar da vida e confundir-se linguisticamente. – sem reconhecer que a categoria semântica a que pertencem as palavras pode amarrotar possíveis categorias políticas e históricas.

É importante sublinhar que nesta investigação não se trata de uma concepção de história meramente descritiva, factual, mas que procura dar conta dos conceitos, sabendo muito bem que *uma palavra é muito diferente de um conceito*. Procurando privilegiar, portanto, as definições, se pensamos com Michel Foucault, concluímos que, conceitualmente, era impossível *ser* ou falar de doença mental antes do séc. XIX e que no século XXI trata-se de *apresentar* transtornos (CID 10, DSM IV e V<sup>32</sup>) e não mais doença e muito menos do mental como um todo.

Outro exemplo – de uma história conceitual ou genealógica que interessa à problematização do indivíduo – é a passagem do sodomita (século XVII) para o homossexual (século XIX), descrita por Foucault (1976 p 56) na história da sexualidade. O primeiro um reincidente, alguém que pratica um ato que contraria uma regra pública. O segundo é alguém cujo desvio expressa – desde “dentro” na lógica do indivíduo - uma essência interna, uma natureza interior pervertida e patológica. O homossexual é uma criação recente. Foucault tenta chamar a atenção para essa nomenclatura. Mesmo que não seja uma nomenclatura científica, é mais que uma terminologia vaga, é uma terminologia que tem um sentido conceitual específico e que, mesmo que não faça parte de nenhuma ciência estrito senso – ao modo das noções de pessoa, indivíduo ou sujeito – pode ser estudado conceitualmente. Isso

---

<sup>32</sup>CID – Classificação Internacional de Doenças. DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais



porque talvez não diga alguma coisa cientificamente, mas diz alguma coisa como um analisador político. Então, Foucault chamou a atenção para isso, a homossexualidade, embora utilizemos cotidianamente, é uma terminologia nascida na medicina e na psiquiatria da doença mental. E é algo que não diz respeito somente ao ato, é alguma coisa que diz respeito a um comportamento privado, familiar e profundo. O psiquiatra moderno vê o homossexual como um “bicho estranho”, que tem uma determinada configuração patológica, íntima e sentimental, independente daquele ato, que seria somente um tipo de ação que configurava o sodomita do século XVII - que é muito mais o outro da razão sem sujeito -, uma categoria legal e moral.

O indivíduo ou sujeito moderno se adensa no século XIX, e enfrenta o seu declínio no contemporâneo. Deleuze (1988) diz que um conceito não nasce e morre por prazer, mas que é destituído por novas funções e novos campos e que o conceito de sujeito não escaparia dessas regras e teria realizado duas funções. “Ele já cumpriu suas funções: inicialmente, uma função de universalização, em um campo no qual o universal não era mais representado por essências objetivas, mas por atos noéticos ou linguísticos” (DELEUZE, 1988). E continua, mais adiante:

Em segundo lugar, o sujeito cumpre uma função de individuação, em um campo no qual o indivíduo não pode ser uma coisa nem uma alma, mas uma pessoa, viva e vivida, falante e falada (“eu-tu”). Esses dois aspectos do sujeito, o Eu universal e o Mim individual, estão necessariamente ligados? Mesmo ligados, não existe conflito entre eles, e como resolver esse conflito?

Irresistível pensar-escrever-junto... Se Deleuze não sabia resolver o tal conflito dos dois aspectos, aparentemente antagônicos do sujeito, eu então... Acontece que, talvez, não interessasse a Deleuze resolver conflitos, mas sim criá-los e experimentar e experimentá-los e deixar pistas de um (outro?) sujeito, pré-individual, fonte-produto de acontecimentos, cujas velocidades e espaços problematizam os novos campos a que eles se referem e se inserem. Poderíamos, assim, nos utilizarmos da expressão “sujeito”, desde que soubéssemos se tratar agora de uma reconfiguração nada universal e, muito menos, individual. Em outras palavras:

O conhecimento e mesmo a crença tendem, pois, a ser substituídos por noções como “agenciamento” ou “dispositivo”, que designam uma emissão e uma repartição de singularidades. São essas emissões, do tipo “lance de dados”, que constituem um campo transcendental sem sujeito. O múltiplo se torna o substantivo, multiplicidade, e a filosofia a teoria das multiplicidades, que não remetem a nenhum sujeito como unidade prévia. O que conta não é mais o verdadeiro nem o falso, mas o singular e o regular, o remarcável e o ordinário. É a função de singularidade que

substitui a de universalidade (em um novo campo que não tem mais utilidade para o universal). (DELEUZE, 2003 p. 327)

E ator social? “Ator” é aquele que desempenha um papel, um ator social exerce e exercita algo em determinado espaço político, democrático e público? E isso não é a ação do sujeito ou indivíduo, exclusivamente? Não. Para tratar essa questão façamos um desvio para pensar os atores e o teatro político a partir das tragédias gregas antigas que não são

apenas uma forma de arte, mas uma instituição social que, pela fundação dos concursos trágicos, a cidade colocava ao lado de seus órgãos políticos e judiciários. Instaurando sob a autoridade do arconte epônimo, no mesmo espaço urbano e segundo as mesmas normas institucionais que regem as assembleias ou os tribunais populares, um espetáculo aberto a todos os cidadãos, dirigido, desempenhado, julgado por representantes qualificados das diversas tribos, a cidade se faz teatro. Mas se a tragédia parece, assim, mais que outro gênero qualquer, enraizada na constituição da chamada realidade da polis, isso não significa que seja um reflexo dela. Não reflete essa realidade, questiona-a. (VERNANT e NAQUET, 1977, p..17)

Com esse tônus, articulando uma polissemia de atores, música e dança, a tragédia emerge no século VI, dura em torno de um século e depois “desaparece” com a cultura racional. Nietzsche assinala a oposição entre a cultura trágica e a racional: na trágica há a ordem humana e a religiosa, dos deuses, embora já em algum nível discriminadas mas indissolúvelmente imbricadas uma na outra, há um mundo ainda repleto de mistérios e um mundo que não se controla, um mundo cujo sentido escapa por todos os lados. Com a cultura racional que surge principalmente com a cultura Socrática, Platônica, Aristotélica e assim por diante, segundo Naffah (1996, p. 34). Nietzsche (1995, p.8) diz que, com Platão, começa uma coisa completamente nova. Emerge a cultura racional, o direito e uma tentativa de controle cada vez maior do mundo e da chamada realidade. O que a filosofia e o direito vão tentar fazer é uma espécie de hierarquização em que o mundo vai ser dividido em proposições verdadeiras e falsas. O que a metafísica vai fazer é primeiro instituir uma ideia de verdade. Portanto o mundo vai ser filtrado, hierarquizado, selecionado em termos do que se aproxima e se afasta da verdade. Com a metafísica vai surgir a moral e o que se aproxima e se afasta do bem. E com o direito vai surgir a ideia do justo e o que se aproxima e se afasta da justiça. Com a cultura racional há uma tentativa cada vez maior de controlar e domesticar o mundo. Se no universo trágico há um mundo que não está definido de antemão e que é uma profusão de forças que escapam por todos os lados, no mundo racional temos um mundo domesticado, hierarquizado, ordenado em função de certos valores metafísicos, morais e jurídicos.

“É preciso, em primeiro lugar, situar a obra, alargando o campo da pesquisa ao conjunto das condições sociais [...]. Em seguida, concentrá-lo exclusivamente, suas formas, seu objeto, seus problemas específicos.” (VERNANT e NAQUET, 1977, p 17-20). E é no sentido de continuar com a discussão acerca do direito, ator, autor... Que inicio, rapidamente, com as três noções de delito:

Também nessa época, assim como a cultura trágica, o direito já procurava instituir uma nova ordem, a do sujeito responsável, distinguindo crimes cometidos "de bom grado" dos cometidos "de mau grado", ou seja, na ignorância ou com conhecimento de causa. Dessa forma, no universo trágico a avaliação da responsabilidade oscilava entre duas interpretações diferentes: por um lado, associava-se à noção de *falta* (*hamártema* = "erro" de espírito, poluição religiosa, em que o ser humano é tornado por forças sinistras que o arrastam e enlouquecem); por outro, era engolfada pela noção legal de *delito* (*adíkema* = delito intencional, que deve ser punido, a ser distinguido de *atýchema*, acidente imprevisível, não passível de punição). (VERNANT e NAQUET, 1977, p.17)

Ecos longínquos poderiam ser ouvidos na legislação atual nos crimes inimputáveis – cometidos por crianças ou adolescentes com menos de dezoito anos, ou por pessoas declaradas legalmente incapazes –, nos crimes dolosos ou culposos, com e sem intenção, respectivamente. Aproveito a oportunidade dessa aparente desterritorialização para escrever um pouco sobre a questão da redução da maioria penal, fortemente (mal) explorada pela mídia brasileira, principalmente após violentos crimes recentemente cometidos por adolescentes. “Fui eu... Diz Édipo e foi Apolo... Quem me cegou” Tomado por um deus, tomado por forças... Do capital, hoje... Por não eu... Não indivíduo moderno... O que deseja em mim quando desejo... Contemporaneamente... Qual é o jogo? Qual é o jogo?? A quem interessa instituir que um jovem de dezesseis, quinze, catorze, treze anos, menos ainda? Uma criança? Alguém ainda em desenvolvimento – orgânico, psíquico, sexual, social... – tem condições de responder criminalmente por atos tão violentos, não, sem antes, ter sofrido outras violências (in)visíveis? Não consigo mais escrever, por isso recorro à Clarice Lispector:

O problema de justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele — e, sem me surpreender, não consigo escrever. E também porque para mim escrever é procurar. O sentimento de justiça nunca foi procura para mim, nunca chegou a ser descoberta, e o que me espanta é que ele não seja igualmente óbvio em todos. Tenho consciência de estar simplificando primariamente o problema.[...] Do que me envergonho, sim, é de não ‘fazer’, de não contribuir com ações.[...] Disso me envergonharei sempre. (LISPECTOR, C.)<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup>A Descoberta do Mundo (1999)

As, assim chamadas, realidade, verdade, direito e justiça se deslocam com a jurisprudência, de acordo com Deleuze (1988), que diz que lutar pela liberdade é fazer jurisprudência. As situações evoluem se fazem em embates micropolíticos, se deslocam e o direito as acompanha (e é acompanhado), produzindo realidades, verdades, então, a jurisprudência seria o jogo agonístico da criação dos planos de referência, do direito (o aceitável, o intolerável, o indiferente), e da chamada realidade, enquanto dure... E antes que algum pensamento refém do bom senso e do senso comum se utilize dessas noções acerca da jurisprudência para justificar a redução da maioria penal no Brasil – não se trata de abonar, mas, sobretudo entender esse vetor recorrente – pensemos na jurisprudência na internação compulsória de crianças e adolescentes usuários de drogas, na proliferação das comunidades terapêuticas, no abuso e violência sexual infanto-juvenil... Nesse cipoal, no entanto, pode nos ajudar o exemplo que dá Deleuze acerca do modo de operar da jurisprudência quando critica os direitos humanos na entrevista abecedário:

Mas não Direitos Humanos. Teria feito jurisprudência, porque é a vida! Não há Direitos Humanos, há direitos da vida. Muitas vezes, a vida se vê caso a caso. Mas eu estava falando dos táxis. Um sujeito não queria ser proibido de fumar em um táxi e processa os táxis. Eu me lembro bem, pois li os considerandos do julgamento. O táxi foi condenado. Hoje em dia, nem pensar! Diante do mesmo processo, o cara é que seria condenado. Mas, no início, o táxi foi condenado sob o seguinte considerando: quando alguém pega um táxi, ele se torna locatário. O usuário do táxi é comparado a um locatário que tem o direito de fumar em sua casa, direito de uso e abuso. É como se eu alugasse um apartamento e a proprietária me proibisse de fumar em minha casa. Se sou locatário, posso fumar em casa. O táxi foi assimilado a uma casa sobre rodas da qual o passageiro era o locatário. Dez anos depois, isso se universalizou. Quase não há táxi em que se possa fumar. O táxi não é mais assimilado a uma locação de apartamento, e sim a um serviço público. Em um serviço público, pode-se proibir de fumar. A Lei Veil. Tudo isso é jurisprudência. Não se trata de direito disso ou daquilo, mas de situações que evoluem. E lutar pela liberdade é realmente fazer jurisprudência.

\*\*\*

Tais interrogações que implicam os *direitos da vida* podem problematizar os direitos humanos, a lógica representativa e até mesmo a fé na democracia representativa e expressam, talvez, o escuro d'alma e do mundo no jogo político que produz as verdades e realidades. Escuro da alma e do mundo, ainda que não se trate de psicologização, quiçá algo mais ao modo do “homem” trágico possuído por deuses e impulsos apaziguantes e ou agressivos:

a agressividade como força transformadora (em processos de autodefesa); o ódio (como um aliado da agressividade), nesses mesmos processos; o ciúme e a inveja

como forças de auto-sustentação, em momentos em que a nossa existência está “alienada de si própria”, só capaz de desejar o que fantasiávamos que o outro recebe ou possui (NAFFAH, A. N., 1996 p. 3)

O que opera em nós que não se resolve ou inicia no pequeno eu? “Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia?” (NIETZSCHE, 1998 p. 9) Desejando “me procurar” pela busca do tesouro, expressão que Nietzsche utiliza para falar da riqueza do conhecimento, percorro um caminho ziguezagueante que, novamente, me leva aos gregos e suas tragédias em mim:

Olhemos agora para aquela autoridade suprema que decide o que se pode chamar de são num povo. Os Gregos, enquanto povo verdadeiramente são, justificaram a filosofia de uma vez para sempre, pelo simples fato de terem filosofado; e mais do que todos os outros povos. Nem deixaram de o fazer a tempo; pois até na árida velhice se comportaram como ardentes adoradores da filosofia, embora entendessem por filosofia apenas os sofismas piedosos e as subtilezas sacrossantas da dogmática cristã. (NIETZSCHE, F. 1995 p. 03)

“Tudo é um”: nesse pensamento-crisálida, devir-conceito de Nietzsche a respeito da primeira proposição do filósofo grego Tales ao dizer que a água é a matriz de todas as coisas, pode-se reconhecer um plano comum, não necessariamente um pathos da origem de “todas as coisas”; num pensamento de cabeça “fonósofa”<sup>34</sup> que diz-pensa<sup>35</sup> uma possibilidade, a de que o homem trágico, pré-socrático diga tanto do ator, quiçá presente no CMDCA com o que ele tem de demasiado moderno e também implicado com a forma além-do-homem contemporânea. “Tudo é um” não se restringe ao humano, muito pelo contrário, trata-se do inumano.

Isto é, centrando a investigação nessa singularidade nômade, anônima e livre que atravessa “homens” e plantas e animais, ou seja, nos poderes da vida (bios) e nos seus processos, evacuados de toda teleologia (sem finalidade pré-estabelecida) [...] O ponto de vista de um valor além-do-humano deveria considerar as condições "da preservação e intensificação de formas complexas de duração relativa de vida no interior do fluxo do devir" (Nietzsche). A condição transhumana diz respeito precisamente ao devir não-teológico, num processo imanente de "desregulação antropológica"(desconfiguração do humano). Quando Nietzsche pergunta: "o que ainda pode tornar-se o homem?", ele estaria falando de um futuro que não aborta o humano, mas o liga inseparavelmente ao inumano. (PELBART, P., 2003, p. 71)

<sup>34</sup>fonoaudióloga + filósofa, carinhosa invenção criada para se referir a mim.

<sup>35</sup>Fantástico título da performance da reinauguração do Laboratório de Sensibilidades da Unifesp-BS em dezembro/12.

\*\*\*

Além, (d)isso: de onde venho quando escrevo, o que vem em mim na escrita? E se me escapo e não me junto nunca mais? Lento processo desvago, como as conchas do oceano de Guimarães Rosa<sup>36</sup> de me desunificar? E se “me escapar” e “me desunificar” não são um mesmo esvair-se: coisa: amorfamente espalhada por aí? E se eu não souber, se eu não aguentar me desunificar?

O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade. No entanto na infância as descobertas terão sido como num laboratório onde se acha o que se achar? Foi como adulto então que eu tive medo e criei a terceira perna? (LISPECTOR, C. 1998 p. 124)

Vou escrever mesmo assim. Perguntas Clariceanas: “Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo”?

Desertar um euzinho, encontrar com a escrita uma potência não pessoal, sob os ditos indivíduos, um fim exterior que transborda a narrativa. A vida não é algo pessoal. A escritura tem por único fim a vida, através das combinações que ela faz (DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, 1998 p.6). Há um eu blasé, recheadinho de clichês e que julga o conselheiro bom pela assiduidade às reuniões ordinárias, que pensa que a militância política não é atravessada por disputas e vaidades, que generaliza que os jovens não são preconceituosos e que as crianças não gostam e não sabem discutir política, que imagina que a administração municipal sabe como funciona o CMDCA e é interessante trabalhar com os clichês sem exconjurá-los, recombina-los, criar possíveis e narrativas com eles... Seriam narrativas ao modo de conchas, que compõem o esqueleto disperso e desvago do mar? Um jogo fragmentário do confessional ao impessoal. Uma potência do impessoal que nos permite ultrapassar a fragilidade de um ego a fim de alcançar as intensidades de uma vida. Movimento impessoal, das singularidades - não o meramente individual -, nele podem-se entrever forças e formas de contar os acontecimentos liberadas das intercorrências de dentro e fora do eu, do que se denomina subjetivo e objetivo naquilo que acontece. Com a impessoalidade, não se quer nenhuma neutralidade, mas uma espécie de abstinência que permita que o acontecimento possa emergir e tomar forma num discurso não prescritivo. Uma matéria viva numa forma

---

<sup>36</sup>“As conchas são os ossos do oceano, disperso esqueleto, desvago” Guimarães Rosa, Aquário (Nápoles)

qualquer... Porosidade que se deixa atravessar pelas manifestações de junho/13 agenciando discussões e escrevendo narrativas. Nutrindo a produção de imaturidades.

Forma de pensamento jurídico, o dos direitos? Qual pensamento jurídico, o da jurisprudência? Forma de uma tragédia ao modo dos gregos anteriores a Sócrates e Platão? Quais experimentações trágicas nos atravessam em meio ao nosso mundinho dos protocolos (nihilismo passivo) e a proliferação de pequenas leis para reger cada ato – muitas em nome da saúde e da cidadania – que prescindem da vontade, do eu e da mediação, há muitos deuses e forças em nós.

“A tragédia ensinava uma sabedoria de viver isenta de qualquer conotação moral” (NETTO, A. N., 1996 p.4). Sem culpa e sem deveres? E sem direitos? Apenas respeito - ou não - pelas forças vitais?

Para os gregos,

tragédia como união de dois impulsos básicos da natureza: o impulso apolíneo e o impulso Dionisíaco. Ao impulso dionisíaco, assim nomeado em referência ao deus Dionísio, pertencem todas as forças que estão presentes na vida sob a forma de êxtase, união cósmica com a natureza em alegria ou sofrimento, expansão, intensidade, fecundidade, eterna transmutação. Dionísio é o caos originário, o sem-fundo proliferante a partir do qual se produzem todas as formas; o conjunto das forças do mundo em eterno movimento de expansão e de intensificação, preche de virtualidades, aspirando a alguma forma possível. (NAFFAH, A. N., 1996 p.4)

“Dioniilismo” ativo! É possível operar com algo do “homem radiante, inocente, puro esplendor” da tragédia grega? Platão não venceu... Os heróis-conselheiros... Ou os trágicos conselheiros... O que se reconhece no encontro com o conselheiro? E na ausência do conselheiro – falta à reunião, abstenção de comentário, não-participação em comissões... O que se escuta do silêncio?

O apoio de Apolo – forças ligadas a processos de dar forma, limites, contornos, individualidade, clareza e direção a impulsos originalmente caóticos e/ou preponderância do Socrático que formata excessivamente? Em todo caso, na etimologia de Apolo, Nietzsche encontrou brilho e a aparência. Apolo é a divindade da luz, Apolo é fébu, o que significa fébu, é o resplandecente, Apolo é o brilhante é também aparência. Forma, luz e ilusão da forma. Pois bem, essa luminosidade predicada de Apolo é a estratégia grega trágica para lidar com o sombrio, para lidar com o tenebroso da vida.

Da lama ao caos; manifesto manguebeat, “caranguejos com cérebro”, caranguejo salta a dor... Mangue, terreno fértil, fundamental ao ecossistema. Um caos para além da oposição ordem e desordem, não é mera confusão. Se sairmos pela rua podemos fazer a experiência desse caos pela paisagem velha conhecida de São Vicente, território familiar de várias crianças e adolescentes, talvez de alguns conselheiros. Também se ficarmos sozinhos, bem quietinhos, vamos sentir o caos trabalhar nos nossos próprios corpos e mentes. É só ficar bem quieto.

*fui no mangue catar lixo  
pegar caranguejo  
conversar com urubu*

O apoio de Apolo e ou do socratismo que tem necessidade da lógica restrita, da inteligibilidade abstrata, da ponderação e do senso comum? Como pensar esse jogo na lei municipal que institui o CMDCA de São Vicente, datado de 1994? Quem sabe Apolo – ou uma socrática competência – venha na figura de uma consultoria contratada pela administração municipal para montar o CMDCA e elaborar a lei que o rege, valendo-se da ideia-clichê de que a gente que vivia e trabalhava em São Vicente não teria condição de fazer o necessário sem ajuda do especliasta.

Ou nas resoluções que organizam as eleições dos conselhos tutelares – a última ocorrida em 2012 – versão caricata e triste de “Esperando Godot”: tantos com a pose de Pozzo, Luckys perturbadores que não têm nada de sorte, Didis e Gogos tão espalhados quanto paralisados pela estrutura que os confinam e, finalmente, o Garoto-eleição presumindo uma democracia e proteção da infância e adolescência que jamais virão, tal como o personagem-título...

Atravessam-me tantas interrogações, dúvidas, incertezas, enquanto procuro pelo (des)caminho. O que eu busco?

Toda busca é uma crise. O que é procurado nada mais é do que o giro da busca, que faz acontecer a crise: o giro crítica. Isto é desesperadamente abstrato. - Por que? Eu diria mesmo que toda obra literária importante o é tanto mais que ela põe em funcionamento, mais direta e puramente, o sentido deste giro o qual, no momento em que ela vai emergir, faz estranhamente cair a obra onde se mantém, como seu centro sempre descentrado, a inoperância: a ausência de obra. (BLANCHOT, 2001, p. 72)



“Que positividade poderia haver nessa ausência de obra que faz dela um ato, isto é, nem uma ausência propriamente dita, nem uma obra?” (PELBART, 1989, p.80). “A loucura onde a obra soçobra é o espaço de nosso trabalho, é o caminho infinito para triunfar sobre ela [...]” (FOUCAULT, 1978). Escrever é um ato que pode ser desta ordem, o giro estonteante da busca e da ausência. O que critica e desequilibra. Obra e loucura. Portanto, juntas, sabe-se lá de que forma... Talvez pulsando como um coração, sístoles e diástoles para sempre finitas...

E que isso tudo não seja em vão; seja um vão...

## **HERE COMES THE SUN HERMES CÃO DE SÃO<sup>37</sup> ...**

Uma grande fila para pegar o elevador e ir até o andar da “Casa dos Conselhos”. Vários conhecidos se cumprimentando e conversinhas para o tempo passar.

Reunião extraordinária com casa cheia. Deliberação sobre uma OSCIP<sup>38</sup> que ganhou um Edital e oferecia um curso de formação para os conselheiros de direitos e tutelares da baixada santista. E, além disso, a inclusão meteórica do meu pedido para pesquisar o CMDCA.

Longa discussão... Retornar àquele espaço não mais como conselheira, permitiu-me uma despreocupação com o que se dizia e uma observação do lugar, durante tanto tempo frequentado.

Cadê a grande mesa de reunião? Sumiu ou eu não a reconheci em outro espaço. Agora as cadeiras estavam numa tentativa de roda. Aproximações possíveis, mas algumas pessoas ficavam “de fora” do círculo. Alguns motivos... Dos expostos, era a fuga do ar condicionado...

Também não havia café, água e bolachinhas dentro da sala – as bolachinhas, nem fora – fazendo as pessoas saírem. Mas elas também atendiam celulares de estridentes melodias ou quaisquer outros motivos. O entra-e-sai era, igualmente, novo e (me) incomodava bastante.

---

<sup>37</sup>Hermes, velho deus grego dos mensageiros, para transportar esta doce mensagem da pesquisa em um dia que poderia ser de cão e também foi santo...

<sup>38</sup>Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Organização da Sociedade Civil de Interesse Público: título fornecido pelo Ministério da Justiça do Brasil, cuja finalidade é facilitar o aparecimento de parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos (federal, estadual e municipal) e permite que doações realizadas por empresas possam ser descontadas no imposto de renda. OSCIPs são ONGs criadas por iniciativa privada, que obtêm um certificado emitido pelo poder público federal ao comprovar o cumprimento de certos requisitos, especialmente aqueles derivados de normas de transparência administrativas. Em contrapartida, podem celebrar com o poder público os chamados termos de parceria, que são uma alternativa interessante aos convênios para ter maior agilidade e razoabilidade em prestar contas. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Sociedade\\_Civil\\_de\\_Interesse\\_P%C3%ABlico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_da_Sociedade_Civil_de_Interesse_P%C3%ABlico) Acessado em: 25/08/14

A questão do número de vagas para a capacitação gerou uma discussão sobre o critério para o seu preenchimento, uma vez que havia mais conselheiro do que vaga. Todos os conselheiros tutelares foram contemplados. A princípio, os de direitos teriam como critério a assiduidade às reuniões, mas conseguiram incluir todos os conselheiros de direitos também. Um certo campo de tensão delineava, ou melhor, delimitava os grupos: conselheiros tutelares x conselheiros de direitos. Cada qual com sua especificidade, seus problemas e suas disponibilidades. Bem menos parceiros do que rivais...

Solicitado o prazo de uma semana para a deliberação oficial do CMDCA sobre a capacitação, chegou a minha vez... Uma mais que breve, supersônica apresentação dado o adiantado da hora. Falei como minha experiência profissional me levou ao CMDCA e como esse encontro se transformou em desejo de pesquisa. Rapidamente li os slides e descrevi a estrutura do trabalho que pretendia realizar. Dei o endereço do blog que criei para o mestrado<sup>39</sup> e agradeci.

Visivelmente agitada e emocionada, mãos e boca tremiam. Olhos teimaram em se encher de lágrimas, que, felizmente, não caíram. O presidente perguntou aos conselheiros o que achavam da pesquisa, alertou que o movimento de auto-análise poderia ser desconfortável, mas de forte crescimento para todos. Que desconhecia uma pesquisa sobre conselhos, controle social, que tivesse um referencial teórico da densidade do projeto. Ele também se surpreendeu com a estreita ligação entre a proposta da formação didática, em forma de capacitação oferecida pela OSCIP e o convite para uma pesquisa que pretende acompanhar processos, mapear as micropolíticas. Uma querida conselheira elogiou minha postura e meu compromisso com o trabalho proposto. E ser reconhecido faz bem!

Um conselheiro falou um pouco, mas minha emoção não me permitiu compreender, mas ouvi algo como “nós é que agradecemos”.

Palmas, projeto aprovado por aclamação. Despedidas e sorrisos e beijos e abraços e “obrigadas”. Prédio fechando. Mais despedidas. As adolescentes aprendizes brincaram com o fato de terem sido chamadas para a pesquisa – escondiam a surpresa de terem sido lembradas? Mas não é um conselho para a criança e o adolescente?

---

<sup>39</sup>[www.blogdacricri.wordpress.com](http://www.blogdacricri.wordpress.com)

Futuros contatos na forma de cartões de visita e divulgação do blog surgiram. Voltando a pé com o presidente do CMDCA, ele comentou a fala justamente do conselheiro que eu não consegui prestar atenção. Confessei a falha e pedi que ele repetisse o que foi dito (e feito): o conselheiro disse que era uma oportunidade deles de discutirem seu papel, suas (in)decisões, de refletirem sobre a construção das políticas públicas municipais e que eles é que deveriam agradecer alguém ter lembrado do CMDCA...

A empolgação visível e contagiante permitiu também que o presidente relembresse um trabalho no passado que incluiu seu encontro com pesquisadores cujos referenciais teóricos constituem minha pesquisa, numa inevitável pista de que escolhi um bom caminho a percorrer. Por isso aproveitei para voltar pela praia, vento na cara para esfriar a cabeça.

A bonita tarde que se encerrava abrigava um violão dedilhado em algum lugar que eu não consegui encontrar. Suas notas cantavam “Here comes the sun<sup>40</sup>”. Meu medo do reencontro de hoje é o gelo da letra:

*Here comes the sun  
 Here comes the sun  
 And I say  
 It's all right  
 Little darling  
 It's been a long cold lonely winter  
 Little darling  
 It feels like years since it's been here  
 Here comes the sun  
 Here comes the sun  
 And I say  
 It's all right  
 Little darling  
 The smiles returning to the faces  
 Little darling  
 It seems like years since it's been here  
 Here comes the sun  
 Here comes the sun  
 And I say  
 It's all right  
 Sun, sun, sun, here it comes...  
 Sun, sun, sun, here it comes...  
 Sun, sun, sun, here it comes...*

---

<sup>40</sup> Beatles – George Harrison

*Sun, sun, sun, here it comes...*  
*Sun, sun, sun, here it comes...*  
*Little darling*  
*I feel that ice is slowly melting*  
*Little darling*  
*It seems like years since it's been clear*  
*Here comes the sun*

## E TUDO COMEÇA EM OUTRO ESPAÇO, NUMA AULA...

*“não definiremos algo nem por sua forma, nem por seus órgãos e suas funções, nem como substância ou como sujeito. Tomando emprestados termos da Idade Média, ou então da geografia, nós o definiremos por longitude e latitude. Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma idéia, pode ser um corpus lingüístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo.”*

(Deleuze)

Neste caso, a cartografia de um conselho...

Falar de cartografia, exclusivamente como se fosse uma “metodologia de pesquisa” no sentido estrito: pensar em cartografia, e aqui parafraseio o que Michel Foucault disse acerca do Anti-édipo – como se fosse essa teoria que nos costumam anunciar: essa que vai englobar tudo, essa, que nos afirmam, “tanto precisamos” nesta época de dispersão e de

especialização, sem “esperança” e etc - como sendo a nova referência metodológica seria um contrassenso de leitura; essa perspectiva seria mais uma arte fina, uma política.

Falar da experiência, a pesquisa... Na frente daqueles alunos do mestrado, expostos pela primeira vez àqueles conceitos, eram descritos os passos de uma pesquisa, dessa pesquisa, inclusive uma narrativa possível sobre tudo aquilo. Metanarrativa de uma aula de metodologia atravessada velozmente pela ida, na sequência, a uma reunião ordinária do CMDCA. Nesses encontros inexplicáveis que a vida proporciona, os conceitos articulados na parte da manhã foram produzindo inscrições díspares nas ações da tarde. Por isso, durante a aula, enquanto se falava em cartografia, ao mesmo tempo, linhas, fios de virtualidades se produziam gestando um encontro da tarde.

Hora da reunião... O que esperar?

Qualquer coisa, exceto que os elevadores estão quebrados... Subir oito andares... Tempo para pensar no encontro... E intervir! Finalmente?

Reunião esvaziada... Controle Social esvaziado. Um conselheiro se queixa, ao comentar sobre um curso à distância para os conselheiros de saúde, da surpresa de outro conselheiro ao aprender a importância de suas ações ao deliberar, autorizar ou não um projeto, verba etc.

A importância de um conselho, o quão “avançado” é pensar na participação popular na gestão pública, mas onde está a sociedade civil? Noções como sociedade civil e social, precisariam talvez, ser pensadas e pesadas no contemporâneo.

Um parêntese em ressonância com essa cena...

A noção de social se desconfigura na atualidade? Sim e não, há uma concomitância de lógicas. “Sociedade civil” nesse âmbito é uma expressão que se refere, no contexto da formação dos conselhos, aos representantes que não se originam do governo, que não são indicados por este, são eleitos pelos seus próprios “pares”. No CMDCA, atualmente, a dita sociedade civil é composta por representantes de entidades sem fins lucrativos, clubes de servir, sindicatos e conselhos profissionais. Poder-se-ia pensar na sociedade civil como um não-governo, mas igualmente vinculado a outros corpos. Uma frágil democracia pode ser exposta quando, na eleição desses conselheiros, só é possível votar em sua própria “categoria”. Paira uma pergunta: a “sociedade” só se encontra nesse lugar, o do não-governo?

E chega outra questão a reboque: de que sociedade estamos falando hoje? E - espera-se - uma última dúvida cai na cabeça de quem escreve como aqueles pacotes barulhentos do desenho animado, pura violência camuflada, onde a vítima explode, fica achatada tal qual folha de papel e ressurge “viva” na cena seguinte: essa sociedade ainda existe, sabemos atualmente do que se trata ou velamos uma configuração disciplinar do século XIX que já caducou? Se a consideramos não como algo posto, pronto, universal, “mas algo mais específico [...] totalidade do modo de vida de um povo, aberta à análise empírica e à mudança planejada” (Rabinow, 1999, p. 144), uma possível dissolução da sociedade moderna indica um incômodo ponto de interrogação, quem sabe urdido nas diluições do niilismo terminal contemporâneo, que se enreda em possibilidades inauditas a cada vez, em que vetores de niilismo passivo e ativo se encavalam. Um jogo que vibra nos corpos-multidão, em concomitâncias com o corpo-unitário-sociedade (polo oposto do indivíduo), atravessado por tendências unitárias, reinos dentro de outros reinos, operando com redomas. Mesmo que elas sejam grandes e de vidro transparente. Dito de outro modo: se a “sociedade civil” despe-se de seu corpo-pescador cuja rede é suposta totalidade, para assumir um corpo-aranha-teia, ela não ocupa tanto mais um espaço que lhe foi imposto, “entregue” como direito, algo “in-alienável”. E nessa nova trama ao chamado do Controle Social, segue-se mais do que um sonoro “não”, mas um frio cortante de um silêncio.

Fim do parêntese.

\*\*\*

Volto à cena no conselho.

Pensando naqueles que responderam sim, onde estão os conselheiros, sem condições de subirem oito andares? Onde está a tomada que funcione, o adaptador da tomada que funcione? Impossível ler a ata anterior com o projetor de slides. Impossível o conselho funcionar em condições tão precárias. E funciona desfuncionando, meramente sobrevivendo e também vivendo aqui e ali.

Mesmo assim, a reunião começa e o primeiro assunto da pauta é uma discussão: gravar ou não a reunião para elaboração da ata. Transcrição ou resumo da gravação? A cargo de quem ficará a elaboração das atas? Ninguém lembrou que a gravação pode inibir alguém... Fica a curiosidade: aprovada a mudança, “vai pegar” ou não?



Primeira reunião gravada, todos se apresentam.

Descrição do trabalho das comissões: a Comissão de Registro é minuciosa. Com a tragédia de Santa Maria<sup>41</sup>, os alvarás deixam de ser permanentes para inspeção dos bombeiros. Todas as entidades devem se regularizar.

Comissão de Análise de Projetos: conselheiros afinados e afiados, avaliam projetos elaborados pelas próprias secretarias municipais, após reunião do Conselho informando que os projetos devem passar pelo CMDCA. Depara-se com projetos de caça a “novos talentos” nos esportes, aposta nos “menores”, gênios futebolísticos... CMDCA entra com investimento de mais de cem mil reais! Kit com uniforme no valor de 32 mil reais... Inacreditável... Ignorância e ousadia? De onde vem o dinheiro do CMDCA? “Os recursos que compõem os fundos da criança e do adolescente fazem parte do Tesouro Público. A sua principal fonte deve ser a dotação própria do Poder Público” (SADECK, 2010, p.280). Mas não apenas do dinheiro público: em São Vicente, a receita é resultado de doações de empresas e de pessoas físicas; a resolução nº 15/2012<sup>42</sup> informa o valor do fundo e a origem da captação dos recursos. Primeiro analisador: se a dotação orçamentária do poder público municipal deveria prever parte da destinação ao fundo municipal de direitos da criança e do adolescente (FMDCA), o que é considerado como prioridade das políticas públicas, sociais, que sejam, deste município, já que o conselho municipal não conta com o orçamento municipal? Segundo analisador: teria o CMDCA condições de aprovar um único projeto cujo valor é metade do seu fundo? Qual a lógica de uma secretaria municipal em elaborar um projeto que conta com o FMDCA mas que não destina parte de sua arrecadação a este mesmo fundo? Vinde a nós e vosso reino, nada?? Posição do Conselho: explicar tudo – desde a mudança de “menores” para criança e adolescente até o projeto em si, o risco da valorização apenas dos chamados talentos, qual a contribuição do CMDCA etc.

Sugere-se um debate sobre a redução da maioria penal oferecido pelo CMDCA a fim de se problematizar um assunto comum a todos. A ideia é chamar uma posição a favor e uma contra.

---

<sup>41</sup>Em 26/01/13, um incêndio na boate Kiss, em Santa Maria – RS, matou mais de 240 jovens que participavam de uma festa universitária. Dentre os debates que surgiram, estava a questão da segurança em ambientes fechados com grande quantidade de pessoas e a responsabilidade de fiscalização desses locais. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio\\_na\\_boate\\_Kiss#cite\\_note-zerohora-239-3](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio_na_boate_Kiss#cite_note-zerohora-239-3) Acessado em 29/06/13

<sup>42</sup>Disponível em <http://cmdcasv.blogspot.com.br/p/resolucoes.html> capturado em 16/09/13

São necessárias duas vagas para outro conselho: três conselheiros se disponibilizam. Como fazer? Sugestão de outro conselheiro: jokenpo!<sup>43</sup> Porque dá tempo da leveza quando um conselho é um coletivo. Após os sorrisos, um dos conselheiros desiste sem o menor problema.

Um participante informa que em determinada matinê, adolescentes recebem um vale-beijo. Quem mais receber os vales, ganha um celular no final da festa, oferecido pela empresa que organiza o evento, que não acontece em São Vicente, mas vão muitos jovens para lá. Nesse cruzamento de um “dispositivo da sexualidade” com um mais comunicacional, informático, revela-se uma encruzilhada, um “x” qualquer – de coisa errada ou da questão – uma cruz, onde uma determinada adolescente foi duramente criticada, hostilizada e alvo de brincadeiras pouco engraçadas feitas pelos outros adolescentes em suas redes sociais. Não foi só um celular que ela ganhou...

O adolescente que não tiver um celular – excitado<sup>44</sup> com a parafernália celular cuja função de coleira eletrônica apenas começa a ser percebida (onde você está? pergunta a mãe ao filho, a mulher ao esposo, o patrão ao funcionário) –, é marginalizado pela turma – e o que tem, mais cedo ou mais tarde, poderá ser assaltado –, uns beijos, clamor, calor intenso de uma sexualidade moderna ainda em nós, jogo da liberdade pode operar com uma “conduta inescrupulosa”, criminosa da empresa que distribui o celular e do local onde ocorre o evento.

\*\*\*

---

<sup>43</sup>Clássica brincadeira: pedra, papel e tesoura.

<sup>44</sup>Frase extraída do escrito “Da Claustrofobia Contemporânea (Sobre o fim da exterioridade no capitalismo tardio)” In: PELBART, Peter Pál. **A Vertigem Por Um Fio** – Políticas da Subjetividade Contemporânea. Editora Iluminuras Ltda., São Paulo, 2000; p-29

## DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE, DISPOSITIVO CELULAR E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Com esse enredado de experiências do encontro no conselho, o cotidiano parece tomado por certas burocracias e reações automáticas. A respeito disso, talvez pudesse contribuir com uma problematização pontual, uma breve cartografia com elementos da modernidade e do contemporâneo, considerando que nas ações cotidianas do conselho podemos tomar algumas noções e ações como naturais e evidentes por si mesmas. São apenas parênteses, apontamentos que podem auxiliar em algumas distinções, no entanto, precisaríamos tomar essas questões sem estapismos ou tecnofobias. Para isso partirei da configuração do que Nietzsche, Foucault e Deleuze chamaram de morte do homem<sup>45</sup> e a emergência do “dispositivo genético” (não IN) dividual, cerebral, hormonal, informacional, comunicativo, network, analisado por Paul Rabinow entre outros autores contemporâneos. Seria interessante recorrer ao primeiro volume de História da Sexualidade, denominado A vontade de saber, vale lembrar que Michel Foucault<sup>46</sup> nesse livro, parte da constatação de que aprendemos a ver a sexualidade como uma espécie de crônica crescente da repressão sexual que teria aumentado do século XVII para cá. Não é que a repressão não exista, mas Foucault abandona totalmente a chamada hipótese repressiva que teria se dado ao longo dos séculos para mostrar o nascimento de um poderoso discurso que mais incita que reprime e que passa pela "histerização" da mulher, à "pedagogização" do sexo da criança, - ele entendeu que, às formas de dominação não se tratava de reprimir ou controlar a sexualidade, mas, ao contrário, de produzir cada vez mais sexo e discursos sobre o sexo. O discurso da desrepressão como revelação da verdade e de um mundo novo, problematizado por ele, supõe que a crítica da repressão abalaria as estruturas da dominação e de poder. Isso nunca aconteceu. Michel Foucault insistiu em que o poder é produtivo, isto é, ele cria, incita, instiga, embora nós continuemos a vê-lo exclusivamente como aquele que coíbe, impede, reprime. Ele funciona segundo outro regime, o da produção... De desejos... Quanto poder cabe num beijo? Quanto

---

<sup>45</sup>DELEUZE, Gilles. Anexo: Sobre a morte do homem e o super-homem. In: **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 132.

<sup>46</sup>FOUCAULT, Michel. História da sexualidade, I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

poder cabe num celular que é um dispositivo de produção de subjetividade? Quanto poder há em ser a adolescente que mais foi beijada numa festa, cuja premiação é algo que mantém corpos tão conectados quanto separados? Quem detém a mais poderosa dominação? Dispositivo da sexualidade? Dinheiro? Performance do corpo, bioascese mais para ser visto? Neste livro Foucault justifica a enorme importância atribuída ao sexo nas sociedades industriais/disciplinares por ele desfrutar de uma localização estratégica: na interseção entre o corpo individual e a população (massa), ele chama de “analítica da sexualidade” que afetava ao mesmo tempo ambos os focos do biopoder moderno/disciplinar. Na mira dos impulsos normalizadores da sociedade industrial, o sexo foi um alvo privilegiado tanto das tecnologias disciplinares como das operações biopolíticas. Sustentaremos, porém, que tal foco estaria se deslocando em vários âmbitos no contemporâneo, ainda que coexistências ocorram.

Em uma sociedade atravessada pela informação digital, celulares, redes sociais de inspiração imaterial, o código genético parece ocupar o lugar de preeminência antes atribuído exclusivamente ao sexo. Localizado no comum que embaralha corpo (agora) individual e corpo da espécie, hoje a cadeia de genes do DNA é um alvo privilegiado das biopolíticas contemporâneas que apontam e modulam a multidão “comunidade dos sem comunidade” (para além da dicotomia indivíduo-massa). De acordo com a linha genealógica traçada por Foucault<sup>47</sup>, o sangue aflora como o objetivo predileto dos dispositivos de poder nas sociedades de soberania. No período prévio à industrialização do Ocidente, toda uma rica ritualização específica homenageavam o fluido vermelho que circula pelas veias dos sujeitos. Os duelos, a esgrima, as batalhas campais, a importância de se ter um certo sangue ou se derramar o sangue; todos esses fatores delatam a potência vital do sangue naquela época. Época em que a dicotomia indivíduo versus sociedade, não estava constituída, pois só viria no final do século XVIII. Já na modernidade/disciplinar, o sexo “desbancou” o sangue assumindo o papel principal na analítica e nos rituais abraçados pelo biopoder moderno. Agora, entretanto, toda uma crença ligada aos genes está surgindo, e esses componentes moleculares dos “órgãos sem organismo ou corpo” – diferente do corpo sem órgãos<sup>48</sup> de Deleuze Guattari - estão se tornando os focos prediletos do biopoder contemporâneo. Assim como o sangue nas sociedades de soberania (feudais ou antigo regime) e o sexo no mundo industrial/disciplinar,

<sup>47</sup>Questões recolhidas do volume I - vontade de saber, da história da sexualidade de Michel Foucault desdobradas no artigo de SIBLIA, Paula. Tirantias do “software humano”: redefinições de saúde e doença. In: **Logos: comunicação e universidade**. - Vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 1990. p. 41-60

<sup>48</sup>Também nas págs. 19, 24, 31, 42 e 43.

hoje nas sociedades de controle são os genes, hormônios, sinapses, sinais, massa corporal em traços, que pretendem determinar “o que você é”; o código genético é a chave que “traz tudo à plena luz” — parafraseando algumas das expressões usadas por Foucault ao descrever a função subjetivante da sexualidade na era industrial. Os genes, as informações (celulares), as sinapses e o DNA, portanto, estão conformando um forte dispositivo político em torno do qual o biopoder se reorganiza. Se o dispositivo sexual teve tanta importância naquele período histórico foi porque

a noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. (FOUCAULT, M., 1980 p.133).

Atualmente esse papel de “significante único” e significado universal está sendo atribuído a uma outra “não unidade fictícia” o código genético e fluxos afins, pois as cifras gravadas na molécula de DNA de cada indivíduo-espécie são consideradas capazes de determinar tudo (“elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres”). Embora esse princípio causal e onipresente permaneça “pudicamente em segredo”, oculto nas entranhas mais profundas do ser/espécie, afirma-se que é preciso desvendar seus segredos para se atingir “a verdade”. Tanto no caso do sexo quanto no do DNA, tal possibilidade de se penetrar nos mistérios das essências aparece como tecnicamente viável graças aos utensílios fornecidos pelos saberes mais representativos das respectivas formações sociais. A revelação daqueles enigmas cifrados que tudo determinam — nos corpos, nas almas e nas populações — no reinado do dispositivo da sexualidade correspondia a um leque de saberes baseados em técnicas de observação e exame: o catálogo completo das ciências sociais e humanas, incluindo elementos da psicanálise, a medicina, a pedagogia, certa tendência na psiquiatria e a sociologia. Hoje, tal função compete mais a uma série de saberes ancorados no paradigma digital que nutre a tecnociência contemporânea: a mais nova medicina/psiquiatria biológica/neurociências, que bebem (sabendo ou não) nas fontes da biologia molecular e que só podem operar com a ajuda imprescindível da aparelhagem teleinformática, a mesma dos desejados celulares que a menina pode ganhar com os vale-beijos... Apesar da diferença metodológica e da natureza própria de cada um dos alvos, seus “fundamentos” em termos de biopoder não coincidem: assim como no sexo devia ser procurada a própria inteligibilidade, a “identidade”, a essência das almas e dos corpos, hoje nos é dito que toda a verdade está inscrita e pode ser decifrada no inefável código genético,

mas não há essência em cadeias, informações e segmentos de gens e muito menos nos fluxos de comunicação das redes sociais, celulares e etc. Eis como Michel Foucault ponderava esses processos com relação ao sexo:

Daí a importância que lhe atribuímos, o temor reverente com que o revestimos, a preocupação que temos de conhecê-lo; daí o fato de se ter tornado [...] mais importante do que nossa alma, mais importante do que nossa vida; e daí todos os enigmas do mundo nos parecerem tão leves comparados a esse segredo, minúsculo em cada um de nós, mas cuja densidade o torna mais grave do que todos. (FOUCAULT, 1980, p.137).

Minúscula, muito minúscula, a molécula de DNA detém uma densidade e uma gravidade incomensuráveis. O sexo conformou um princípio de normalização azeitando os eixos centrais do capitalismo industrial, agora é diferente se vislumbra a instauração de um novo “princípio de forma auto-deformante” do controle no dispositivo genético, cerebral, somático, hormonal, dividual, informacional. Com a minúcia taxionômica dos métodos analógicos, as ciências modernas/disciplinares “entomologizavam” tendências, classificando em esquemas hierárquicos todos os tipos de “perversões” e definindo o conceito de normalidade a partir desses desvios. As infinitas combinações gênicas, por outro lado, operam diferentemente, podem ser rastreadas a toda velocidade com as ferramentas digitais da mais nova tecnociência. Elas trazem a promessa de detectar, de maneira instantânea e asséptica, todos os erros suscetíveis de reprogramação, a partir de um padrão ideal estatisticamente definido como normal. Com o declínio da “interioridade” são muitas as implicações dessa virada no foco do biopoder, deslocando-se do sexo para os genes e situando o DNA no ponto exato em que se entrecruzam as biopolíticas que atingem a espécie e as tecnologias que apontam para a modulação dos corpos-subjetividades. Não causa espanto, portanto, uma sexualidade há muito destronada como algo disciplinar, apesar de ainda poderosa, ser a ponte para uma coisa chamada celular, nome biológico de uma tecnologia de tal forma incorporada, no corpo grudada, nesses corpos-rotina, corpos-corpos-adictos de comunicar-se, que, ao contrário de denunciar, faz questão de ser absorvida, mimeticamente... Celular-célula-comunicativa de uma biopolítica que fagocita uns corpos adolescendo. Uma pretensa liberdade em que os movimentos são compulsivos e compulsórios e que não implicam somente os adolescentes. Podemos operar, muita vez, na chave corpo-moeda-empresameninas, “rudimentos de uma prostituição fluxionária” em que os jogos mais estúpidos (vale-beijo) têm tanto sucesso porque exprimem adequadamente a situação de empresa: o setor de vendas (em nós) é sua alma, um gás (DELEUZE, 1992, p.224). São outras maneiras de viver que operam nas nossas relações com outrem.

Considerando essas problemáticas contemporâneas e modernas, como opera o CMDCA na efetivação da “garantia do direito” dessa adolescente? Quais lógicas operam encavaladas nas demandas que emergem? Direito a? A partir de quais demandas que emergem de quais ofertas? Decidir o que fazer com “seu próprio” corpo dividual-individual? Direito a ter acesso a estratégias sobre como cuidar do próprio corpo, direito a ficar longe de grupos inescrupulosos que visam os lucros acima de tudo. Mas como pensar esses direitos e o trabalho em uma ambiência em que, como diz Peter Pelbart (2006):

[...] o poder tomou de assalto a vida. Isto é, ele penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, pondo-as para trabalhar. Desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes. Mas o que são os poderes? Digamos, para ir rápido, com todos os riscos de simplificação: as ciências, o capital, o Estado, a mídia. Sabemos, no entanto, que os mecanismos diversos pelos quais eles se exercem são anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos. O próprio poder tornou-se “pós-moderno”: ondulante, acentrado, reticular, molecular. Com isso, ele incide diretamente sobre nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar, até mesmo de criar. Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes (o corpo, o inconsciente, a subjetividade) e tínhamos a ilusão de preservar em relação a eles alguma autonomia, hoje nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação da existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e monitoramento, se é que alguma vez tal exterioridade fosse cabível. Para resumi-lo numa frase: o poder já não se exerce desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo.

Como o CMDCA pode *ficar com* esses seres imaturos ou mais precisamente, sustentar esses estados de imaturidade, mais fluxionários, palavra subvertida que aqui<sup>49</sup> adquire força e espaço para ser cuidada e estimulada:

Gombrowicz referia-se a um inacabamento próprio à vida, ali onde ela se encontra em estado mais embrionário, onde a forma ainda não ‘pegou’ inteiramente, e a atração irresistível que exerce esse estado de Imaturidade, onde está preservada a liberdade de “seres ainda por nascer”... Isso poderia ser especialmente marcante no âmbito da educação, se soubéssemos enxergar esses “seres ainda por nascer” no tateamento que lhes cabe viver, na experimentação que deveria ser seu direito, na aposta em sua indeterminação, sem coibí-los ou apenas domesticá-los, sem insensibilizá-los para tudo aquilo que não serve a nossos desígnios de poder, de pressa, de produtividade, de institucionalidade, com todas suas blindagens e formatações e soluções prontas. (PELBART, Peter Pál. Morte e Vida em Contexto de Dominação Biopolítica. Vídeo disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=3QrgXF0\\_5Ac](http://www.youtube.com/watch?v=3QrgXF0_5Ac))

---

<sup>49</sup> Imaturidade: uma potência p.91

Rede em que a fôrma ainda não pegou? Quase infinita de precariedades, pensamentos, informações, fluxos, redes, celulares, inacabamentos, mesmo com a sexualidade moderna?

\*\*\*

Deixo os dispositivos que tentam pensar com esse campo e volto para finalizar a reunião.

E o tempo passando... E a reunião continua... E conselheiro vem mesmo sem ter certeza se a reunião já acabou, surpreende-se alegremente e já é convidado a falar, mal assina a lista de presença. Elevador volta a funcionar.

Mas, uma hora, a reunião termina...

Não parecia um conselho esvaziado. Meio vazio talvez... Esgotado. Quem sabe, potente...



## A FOICE NIILISTA

*“Deus está morto.*

*Ass.: Nietzsche.*

*Nietzsche está morto.*

*Ass.: Deus.”*

(Anônimo)

A brincadeira escrita em porta de banheiro, lousa, muros de faculdade e por aí, mostra duas coisas: além do humor - que o próprio Nietzsche gostava e usava, uma lembrança sobre um dos movimentos do niilismo, o niilismo reativo.

Mas uma terceira coisa invisível que se pode sentir um cheiro é a força e brutal atualidade dos escritos do filósofo alemão.

Numa perigosa e um tanto suicida estratégia, vejo-me tentada a escrever minhas erráticas linhas niilistas, prévia e simultaneamente ao desdobrar desse conceito, tão discutido por tantos pensadores e com afirmações as mais díspares.

Imagem do niilismo, paisagens sonoras.

Movimentos de sinfonia, de velocidade, dependentes e desencadeantes de outros efeitos. Niilismo-linha de fuga – nem boa nem má, por vezes abertura, morte, vida, microfascismo, intensidades sem nome e sem nada - e de força. Pauta e pausa musical. Blocos. De gelo. Duros, brancos e móveis. Derretendo lentamente, longo cansaço e ocaso.

"Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado - ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro - para onde? Rumo ao nada? Ao 'lancinante sentimento do seu nada'"? (Pelbart, 2013 p. 95)

Isso conversa com minha pesquisa. “Apoia” e diz dos estados informes, sem fundamento, das imaturidades. Pano de fundo móvel e sem fundo. No teatro, o pano de fundo nem sempre é de pano, nem sempre é preto. Nem sempre existe, mas está sempre lá. Mesmo se o palco não for italiano<sup>50</sup>. Ouvindo, lendo, experimentando, me encontrei com músicas niilistas, movimentos niilistas no SUS – passivo como a descrença no serviço, na obediência cega a regras e procedimentos arbitrários e questionáveis, ativo como as conferências de saúde, as campanhas de vacinação, a luta antimanicomial. E, evidentemente, nada disso está em estado puro, há apostas ativas imersas em signos modernos, cidadãos, reativos, estatais. Há muitos fundamentalismos misturados na integralidade e na inclusão-anti e etc.

Os niilismos são um fio de Ariadne de me perder na pesquisa. Uma espécie de estratégia metodológica: Perder-me para encontrar o que não esperava nas práticas. Dos escritos que farejam o tauto-niilismo, penso que é porque o que prende é o significado da palavra nihil - nada... Nada que:

consiste em uma depreciação metafísica da vida a partir de valores considerados superiores à própria vida, com o que a vida fica reduzida a um valor de nada, antes que estes mesmos valores apareçam, segundo um processo de desvalorização, naquilo que eram desde o início -"nada".<sup>51</sup>

Não encontro um nada apocalíptico, talvez sobrevivencialismo anêmico, também. Nada de um corpo sem vida, quem sabe um certo modo de vida em declínio. Enxergo, quem sabe, o nada de um outro corpo, o sem órgãos, intensidade sem forma pré-estabelecida pelo organismo.

“Se no seu sentido rigoroso niilismo se refere ao declínio histórico-filosófico de uma matriz metafísica de negação da vida, Nietzsche postula que os mesmos sintomas podem remeter a ‘energias vitais que estão crescendo e quebrando uma casca’”.<sup>52</sup>

Ora, se o niilismo é um "nada", negação à vida, é possível pensar que é um não à vida que se apresenta, que já é, mas, em sua dobra, a parte torcida da fita de Moebius, são as "energias vitais que estão crescendo e quebrando a casca do ovo..." Que ovo?

Sem metáforas, é concretamente que ovo implica intensidades e passagens de intensidade. Se esse pensamento da diferença encontra ovo em toda parte, é porque

---

<sup>50</sup>Palco italiano é o palco tradicional; caixa aberta para o público, num nível acima da plateia.

<sup>51</sup>Pelbart, 2013 p. 95

<sup>52</sup>Idem ibidem p 13

busca os encontros intensivos, os encontros marcados por diferenças intensivas.  
(ORLANDI, L. B. L. 2010. P. 67)

Tensiona-se um campo de forças reativas e não-reativas, da potência-ovo de um CsO. Criança que se permite expor (a)os problemas da vida na escola, numa pré-conferência de direitos da criança e do adolescente. A força que vem do fora, do avesso, acéfala, (não) controle social que não reduz a uma normatização e manutenção de problemas. É o jogo do informe e das políticas de imaturidade.

Quando Pelbart (2013) pergunta "quais são as estratégias vitais desses processos" ouso murmurar que poderiam ser as políticas de imaturidade, condição estético-bio-política. A um inacabamento inerente à vida (a que se nega e a que se invoca com um potente SIM), chocam-se, distribuem-se, cruzam-se, desaparecem linhas fluxos, teteias da Lygia Pape. Lapoujade (2010) me auxilia ainda mais na questão da política e do informe, imaturo, portanto:

Mas se o primeiro ato político consiste em desfazer em nós aquilo pelo que vivemos sob controle, em desfazer essas maneiras de falar e de ver num mundo que não mais é nosso, que talvez nunca tenha sido o nosso, então tudo muda. Deleuze contribui muito ao tornar novamente possível o afecto político (para começar), que permite desdobrar todas as nossas forças em favor de um mundo sempre por vir..<sup>53</sup>

O pronome possessivo aponta para gentes, onde quer que estejamos...

O niilismo negativo “liberta” para sonhar com a perfeição do mundo platônico e com os *modelos em nós* no contemporâneo. O niilismo reativo me investe de (falso?) poder, apostando na “minha inteligência”, a do chamado eu. O niilismo passivo *em mim* é cansar e caducar todos os ídolos – a dita vontade, a dita autonomia, o dito livre-arbítrio, o dito novo totalmente novo - o seu crepúsculo. À deriva, ninguém em mim, aperta aquele botão do "dane-se".

O niilismo passivo - a terceira e mais terrível etapa do niilismo, causada pela impossibilidade de suportar a derrocada do otimismo moral, a perda da crença do melhoramento da existência - é também uma possibilidade de passagem do negativo ao afirmativo e, acrescentemos, do cansaço ao esgotamento. É a descrença nos esquemas já prontos, que agora se mostram estranhos, quando não reagimos mais com esperança, e os velhos hábitos e clichês não são mais lugares de adesão, não nos movemos pela espera seja de um Deus, de um mundo superior ou de um tempo futuro que venha redimir o instante. (HENZ, A. 2010, p. 82)

---

<sup>53</sup>LAPOUJADE, D. “Deleuze: política e informação” in: Caderno de Subjetividades, 2010, p. 167

“Por um lado, ele é sintoma de decadência e aversão pela existência, por outro, e ao mesmo tempo, é expressão de um aumento de força, condição para um novo começo, até mesmo uma promessa.”<sup>54</sup> Nessa dobra, encontro certas políticas de imaturidade.

E o niilismo ativo, intensivo, pura potência - digitei errado, "puta" potência -, mas não necessariamente barulhenta e visível. Agir. Mão na massa e pé na tábua. Sem espetáculos e shows pirotécnicos, quando nada mais é possível, tudo é possível. Mas se tudo é possível, até veneno, crueldade, humilhação podem aparecer e integrar esses movimentos.

Há uma sujidade própria à vida e às ações nestes niilismos e que possui ecos com as várias políticas de imaturidade. A experiência abaixo pode ecoar com a máxima “tudo é possível”.

#### Oficina: “Uns conselhos de um conselho”

Partindo da ideia do livro “Me dê um conselho”, do designer Daniel Motta, confeccionei uma caixa de papelão com os dizeres “Dê um conselho. De: um conselho.” e deixei à disposição durante um mês na Casa dos Conselhos. Uma mensagem fixada na porta<sup>55</sup> do lado de fora e outra próxima à caixa<sup>56</sup>, convidava a todos que entrassem para participar, escrevendo um conselho e depositando na urna quantas vezes quisessem. No final do mês, os conselhos anônimos seriam lidos, discutidos e organizados de uma forma (manifesto, poesia, conjunto de regras...) também a ser decidida durante o processo pelos participantes da pesquisa durante a oficina já agendada previamente em reunião ordinária e

<sup>54</sup>PELBART, P. P. O Averso Do Niilismo - Cartografias Do Esgotamento, p. 93

<sup>55</sup> Olá! Você está prestes a entrar na Casa dos Conselhos.

Mesmo que por alguns instantes, você fará parte de um conselho deste município. Por isso lhe peço: escreva um conselho (mas não se identifique, por favor), qualquer coisa que você ache importante e coloque na urna. Isso será de valiosa ajuda para mim, pois faz parte da minha pesquisa do mestrado. Quer saber detalhes dela? Basta acessar:

<http://blogdacricri.wordpress.com/meu-projeto-de-pesquisa/>

Durante todo o mês de agosto a urna estará aqui. Portanto, você poderá escrever quantos conselhos quiser!

Obrigada pela atenção!

Harete

[www.blogdacricri.wordpress.com](http://www.blogdacricri.wordpress.com)

<sup>56</sup> Olá! Você está dentro da Casa dos Conselhos, o que significa que, mesmo por alguns instantes, você fará parte de um conselho deste município. Por isso lhe peço: escreva um conselho (mas não se identifique, por favor); qualquer coisa que você ache importante e coloque na urna. Isso será de valiosa ajuda para mim, pois faz parte da minha pesquisa do mestrado. Quer saber detalhes dela? Basta acessar:

<http://blogdacricri.wordpress.com/meu-projeto-de-pesquisa/>

Durante todo o mês de ... a urna estará aqui. Portanto, você poderá escrever quantos conselhos quiser!

Obrigada pela atenção!

Harete

[www.blogdacricri.wordpress.com](http://www.blogdacricri.wordpress.com)

realizada na própria sede. Esta oficina, com duração de duas horas forneceria material para as narrativas.

Mas a realização dessa oficina foi inviável. Nenhum conselho foi depositado nas urnas. Nesse mês fui três vezes no CMDCA. Primeiro tiraram a urna do lado de fora, depois colocaram no fundo da sala de reunião. Quando eu ia ver a urna, algumas pessoas que trabalhavam lá diziam que estavam ocupadas, mas que iriam escrever.

A potência de um desencontro coletivo, virtual, algo atualizado é produção de real. E um dado de pesquisa. Descrito aqui apenas para libertar-me de um triunfalismo-platônico.

“Não” e “vazio” e “nada” ressoaram. Aposta que aponta um "abrir mão" de uma dissertação com experiência exclusiva do conselho. Pois outros dispositivos poderiam ser montados. Mas na escolha há um devir-foice. Da Morte e daquele que planta, que limpa a terra para receber semente. Uma foice niilista."

## ZERO DE CONDUTA. CONDUTA NOTA DEZ.

Uma cena<sup>57</sup>, dois espaços de tempo.

– Silêncio!

Crianças e adolescentes entram no refeitório e se mantêm em pé frente às mesas.

Uma palma de um adulto sinaliza que eles podem se sentar. Imagem remete a uma memória: em cima do banquinho, a madre-quase-anã toca a sineta que permite às alunas saírem da fila indiana e irem para o recreio ou de volta às classes. Também vem a memória a mesma madre tocando, enlouquecida, a sineta atrás das alunas para que terminem o recreio e formem a fila.

Os meninos se sentam.

De tantas regras impostas goela abaixo, surge uma criada pelos próprios: uma faca que é girada para saber quem se servirá primeiro.

Feijão. De novo. Todo dia. Ninguém aguenta. Nem os alunos, nem o professor, nem a cozinheira, mãe de um deles.

Ninguém aguenta o fazer-comer automático, a reconhecimento. O insosso. “Aprender” as mesmas coisas, ensinar a mesma matéria, dormir à mesma hora. Usar os mesmos protocolos. Judicializar as atitudes. Medicalizar a vida. Cozinhar feijão. E continua-se, ainda assim, cansados.

Corpos nada dóceis aguardam. Desde sempre. Ir e vir. Sentar e comer. Beber água ou ir ao "gabinete" apenas se a maçã de madeira estiver na lousa. A maçã não deixa a menina enxergar a lição da lousa que deve copiar. A amiguinha não aguenta a maçã voltar para a lousa. A classe ri, menos as duas. A menina vê o líquido se formando entre as pernas e escorrendo pelo assoalho de madeira. Ficou com medo de se sujar também. Ficou com (muito) medo de isso um dia lhe acontecer também.

---

<sup>57</sup>Zéro de conduite, (1933), de Jean Vigo. <http://www.youtube.com/watch?v=YUkWILBuQcg> Assistido em 26/01/14

Ficou grudada na carteira, fingindo que nada acontecia. Triste e envergonhada.

O menino também parece sentir-se assim.

Uma batalha – a primeira – se instaura. Comida voa para todo o lado.

– Abaixo a Senhora Feijões!

– Nós odiamos feijões!

Cantam quase todos os meninos, seu grito de guerra. Menos aquele, que se protege com o guardanapo de pano, das migalhas de pão e comida que viram ferramentas bélicas. Paus e pedras comestíveis, grande pastelão<sup>58</sup>, arremessados pelos rebeldes, manifestando sua fome e indignação e ferra. Porque aquilo também pode ser divertido e ninguém é de ferro. Só o feijão. Que todos odeiam...

Sozinhos em sua impotência e unidos pelo passado, a aluna do rígido colégio católico feminino e o rapazinho do internato dividem silenciosas dores: o "zero de conduta" não a deixava presa num domingo, mas no almoxarifado quente, escuro e cheio de pó que lhe coçava o nariz e lhe dava nojo de lá permanecer sentada e sozinha, olhando para a porta e esperando que um barulho de chave a tirasse de lá. Ou presa no terror de pensar em ser a próxima, pois, saindo do banheiro, encontrava uma aluna espumando-afogando-chorando no lavatório porque a madre (a mesma da sineta) lavava sua boca com sabão.

Sentado de cabeça baixa, o menino reconhece que não é possível comer feijão, de novo.

Que sua mãe cozinhou feijão, de novo.

Que a escola não faz nada de novo.

Que ele sempre vai engolir coisas que não quer.

Que a violência se fantasia de educação, disciplina, amor. Que esconde ignorâncias e evidencia maldade.

---

<sup>58</sup>Pastelão, em inglês slapstick, é um gênero de comédia cinematográfica em que predominam cenas de tropelias, explorando-se motivos de riso fácil e gosto discutível, implicando, por vezes, violência física. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pastel%C3%A3o> Acessado em 26/01/14

Sentado, de cabeça baixa, triste e envergonhado e com raiva, talvez, sua forma de estar é não-estar. Alheio à balbúrdia, seu protesto é manter-se parado. Naquele segundo de imagem, apenas uma suave inocência: fazer nada. O olhar perdido de um adulto frente à gravidade de uma situação é igual. Inocência dissolve idades.

Ninguém os salvará, presos, todos, nessa engrenagem cansada.

Mesmo quando o colega ao seu lado enxerga seu silêncio.

\*\*\*

Conduta nota 10

Inverte-se a lógica. A comissão organizadora da Conferência Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente não vai fazer apenas a abertura e encerramento na Câmara Municipal. Toda a conferência será lá. Não. As autoridades não abrirão o serviço, desejarão bom trabalho e sairão ignorantes das propostas aprovadas. Elas encerrarão a conferência. Sim, crianças e adolescentes ficarão lá a tarde inteira. Meninos e meninas e autoridades ocupando o mesmo espaço físico.

Risada e gritaria. Brilham olhos e dentes.

Uma voz incrédula pergunta:

– Quem inventou deles estarem aqui?

Uma risada interna explode em certa censura:

– Galera, aqui não é lugar de gritaria nem correria. “Segurem a onda” e comportem-se. Para voltarem, quem sabe.

É muita excitação, no entanto. Agora é uma meia dúzia pendurada nas escadas.

Preocupação vestida de certo arrependimento procura com os olhos quem são os educadores que conhecem o grupinho empoleirado. Ao mesmo tempo, manda um aviso sério:

– Desçam daí, é perigoso. Tem janelas enormes de vidro atrás de vocês.



Quase mil pessoas nessa conferência... Entre crianças e adolescentes, cerca de 300...

Após a abertura do evento, o grupo se divide em três, segundo os eixos da conferência.

As crianças menores também discutiram políticas e direitos à sua maneira: brincando, sentadas – nem sempre – e desenhando. Um pequeno autista estava lá. Sua mãe um pouco mais distante. O estagiário de psicologia, bem mais próximo, monitorava e se alegrava: naquele espaço de discutir política, não havia transtornos invasivos nem CIDs<sup>59</sup>, apenas gente que trocava informação e giz e canetinha, ouvia silêncio e dizia “sensibilidades ampliadas”<sup>60</sup>.

Propostas discutidas precisam ser aprovadas. Fim do dia se aproxima. Todos voltam ao auditório. As poltronas já haviam sido testadas com pulinhos no início; o cansaço já havia chegado. E o prefeito e vereadores também. Silêncio de gente grande naquele auditório. Prefeito agradece a oportunidade única e relata suas memórias de estudante num, outrora, forte ensino público.

Propostas lidas vão sendo aprovadas. Algumas com inscrições<sup>61</sup>.

Política. Criança. Adolescente. Imaturidades. Juntas. Posições invertidas, olhares descrentes. Encontro de poder (público) e potência. Uma aposta arriscada.

A última tarefa do dia era a escolha dos candidatos a delegados dentre as crianças e adolescentes.

– Quem quer ser delegado?

---

<sup>59</sup>Classificação Internacional de Doenças

<sup>60</sup>No original, escrito no singular. Dulcíssima forma com a qual Erin .Manmng se refere às poesias de autistas que teve o privilégio de ter acesso e onde pôde observar que, ao não dividir o humano do não-humano, o autista eleva exponencialmente suas experiências: “Num livro recente, Erin .Manmng se vale de poemas e textos digitados por autistas para aproximar-se do seu universo, percepção, sensibilidades, articulações, pensamentos. Disto ela extrai um fascinante panorama daquilo que ao parecer uma afectibilidade diminuída é, de fato, uma sensibilidade ampliada, na qual não há privilégio do humano, mas uma relevância de todos os elementos e de suas conexões. sem discriminação "tudo está vivo." Donde a atenção aguda às cores, aos sons, às texturas, e suas relações sem hierarquia entre o orgânico e o inorgânico, resultando no que a autora chama de uma "ecologia das práticas": muito distante da "fortaleza vazia" ou do "desligamento" que se costuma imputar-lhes.” (PELBART, 2013, p. 269)

<sup>61</sup>Ler p. 100 em “Fim. Dê Partida”

– Pra fazer o quê?

– Sabe todas as discussões de hoje e das pré-conferências? Então, quem quiser se candidatar, haverá um processo de formação daqui a algum tempo, onde os candidatos serão chamados e vai ser feita uma eleição para as etapas seguintes. Em uma conferência maior que essa. Lá, os delegados vão defender as propostas daqui, falar no microfone, conversar com as pessoas pra o que a gente pensou junto chegue até Brasília.

– Eu quero!

– Então vamos fazer uma fila e escrever o nome todo e telefone de vocês. Se tiverem email, ponham também.

– Eu também quero!

– Eu também quero!

– Pessoal, chama mais alguém da comissão pra ajudar com a lista de delegados, porque a turma se empolgou e a Câmara vai fechar daqui a pouco?

## IMATURIDADE: UMA POTÊNCIA

*“Eu queria crescer pra passarinho...”*

(Manoel de Barros)

Um recém-nascido não está maduro neurologicamente para falar: milhões de neurônios e poucas sinapses não o instrumentalizam a emitir uma palavra composta por significantes fonêmicos e significados semântico-linguísticos. Mas sua “fala” potente e intensa, mesmo que reflexa, mobiliza e surte efeito: quem nada faz diante de um choro? O mesmo recém-nascido também não está anatomicamente apto para falar: sua laringe minúscula ainda é por demais elevada, cumprindo a função primária de proteger as vias aéreas inferiores – leitinho, só caia no estômago! – molinha demais, não consegue modular os sons, apenas berrá-los (precisa de outra coisa, nessa época?). Boquinha pequena sem dentes, mandíbula retraída, impossível emitir palavra, nem que seja um “ai”.

Então, “estar maduro” é bom, é perfeito, é a meta, o objetivo, o ápice? Nesse mundo ainda dicotômico, uma coisa é boa e seu oposto é ruim. Não estar maduro, estar verde, não-pronto é pouco, menos, defeito ou déficit.

As chamadas infância e adolescência encontram-se nesse meio, uma espécie de “entre” antecessor e que tem como parâmetro a vida “adulta”. Nesses “anos incríveis”<sup>62</sup>, uma noção de infância romântica, deliciosa, paradisíaca, feliz, feliz, a criancinha tábula rasa, tontinha, inocente e curiosa compõem um quadro bizarro que não dá conta dos temores daquele em “franco desenvolvimento” forte e frágil. Quantos monstros embaixo da cama, dentro do armário e no corpo, na cozinha e na escola? O que deixamos, abandonamos, amputamos ao longo da infância para nos tornarmos esses adultos resolvidos, saudáveis e dispostos, maduros, enfim, que somos? A isso acrescento as perguntas do escritor Juliano Pessanha (Pelbart, 2006a): “Porque a assim chamada vida familiar, vida escolar e vida social, trituram a criança possível? Por que sobrevivem apenas os falsários, os que se identificam

<sup>62</sup>Título de uma série americana que retrata a entrada na adolescência de um menino, no fim dos anos 60

com a criança morta?” Hábeis trituradores, os que garantem “o negócio da administração da vida”, como diz Juliano: pais, educadores, psiquiatras, socializadores, homens da cultura, todos os que fazem as vezes de carcereiros da vida, em tempos de mobilização total, de alcoolismo existencial (...) (PELBART, 2006b)

Nas palavras de Kunichi Uno (2010, p.39) um corpo criança pode ser também vivenciado como experiência catastrófica: “Uma tal catástrofe é terrível, insuportável e cruel, mas ela pode ser singularmente positiva. Ela pode nos fazer romper com a linha reta contínua, visível, que determina o mundo e a nossa vida”. Este corpo catastrófico se permite vivenciar aquilo que um corpo demasiadamente organizado e obturado poderia não se permitir. David Lapoujade (2002, p.87) diz: “O corpo deve primeiro suportar o insuportável, viver o inviável. É o sentido do corpo-sem-órgãos em Deleuze: que o corpo passe por estados de torção, de dobramentos que um organismo desenvolvido não suportaria”. Talvez tenhamos aí uma experimentação no corpo frágil, em seu estado mais larvar, um organismo não desenvolvido, até mesmo um corpo-organismo que, nem tenha nascido, na sua “hesitação antes do nascimento” (Kafka,1976, p.405). O filósofo Kuniichi Uno (2010, p.43) analisa a problemática do *corpo que não nasceu* no trecho que segue:

A recusa de nascer com o inatismo, com tudo o que é inato. Pois o homem nasce, mas inato [...] Um genital inato<sup>63</sup> é, portanto, alguém que tenta nascer por si mesmo, tenta fazer um segundo nascimento para excluir seu inatismo. Pois se sou inato, eu jamais nasci. No fundo, eu jamais nasci [...] Esta recusa singular do nascimento, esta vontade de um segundo nascimento, eu não sei se é o signo de um pessimismo, mas neste caso, é certo que se trata de um pessimismo intenso e criador.

Um "genital inato" é a história de um corpo que põe em xeque o corpo nascido com todas as funções e todos os órgãos, estes representantes da ordem, das instituições e tecnologias visíveis ou invisíveis que pretendem gerir um corpo. (Pelbart, 2006, p.7)

Uma criança não seria signo de uma regressão ao corpo que não nasceu, mas uma involução ao ponto limítrofe de um corpo que não nasceu sob a luz do *inatismo*, permitindo uma abertura ao fora, ao caótico. Um caos tanto destruidor quanto positivo; caos-corpo que pode ser positivamente pensado, um excedente de determinações, uma proliferação de devires

---

<sup>63</sup>Genital inato é um termo tomado por Antonin Artaud e citado por Kuniichi Uno: "Sou um genital inato, olhando de perto isto quer dizer que jamais me realizei. Há imbecis que se creem seres, seres por inatismo. Eu sou aquele que para ser deve chicotear seu inatismo." Ver em UNO, Kuniichi, *Corpo gênese ou tempo-catástrofe: em torno de Tanaka Min, de Hijikata e de Artaud*. In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: Educ, 2010. p.37-45

e signos. As crianças sentem o caos nos seus próprios corpos; também pulsa nelas uma vasta e heterogênea aliança pensante e afetiva com o caos. Que os adultos maduros trabalharam anos com afincos para desfazê-la e organizá-la...

A adolescência, inventada no início do século XX e chamada de “aborrescência” de forma caricata – mas o que é uma caricatura se não o exagero e ou desqualificação de aspectos já existentes? Seriam aspectos desqualificados por que nesses em que ainda não “pegou” a forma, algo gira em falso e incomoda? - fica ainda mais espremida, sufocada diria. Um corpo grande, de mulher, e uma cara de menina. Um corpo grande de homem (des)astrado, quer dizer, sem um único astro guia, dos destinos traçados: *um desastre*, que derruba coisas e uma voz flutuante, engraçada e, lamentavelmente, variante... Talvez a caricatura do Patinho Feio aguardando em moratória não necessariamente tornar-se cisne. Ou, na descrição desconfortável do narrador de Ferdydurke:

Ouvi minha voz de outrora, um falsete que mais parecia o cacarejar de um galo, vi um nariz ainda não plenamente desenvolvido num rosto em formação e mãos grandes demais, sentindo a desagradável consistência daquela fase de desenvolvimento, intermediária e passageira. (GOMBROWICZ, 2006, p. 20)

Nessa época canhestra, dolorosa e potente, cuidar que suas experimentações sejam possíveis e enfrentadas no aberto com o apoio que acompanha, e não como aquele que paralisa e controla, é uma aposta, diz Bruno Shulz (2006a) (tradução nossa), no amor: <sup>64</sup>“o amor que sentimos por um ser [...] desajeitado, comovente em sua impotência de carregar sozinho a tarefa, de não se sentir a altura das exigências insaciáveis da forma.” Um estranho, des-astado, em que parte da fôrma ainda gira em falso, no fundo e na superfície, sadio, como descreve Nietzsche (2011) em *Ecce Homo*. No entanto, essa ética da coragem, uma arte fina de composição política com outros corpos (do CMDCA, da escola, da família, do adulto responsável) para o chamado adolescente é uma construção delicada:

Gombrowicz mostrou que as formas experimentadas, maduras e claras de nossa vida espiritual são, melhor dito um *pium desiderium*, que elas vivem em nós mais como um estado de intenção permanente do que como realidade. Como na realidade, vivemos sempre sob esse registro, em un território pouco honroso, nada glorioso e

---

<sup>64</sup>el amor que sentimos por un ser enfermo y torpe, conmovedor en su impotencia por cargar solo con la tarea, por no encontrarse nunca a la altura de las exigencias insaciables de la forma.

tão pobre que duvidamos se lhe concedemos ou não uma frágil aparência de vida<sup>65</sup>.  
(Schulz, 2006b) (tradução nossa)

Dar espaço sem descontos, sem desqualificação, assumir integralmente – a potência dos estados de imaturidade, o inacabamento como algo próprio das forças vivas, fortes, porque frescas, dinâmicas, isso assusta. Ao mesmo tempo é difícil continuar a ver o movimento de tudo na direção de um suposto ápice, levado pelo mito da maturidade. Arnaldo Antunes no livro *palavra desordem* (2008) adverte: “guardar estraga” e diria fruto maduro morre, seja porque foi comido, seja porque apodrece ou, “num preceito mais elementar, já formulado por Goethe, o de que tudo que nasce *merece* perecer. Viver e ser injusto são uma e mesma coisa” (PELBART, 2003 p. 190). Que a suposta maturidade desejada é um auge e que a noção de culminância mereceria uma problematização, pois despreza e recobre uma certa fraqueza (porosidade ao mundo) e sensibilidade aos processos que estão emergindo (larvares, ainda por nascer, mas já aí) isso diz respeito a uma ética que interessa ao trabalho no CMDCA.

A não ser em uma lógica piedosa, romântica e humanista, fraqueza e sensibilidade não são bem vistas, nem na adolescência, muito menos na idade adulta. Se mirarmos como fez Gombrowicz (2006c) (tradução nossa):

Nos processos pretensamente normais e experimentados, demonstrou que sua legitimidade e sua normalidade não são mais que uma ilusão de ótica de nossa consciência, sendo ela mesma o produto de uma certa domesticação, só aceita os conteúdos que lhe são adequados e não registra o elemento de imaturidade que envolve com seu fluxo a pequena laguna dos conteúdos habituais<sup>66</sup> [...]

“Gente grande” sabe tudo o que é bom, tem experiência... Idade e experiência não são as únicas relações possíveis – e a nossa sociedade quer uma experiência bem limitada, porque o velho é descartado rapidamente. Nessa história de experiência, lembrei-me de um livro do consultório onde o personagem, um irmão caçula pergunta quem ensinou a pessoa que ensinou a pessoa que ensinou e, o desenho, era uma sequência de dedos em riste, o menor apontando para o menino, crescendo, crescendo até o fim da página... E a grande chance

<sup>65</sup>Gombrowicz ha mostrado que las formas experimentadas, maduras y claras de nuestra vida espiritual son más bien un pium desiderium, que viven en nosotros más como un estado de intención permanente que como realidad. En tanto que realidad, vivimos siempre por debajo de ese registro, en un territorio poco honorable, nada glorioso y tan pobre que dudamos si concederle o no una débil apariencia de vida. (Schulz, 2006)

<sup>66</sup>procesos pretendidamente normales y experimentados, y ha demostrado que su legitimidad y su normalidad no son más que una ilusión óptica de nuestra conciencia, que, siendo ella misma el producto de un cierto amaestramiento, sólo acepta los contenidos que le son adecuados y no registra el elemento de inmadurez que envuelven con su flujo la pequeña laguna de los contenidos habituales [...]

daquele grande dedo em riste que mal cabe na página, ser de alguém de certezas mais que frágeis...

Para que tanto sofrimento e esforços para chegar lá? Há uma ética em acolher com um certo tônus as precariedades abertas, abrir espaços à imaturidade, alimentando-a no decurso do tempo, resgatando-a do negativo e restituindo-lhe a “cidadania”:

Nossa imaturidade (e quem sabe, no fundo, nossa vitalidade) está atada por mil nós, enlaçada por mil atavismos a esse complexo de formas de segunda ordem, a essa cultura de segunda eleição, que está implantada com obstinação, pela força de um antigo costume, de uma antiga cumplicidade.[...] é justamente aqui, nesse território desprezado e vergonhoso que prospera uma vida exuberante, que transcorre de maneira extraordinária sem sanções superiores e que sob a pressão redobrada da abominação e da vergonha se desenvolve melhor que nas alturas do sublime. (Schulz 2006d.)

Mas as pessoas na sala de jantar estão ocupadas em nascer e morrer... Zelasas pela moral e os bons costumes... Passa o sal? Nesse sistema perfeito não cabe erro, dúvida, avanço e retrocesso, no entanto, tudo desfunciona o tempo todo e não cabe nas músicas que conhecemos e nossos hábitos calcificados:

Na sala, tudo obedece ao decoro, mas na cozinha do nosso eu, entre os bastidores da ação, se exercem as piores condutas. Não há ideologias por mais gastas ou caducas que forem,, formas petrificadas e podres que não se desenvolvem aqui, que não encontram destinatário. Aparece tudo o que elas têm de sórdido as estruturas da mitologia, a tirania dissimulada das formas sintáticas, a violência e o banditismo das frases feitas, a força da simetria e da analogia. Revela-se a mecânica tosca de nossos ideais, fundada na dominação de uma literalidade ingênua, nas figuras de uma metáfora e uma imitação vulgar das formas linguísticas [...] O homem não suporta a sua nudez. Só se comunica consigo mesmo e com os que o rodeiam por meio das formas, dos estilos e das máscaras. [...] Sabemos, pois, onde fica esse laboratório das formas, essa fábrica de sublimação e hierarquização. É a cloaca da imaturidade, o espaço da vergonha e da humilhação, da imperfeição e do defeituoso, uma miserável lata de lixo cheia de vãs e fragmentadas ideologias, todas essas coisas que não têm nome na linguagem cultivada<sup>67</sup>. (Schulz 2006e)

---

<sup>67</sup>En el salón frontal, todo obedece al decoro, pero en esta cocina de nuestro yo, entre los bastidores de la acción establecida, se ejercen las peores conductas. No hay ideologías por manidas o caducas que sean, formas petrificadas y podridas que no se desarrollen aquí, que no encuentren destinatario. Aquí aparecen en todo lo que ellas tienen de sórdido las estructuras de la mitología, la tiranía disimulada de las formas sintáticas, la violencia y el banditismo de las frases hechas, la fuerza de la simetría y la analogía. Aquí se revela la burda mecánica de nuestros ideales, fundada en la dominación de una literalidad ingenua, en las figuras de una metáfora y una imitación vulgar de las formas linguísticas [...] El hombre no soporta su desnudez. Sólo se comunica consigo mismo y con los que le rodean por medio de las formas, los estilos y las máscaras. [...] Sabemos, pues, donde se encuentra ese laboratorio de las formas, esa fábrica de sublimación y jerarquización. Es la cloaca de la inmadurez, el ámbito de la vergüenza y la humillación, de la imperfección y lo defectuoso, un miserable basurero lleno de residuos, de vanas y fragmentadas ideologías, todas esas cosas para las que no existen nombres en el lenguaje cultivado.

Imaturidade, longe de ser algo para se ultrapassar, é um dos modos de “deixar de ser”, é algo que, se não for amarrotado pelos que cuidam-controlam, se mantém vivo e vívido, é um vetor de força embrionária e potente. Uma liberação, talvez.

“[...] quando não somos maduros – mas pobres tipos, lamentáveis, debatendo-nos nos fundos do concreto para tentar nos expressarmos, e é com nossa baixeza que temos de encarar –, estamos mais próximos da verdade que quando somos nobres, sublimes, maduros e definitivos. [...] Quanto mais se “desmascaram” e se comprometem essas máscaras que são as formas e os ideais, mais se revela como é tosco seu mecanismo, mais escandaloso se confirma, mais se libera o homem delas, dessas formas que a haviam prendido”<sup>68</sup>. (idem; ibidem)

E é a Biologia quem prova a potência da imaturidade. Ela está muito, mas muito mais perto do que podíamos imaginar. Essa pequena história prestes a ser contada, seria fábula, mas é real. Então, ela fica fabulosa e começa em águas mexicanas. Há uma salamandra albina chamada axolote:

“A cabeça relativamente grande e enterrada no corpo, a pele opalescente, com uma leve mancha de cinzento no focinho e azulada e rosada nas excrescências febris à volta das guelras, as delicadas patas com dedos em forma de flor-de-lis.” (AGAMBEM, G. 2012, p. 89). Esse bichinho fofo (primeira ilustração), simplesmente, mantém elementos larvares durante toda sua forma adulta. Esse nunca crescer chama-se neotenia<sup>69</sup>. E esse sim à imaturidade é a chave da nossa evolução enquanto espécie. É como se a gente estivesse mais perto do bebê chimpanzé do que do seu papai. Tal infância neotênica adquire outros contornos que nos interessam:

o homem, antes de transmitir seja o que for, tem de transmitir a linguagem [...] foram as crianças e não os adultos, as primeiras a aceder à linguagem; [...] aquilo que constitui precisamente a mais humana de suas características – a aprendizagem da linguagem – permaneceu estreitamente ligado a uma condição infantil [...] (Agambem G, 2012, p. 92)

<sup>68</sup>[...] cuando no somos maduros – sino pobres tipos, lamentables, debatiéndonos en los bajos fondos de lo concreto para intentar expresarnos, y que es con nuestra bajeza con lo que tenemos que vérnosla –, estamos más cerca de la verdad que cuando somos nobles, sublimes, maduros y definitivos. [...] Quanto más se “desenmascaran”y comprometen esas máscaras que son las formas y los ideales, más se desvela la tosquedad de su mecanismo, más escandaloso se confirma, más se libera el hombre de ellas, de esas formas que lo habían agarrotado

<sup>69</sup>é o nome dado à propriedade, em animais, de retenção, na idade adulta, de características típicas da sua forma jovem ou larval. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neotenia> capturado em 18/09/13



Esse inacabamento, essa imaturidade, essa neotenia existencial à qual a linguagem está adaptada, “esse autêntico apelo da humanidade em relação ao *soma* infantil tem um nome: o pensamento, ou seja, a política.” Agambem (2012).

Dito de outra forma: a imaturidade é uma política porque sempre inacabada!

## RECOGNIÇÃO: UM PENSAR ANESTESIADO E CERTA POLÍTICA COM A IMATURIDADE

*“Que é um pensamento que não dói em ninguém?  
Nem naquele que pensa, nem nos outros?”*

(Gilles Deleuze)

*“O pensamento não é mais do que um  
estremecimento”*

(Giorgio Agambem)

Seria preciso considerar nesta pesquisa os efeitos ético-políticos no trabalho do CMDCA do que Gilles Deleuze (1988) denominou reconhecimento: “De todos os movimentos, mesmo finitos, do pensamento, a forma da reconhecimento é certamente a que vai o menos longe, a mais pobre e a mais ‘infantil’”.

Repetir, repetir, até ficar diferente, diz Manoel de Barros<sup>70</sup>.

A repetição é inevitável e necessária e conhecida e chata e desejada... A repetição é estratégia de aprendizagem dos corpos. Corpos-arte no balé e a repetição caminho da “perfeição”. Corpos-saúde-fitness no Pilates e a repetição caminho do equilíbrio. A repetição também é proteção. Repetem-se erros por medo do desconhecido, repetem-se estratégias para não falhar. Repetem-se autores na pesquisa (a repetição é tão bem-vinda que existem até as expressões “idem e/ou “ibidem”<sup>71</sup>, por aqui espalhadas, inclusive)... Dizemos as mesmas coisas em todos os lugares, várias vezes... Aí é que entra, insidiosamente, a reconhecimento.

A reconhecimento, polariza-se em duas posições. A primeira evidencia uma “atitude realista”, que faz com que lidemos com o mundo como se ele pré-existisse. A segunda é a atitude idealista e individualista. Agimos como se tivéssemos um eu

<sup>70</sup>O livro das ignoranças in Poesia Completa, p. 300

<sup>71</sup>Mesmo autor e/ou mesma obra (ou página), respectivamente

fixo, como se fôssemos o centro, a fonte e o piloto do processo de conhecimento. (KASTRUP, V., 2005, p. 1281)

Pronto, eis a receita do mais do mesmo... Porque há uma sutilíssima diferença entre repetição e reconhecimento, talvez da ordem dos lugares: uma reconhecimento é uma repetição, mas uma repetição pode não ser uma reconhecimento. Oi? Por exemplo: uma criança vê um lápis. Se ela olha o lápis de frente, sabe que ainda é um lápis, se olha de lado também. Ou seja, o lápis pode estar de qualquer jeito no espaço que sua forma lápis não muda. Então a criança começa a escrever e p, q, b, d não têm diferença a princípio porque é o jeito “lápis” de ver as letras. Mas o espaço agora é outro, é gráfico... Surgem outros possíveis. Enxergar assim, generalizando o aprendido é ótimo sinal: a criança está deslocando um saber para outro lugar. Só que ela errou, produziu desconforto. Repetiu para fazer diferente. E ainda falando na criança – e no adolescente também –, com ambos podem ocorrer as mais potentes manifestações de experiências inventivas, “[...] uma experiência inantecipável, uma surpresa, que desativa a atitude recongnitiva e instala um estado de exceção.” (Kastrup, 2004 p. 12)

Do ponto de vista da invenção, verifica-se que uma parte importante do processo ocorre fora de foco, inclui experiências pré-egóicas, opacas e não recongnitivas, e não tem no sujeito o centro ou fonte desse processo. A surpresa estética promove a suspensão do juízo e do fluxo recongnitivo habitual (...) um meio de desencadear experiências de estranhamento de si, que não fossem recobertas pelos esquemas recongnitivos dos participantes e, que nesse sentido, fossem pré-subjetivas (...) quebras, descontinuidades e rachaduras no fluxo recongnitivo habitual. (idem, ibidem)

Um acontecimento estético potente, que não ratifique a reconhecimento, abrindo para uma atividade inventiva, operaria segundo teoria da sincronização em larga escala, explicitada a seguir:

os neurônios possuem uma oscilação constante. Num certo momento diversos pontos do cérebro passam a oscilar juntos, entrando em sincronia. O mecanismo revela a formação transitória de grupos síncronos, envolvendo não apenas neurônios em contigüidade espacial, mas também distantes e distribuídos de maneira ampla pelo cérebro. A sincronia surge e desaparece em seguida, revelando uma dinâmica cerebral semelhante a ondas que emergem e se desfazem, sem que tal funcionamento tenha um centro de controle. (KASTRUP, V. 2005, P. 47)

Ondas... Do mar calunga<sup>72</sup>... Esse ir e vir, neuronal, devir-consciente (conceito minimamente desdobrado a seguir), presente nas cabeças de crianças, adolescentes e adultos,

---

<sup>72</sup>A palavra ‘calunga’ se refere a quem nasce em São Vicente, mas também é sinônimo de boneca no nordeste, nome de uma planta, boneca de madeira ricamente vestida, representando rainha já morta e que dá início ao maracatu, nome dado aos escravos fugidos e libertos das minas de ouro e que se organizavam em comunidades

é pista que conduz a uma aprendizagem inventiva que interessa tanto para pensar as políticas do CMDCA – nesse momento niilista terminal, onde o cansaço do Controle Social se choca com o corpo da multidão esgotada e que ocupa as ruas nas inúmeras manifestações recentes – quanto para o trabalho com crianças e adolescentes; e, por que não, para a produção de conhecimento, chacoalhando jeitos de pesquisar, saturados de reconhecimento. Uma aprendizagem que parte da experiência, do inédito, do estupor, inventiva, enfim, assim como os estados de imaturidade, deserta da reconhecimento. Experiências, lembranças, memórias, saberes. Pontos não apenas de partida ou chegada, mas linhas de força de um equilibrista, de um casal de trapezistas, de uma aula, de uma política pública, de uma pesquisa... Linhas que também são fios que tecem o corpo-aranha que desejamos (necessitamos?) construir em nós. Devir-consciente... Segundo Kastrup, (2005, p. 48): “devir-consciente tem lugar quando algo que nos habitava de modo implícito, difuso e virtual vem a aparecer no campo da experiência de modo explícito, claro e atual”.

A investigação do devir-consciente é aquela de um ato, de uma atividade, de uma prática concreta. Trata-se do ato de tornar consciente, de modo explícito, claro, intuitivo, algo que nos habitava de modo pré-reflexivo, afetivo e opaco. O que se tem em vista é o conhecimento de uma experiência humana em ato, mutável e fluido. (idem, ibidem)

Um estar à espreita, suficientemente desatento para captar nuances, mudanças...  
Um horror para os medicalizadores (sempre) de plantão.

O devir-consciente é um ato que ocorre em todos nós, mas a questão é como cultivá-lo através de práticas concretas. Trata-se de práticas de presença a si que envolvem uma suspensão da atitude natural e uma aprendizagem da atenção que possui dois movimentos: a redireção da atenção do mundo externo para o mundo interno e a mudança na qualidade da atenção, com o intuito de transformar uma atenção que busca em uma atenção aberta e não focalizada (...). Em outras palavras, visa transformar uma atenção que busca em uma atenção que encontra (idem, ibidem).

“O nada o aperfeiçoa”<sup>73</sup>

A aposta na aprendizagem inventiva, no devir-consciente, pode ser construída em atividades concretas como o exercício da escrita, o ensino da filosofia, o trabalho com poesia, sugere Kastrup<sup>74</sup>. Um possível para o CMDCA, seja nas reuniões ordinárias, nas comissões,

---

auto-suficientes. Também significa “tudo de bom” no dialeto banto africano ou “Necrópoles” no dialeto kikongo. No candomblé, refere-se a cemitério e é entidade da linha dos Exus. (fontes diversas)

<sup>73</sup>BARROS, M de. Poesia Completa, São Paulo. Ed. Leya, 2010 p. 47

<sup>74</sup> Kastrup, (2005, p. 48)

em atividades elaboradas para/com os conselheiros. Linha de fuga da reconhecimento; amputação da terceira perna que impede de andar, mas que nos transforma em tripé estável, ou nas intensas e dolorosas palavras clariceanas<sup>75</sup>: “Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar.” E se certas filosofias permitem uma aprendizagem inventiva, Deleuze, Nietzsche e Pessanha pontuam reticências que sugerem o fim deste capítulo. O primeiro, bebe da fonte do segundo ao “complicar” que o eterno retorno é abertura para o novo. “E o que é produzido, o absolutamente novo, é, por sua vez, apenas repetição, a terceira repetição, desta vez por excesso, a repetição do futuro como eterno retorno” (DELEUZE, p. 94). Pessanha, doce e inocente, diz aquilo que não pensei, mas cujo sentimento compartilho e que talvez vibrasse em mim e que tenha me empurrado para a pesquisa, algo que, imediatamente nesse instante, meu devir-consciente conseguiu captar...

O eterno retorno é o desejo de que volte sempre o vivo. Eu não quero que volte o morto e o reativo, o barão de Munchausen, não quero que volte isso, aquilo de onde eu busco liberação. Eu quero que retorne meu primeiro movimento, puramente afirmativo num lugar aberto de um poder começar. Um novo começo, um jogo, uma roda que se move por si mesma, um primeiro movimento, um santo dizer sim. É a esse gesto puro e sem medida que aspira o meu eterno retorno. Ele aspira uma ressurreição permanente no interior de uma imanência desimpedida [...] é apenas a minha utopia mais íntima. Aspiro encontrar na Terra uma festa de ressonâncias. Se encontrei um teatro de marionetes manipuladas por Deus, meu sonho último é o de encontrar crianças vivas sendo criadores.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> LISPECTOR, C., A Paixão segundo G.H. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1998.

<sup>76</sup><http://www.ustream.tv/recorded/34547251> acessado em 20/06/13 (informação verbal)

**FIM. DÊ PARTIDA.<sup>77</sup>**

*“De forma que recolhia coisas de nada,  
nadeiras, falas de tontos, libélulas — coisas”*

(Manoel de Barros)

*“Se ventos, correntes, geleiras ou vulcões...  
carregam mensagens apuradas, tão difíceis de ler  
que investimos tanto tempo em decifrá-las, não  
deveríamos chamá-los inteligentes? Quem  
poderia gabar-se de falar uma língua tão precisa,  
refinada, sutilmente codificada? ... Eles lêem  
instantaneamente as mensagens dos outros  
fluxos, filtram, escolhem, compõem as suas  
próprias, traduzem, registram-nas na terra ou na  
água ... E se fôssemos simplesmente os seres mais  
lentos e menos inteligentes do mundo?”*

(Michel Serres)

Concordo. Discordo. Acordo!<sup>78</sup>

A bela que dorme não foi acordada, talvez despertada de algumas divisões binárias ao ser lançada fortemente pela faixa de Moebius alastrada pelo gato de botas, um cartógrafo. Um sorriso sem gato de Lewis Carroll.

Inocentemente surpresa, tal como uma pequenina gente descrita por Pessanha<sup>79</sup>, lá no: "Pedaço de praia onde uma criança acaba de levantar os braços, indagando a aparição de

---

<sup>77</sup>pequena alteração do título de uma peça de Samuel Beckett, chamada "Fim de partida"

<sup>78</sup>As três palavras citadas são a letra completa da música *Acordo* que integra o CD "Nome" de Arnaldo Antunes lançado em 1993.

um caranguejo", me causa estranheza e alegria reconhecer o hodosmeta - esse caminho que nos leva a um objetivo e que esse caminho é sempre o do meio - quando mudo o objetivo da pesquisa a partir de outras pistas que me atravessaram, desastadamente, refém de um devir-criança que fareja o inacabado, para o encontro das minhas políticas de imaturidade. O giro estonteante do parafuso solto da cabeça – aquela cabeça diz-pensa... – giro dos autistas de Deligny em suas linhas de errância, um certo 360° que não viu estar presente, desde o início, essa política de imaturidade, do inacabamento, do informe, cuja linguagem é fortemente atravessada, lindamente frágil, linguagem-criança; linguagem-ovo..

Do axolote e sua neotenia<sup>80</sup> até a reconhecimento<sup>81</sup> triste, cansada, protocolar, palatável, das reuniões ordinárias que também ratificam a tutela, a falta, os feixes fascistas das leis. Mas quando uma repetição se descola da reconhecimento, se encontra algo de inacabado, eterno retorno, esgotado; das pré-conferências e conferência municipal de direitos da criança e do adolescente, onde a câmara municipal de vereadores foi invadida pelas crianças e adolescentes (havia um sorriso escapando do meu rosto ao vê-las dependuradas nas escadas daquela casa que, dizem, serem nossa, "do povo" ou observando a menina que quis fazer uma inscrição<sup>82</sup> e, ao se levantar e ir até a tribuna, deixa cair de sua bolsa um frasquinho de perfume que se quebra. Entre atrapalhada e um pouco envergonhada, ela e eu, ambas Vênus-Iemanjá, partilhamos o sorriso de deixarmos a doce marca vaidosa de um perfume de mulher num local sempre tão masculino).

Das rápidas alternativas surfando os problemas da arrecadação municipal e os leves movimentos do CMDCA para difundir o Destinação Criança<sup>83</sup> – campanha para que os contribuintes doem 1% do seu imposto de renda, no caso de pessoa jurídica ou até 6% se pessoa física para um dos nove CMDCAs da região. Essa doação é deduzida do imposto de renda se o contribuinte estiver devendo ou será acrescido à sua restituição, com correção do valor através de taxa financeira.

De tantas coisas escritas, lidas, experimentadas, des-cobertadas (doidas e doídas), inventadas; dessas políticas de imaturidade que necessitam maior construção, agenciamento e

---

<sup>79</sup>PESSANHA, Juliano Garcia, "O trem, o entre e o paraíso terrestre" in *Literatura e Sociedade*, p. 215

<sup>80</sup>Ver em: *Imaturidade: uma potência*, p.89

<sup>81</sup>Ver em: *Reconhecimento: um pensar anestesiado e certa política com a imaturidade* p.96

<sup>82</sup>Inscrição é quando alguém pede a palavra para comentar algo, por exemplo, uma proposta durante uma conferência, antes que esta seja votada.

<sup>83</sup><http://www.destinacaocrianca.org.br/destine>

encontro; sombra que só aparece por estar contra a luz e que depende dessa. Essa luz que só as gentes e seus sistemas (de saúde, de garantia de direitos, de educação, de governo); a gente, agente, expressão que utilizei na minha carta de intenções para entrar no mestrado, sem saber que eram mais do que intenções, era desejo puro, máquina desejanse de processos de dessubjetivação, algo que ressoa com transdisciplinaridade e formação de um comum, nesse espaço-tempo-furacão, mas também calmaria – nem que seja a do silêncio que precede o esporro, onde podem caber crianças correndo na praia sob o sol de janeiro e uma mulher correndo atrás delas, segurando o chapéu.

De tanto tudo isso que diz em mim, me é impossível concluir. Uma conclusão. Mas existe conclusão?

Estilhaços de ideias... Apesar de violenta – e um pouco dolorosa – a imagem dessa expressão é um bom começo.

Agambem em *A ideia da Prosa* traz o conceito do Juízo Final. Num grande Tribunal, as almas dos homens vêm de todos as partes, mas Deus, já está no banco dos réus. Os homens escolhem fazer parte do júri ou do público e, enquanto se acomodam, percebem atônitos que, Juiz, advogados e promotores também eram Deus. Ao julgamento de Si próprio, o autor faz uma referência à Verdade ou a Linguagem “num último gesto absurdo ou num último assomo de lucidez (e) da verdade”. Avizinhando do devir-animal que a primeira imagem dessa dissertação provocou, farejo nessa pesquisa um certo Juízo Final não da Verdade, de Deus ou da Linguagem, mas das políticas de imaturidade atravessando, linhas-lâminas, o CMDCA. Essa instância tão pouco conhecida de controle social, talvez por se tratar de direitos, talvez por se tratar de crianças e adolescentes. Talvez por não ser do interesse de alguns poderosos, potencializar este tipo de conselho.

“O poder do CMDCA deve se voltar para o CMDCA<sup>84</sup>. O olho deve ser o seu ponto cego. A prisão deve encarcerar-se a si própria. Só assim os prisioneiros poderão sair“ (AGAMBEM, 2012). Seria esse um mesmo olho na nuca, a que se refere Pessanha-Jano<sup>85</sup>? E esse olho cego que vagueia procurando por um<sup>86</sup>, não seria um analisador?

---

<sup>84</sup>Ligeiramente modificado do original, onde está “linguagem” ao invés de “CMDCA”

<sup>85</sup>PESSANHA, Juliano Garcia, “O trem, o entre e o paraíso terrestre” in *Literatura e Sociedade*, p. 215

<sup>86</sup>Estrofe ligeiramente modificada de “Frevo mulher” de Zé Ramalho



“Em todas as vidas existe qualquer coisa de não vivido, do mesmo modo que em toda palavra há qualquer coisa que fica por exprimir” (Agambem, 2012, p. 88)

Perguntei(-me) ao longo de toda pesquisa, de toda escrita, de toda leitura. De todo encontro, enfim. E elas ainda vêm. A quem serve minha pesquisa? Quem vai ler o meu trabalho? (Gosto muito muito de uma história que Deleuze conta no Abecedário, sobre uma carta que ele recebeu de uma associação de catadores de papel, a respeito do seu livro, “A Dobra”. Eles disseram: a dobra somos nós!) Por que uso tantas interrogações? Duvido do que escrevo? Logo eu, violentamente sincera, não assumo o que penso? Tentando me desapegar da culpa cristã ou de um devir-Hamlet, reconheço que:

[...] a curiosidade [...] implica “riscos”, diz Nietzsche, e um questionamento radical da própria constituição interrogativa do humano: “quem, realmente, nos coloca questões? O que, em nós, aspira realmente à verdade?”[...] Não apenas quem?, portanto, mas também o que?, além de outras. (ORLANDI, 2000, p.75-90)

E hoje acordei com uma pergunta gritando ao meu ouvido. Enlouquecendo-me, acompanhou-me durante todos os afazeres, este eco, até eu conseguir, finalmente, chegar a escrevê-la: “O que são políticas de imaturidade?” Com aspas porque não parece pergunta minha... Coisa de Apolo, esse diabo, calunga, organizante. Tudo estudado...

“O estudo não só não pode ter fim, como não o quer ter” (AGAMBEM, G. 2012, p. 53).

Raiz do estudo é o choque. Estudo. Espanto.

“Estudo e espanto (studiare e stupire) são, pois, aparentados nesse sentido: aquele que estuda encontra-se no estado de quem recebeu um choque e fica estupefato diante daquilo que o tocou, incapaz tanto de levar as coisas até o fim como de se libertar delas. Aquele que estuda fica, portanto, sempre um pouco estúpido, atarantado.”<sup>87</sup>

Não parti das políticas de imaturidade, fui lá no conselho – bem como a outras experiências com crianças e adolescentes – e elas me partiram. Se, por um lado, o trabalho foi conceitualmente muito forte, se eu ouvi o canto da sereia deleuziana, nietzscheana, das políticas, das artes e um certo encantamento pode ter sido produzido em mim, por outro, essa

---

<sup>87</sup>idem; ibidem

linha de força (conceitual) é traçada porque quando escrevo experiências, estas nunca estão eximidas de conceitos. Unhas deleuzianas arranham verniz dicotômico da teoria x prática:

As relações teoria-prática são muito mais parciais e fragmentárias. Por um lado, uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio e pode se aplicar a um outro domínio, mais ou menos afastado. A relação de aplicação nunca é de semelhança. Por outro lado, desde que uma teoria penetre em seu próprio domínio encontra obstáculos que tornam necessário que seja revezada por outro tipo de discurso (é este outro tipo que permite eventualmente passar a um domínio diferente). A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro. (DELEUZE, G. em conversa com Foucault, 1979)

Portanto, eles, os conceitos, já estão nelas, as experiências. Mesmo que eu não tenha me dado conta, a princípio, mesmo que eu não os considere em algumas narrativas. Estão juntos porque os conceitos nomearam minhas experiências. Tudo que eu vivi era conceito. Só que eu não sabia que aquilo tinha nome, sobrenome e “referência”. Não é reconhecimento, é uma terceira repetição para fazer uma diferença. É eterno retorno.

Agambem (2012) avisou que estudo é essencialmente sofrimento e paixão e que “é apenas após um longo período de convivência séria com os nomes, as definições e os conhecimentos que se produz na alma a centelha que, inflamando-a, marca a passagem da paixão à realização.” E que a verdadeira natureza do estudo é a inspiração!

E também chamamos de inspiração a entrada do ar em nosso corpo. E quando o ar entra, nossa caixa torácica se expande, nossas costelas se abrem para que nossos pulmões tenham espaço para receber o ar. Que prazer tê-lo aqui dentro de mim, seu oxigênio!

O prazer, diz Agambem (2012) é aquilo cuja forma é completa em cada instante, perpetuamente em ato. Potência, aqui, o contrário do prazer; aquilo que sempre falha, a dor. E poder, organização da potência. Onipotência, o cúmulo da dor...

“Pedro anda tendo temores esquisitos. Por exemplo: que desapareçam os fracos da face da terra e restem apenas pessoas blindadas de sol.”<sup>88</sup>

Onipotentes blindados de sol, mas eu também vi a movimentação nas redes, os protestos – passando pela porta da minha casa, inclusive. Saber que “o buraco é mais

---

<sup>88</sup>Manoel de Barros, Toda a Poesia

embaixo”, é reconhecer que tudo o que li e escrevi para a minha dissertação tomou corpo fora dela. Esse “corpo” tão citado na teoria, essa comunidade dos sem comunidade que não aguenta mais, querendo um possível se não sufoca.

Li na internet, na época das manifestações de 2013, que mais de vinte cidades fora do Brasil também fizeram protestos nos apoiando. Barcelona, Lisboa, Irlanda, Nova Iorque... estavam conosco. Quando fui para a janela da minha casa, fotografar uma minúscula manifestação, eles disseram “você aí parado, também é explorado!” Desci correndo com meu filho, ele pela escada, eu pelo elevador. Andamos um pouco, vimos a PM. Ficava afastada, temia pelo meu filho, mas estava a maior paz – e um cheirinho de maconha e umas latinhas de cerveja. Duas manifestantes nervosinhas foram embora com seus alto-falantes, rasgando uns papéis e pisando duro. Os que ficaram, brincaram com as atitudes delas e criticaram a ação de terem sujado a avenida, enquanto catavam o lixinho. Nós os aplaudimos. Impressiona esse mergulhar em políticas públicas para a infância e adolescência, discutir controle social e sistema de garantia de direitos, democracia, enfim e, simultaneamente, ouvir gritarem embaixo de sua janela: você aí parado também é explorado!

Também na internet, li o texto de Bruno Cava “O sistema de transporte é mais violento que a polícia”<sup>89</sup>.

O final dele diz que a dignidade não é humana, que é o oposto da humilhação. Essa palavra, “dignidade”, aparece com frequência nas leis e dispositivos que organizam e protegem (?) uma população, uma sociedade, um país. Está no plano decenal do CMDCA, no Conanda, no ECA, na Constituição. Lembrei-me do bordão de um ex-apresentador de TV, Leão Lobo (dignidade já!) e de um personagem do espetáculo teatral Terça Insana, chamado Betina Botox que fala “acho digno” quando concorda com algo. Assusta tanta “dignidade” espalhada por escrito nesses lugares-pilares de democracia. Dignidade (a)mansa. Eu não quero dignidade. Porque não quero humilhação.

Um analisador é atravessado por questões conceituais e com experiências (narradas acima, no caso dessa pesquisa), mas se trabalhamos com o já dado, o clichê, o senso-comum, nosso analisador é pobre. Achatado, restringe-se à meros cortes e preconceitos morais; analisar em oposição a sintetizar. Tomar o CMDCA como analisador das políticas de

---

<sup>89</sup><http://blogdacricri.wordpress.com/2013/06/16/o-sistema-de-transporte-e-mais-violento-do-que-a-policia/>

imaturidades não mostra que eu as encontrei lá, elas foram produzidas em um conjunto. Mas que algo que veio do conselho me ajudou a pensar. Quando chego, chego em silêncio, porque não sei do que se trata cartografia e cartografar, e, por outros meios e por outras vias mapeio, estou a espreita, “opto” por não-estar. Vou sem gravador para as reuniões, apenas para as entrevistas, anoto e escrevo sensações, observo, tato mudança de móveis, de pessoas, um interesse pela pesquisa, recusa em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Eu pensava criança e o CMDCA e ao pensar com as orientações, no decurso da pesquisa, com os conceitos, foi se deslocando a noção de conselho e os clichês apareceram como clichês: uma ideia de militância, uma ideia de trabalho no CMDCA. Que outras peles fui soltando, devir-cobra? Eu queria informar sobre o CMDCA, descrever o funcionamento, analisar trabalho e atribuições, traços conservadores do conselho, possibilidades inauditas, processos endurecidos, do quanto ele era ignorante em si mesmo, por ser um conselho deliberativo, que cria políticas e que elas têm força de lei e que os próprios conselheiros não sabiam o que faziam lá (como eu quando cheguei), pois muita gente era mandada para lá pois eram manipuladas pelas chefias das suas instituições e origem, gente expulsa do conselho quando começou a falar. Outro forte clichê “missionário laico”, era uma ideia reformadora e de correção do conselho, sempre operando na dicotomia, fazendo juízo de valores. A conversa, a leitura, o contato foi me fazendo pensar outras coisas, agora, sem a pretensão de avaliar o conselho, que, mais que ideia inicial, torna-se segredo revelado...

“Capetamente” (a)tentada a responder “não sei” àquela pergunta que tanto me martelou hoje, reconheço ser mais prudente – e menos sincero – desdobrar a expressão em duas palavras. Agambem (2013, p.112) nos emudece quando declara: “só a palavra nos põe em contato com as coisas mudas”. E sendo a palavra expressão da linguagem – escrita, falada – o mesmo Agambem (2013) se/me aproxima de Foucault quando diz que a linguagem é instrumento para vigiar e punir. Um possível que se avizinha da palavra “política”, que, sem me restringir a significados etimológicos, sociológicos ou quaisquer outros “lógicos”, ressoa em mim um misto de caixa de ferramentas merhyanas e um certo arsenal bélico espinosista. Políticas-estratégias, políticas-conceitos, políticas-linhas, políticas-agenciamentos, políticas-leis, políticas-(des)conhecimento, políticas-virtualidades... Desejo no plural, “políticas”, porque são multiplicidades – das quais encontrei bem poucas, quatro... -, genuíno não-saber... Oh! Quanta imaturidade!! Seria interessante pensar (e escrever!) que se operamos (na investigação) com essas políticas de imaturidade não fizemos isso olhando de cima ou de fora, de um lugar supostamente maduro ou mais amplo. Tentamos tatear algumas políticas pelo fio

condutor das experiências... E, ao invés de uma possível neutralidade ou visão de sobrevoo de pesquisador socrático, (vamos preservar Apolo, interessante para a vida) trata-se, talvez, de apostar em certas políticas de imaturidade e desertar outras.

Caótica imaturidade, mas que me libertou do tormento dos fragmentos, ou melhor, da saga da sua caça na ladainha de unificá-los! Venha citação! Aponte meu raciocínio sem nome nas idéias destes homens que eu respeito tanto, mesmo quando é tão difícil compreendê-los e necessito ler tantas vezes uma frase ou parágrafo... Acomode-se citação, aqui do meu lado, gostosa e quentinha e reconfortante como xícara de chá no inverno depois de um longo dia de trabalho. Insinue com palavras fortes (e que eu gostaria que fossem minhas) a complexidade em lidar com os pedaços escritos por mim mesma nesse curto espaço de tempo de pesquisa:

Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele) (DELEUZE, G. GUATTARI, F 1994)

Imaturidade. Elixir de juventude. Poção que também pode envenenar. “Coma-me” e Alice desaparece em suas próprias roupas, minúscula que se tornou. “Beba-me” e Alice-Arnaldo Antunes, sem cabimento, no vestido, na casa, no pensamento, porque só quer crescer.

Gombrowicz diz numa entrevista, que o homem está suspenso entre Deus e a juventude:

uma coisa que me parece importante é que o homem aspira, por um lado, a maturidade, a plenitude, a converter-se num ser acabado é dizer a ser alguém semelhante a Deus, verdade? E, por outro lado, está fascinado pela juventude. Por quê? Porque a juventude é a vida, é a fase ascendente, é a fase em que o ser é cada vez mais vital. (informação verbal. Entrevista de Witold Gombrowicz. Tradução nossa)<sup>90</sup>

Em agonística com a potência do inacabamento, essa curva ascendente da juventude, vibra uma fragilidade que me encanta. Movimento pendular balançando tensões. Frágeis imaturidades. Frágil linguagem. Linguagem frágil.

---

<sup>90</sup>Entrevista de Witold Gombrowicz disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=zSn1vz2twMU&hd=1> acessado em 18/10/13

[...] quando falamos, se acreditamos que a linguagem pode expressar o acabado de uma verdade, nesse caso estamos pensando que a linguagem não é frágil e, nesse caso, estamos bem perto da guerra. Porque vou dizer: o que digo é a verdade. Por exemplo, quando os fanáticos de uma religião afirmam que a letra dessa religião é a verdade, é porque foi feito da linguagem um certo absoluto. Se, ao contrário, sabemos – e é o que sucede a cada ato – no intercâmbio cotidiano, se sabemos que a linguagem é algo essencialmente frágil, que nunca chega ao que supostamente seria algo acabado e se, também, não nos lamentamos em não chegarmos a um resultado final, nesse caso, nos encontramos, realmente, no sentido da fragilidade. É similar em relação à morte; todos sabemos que vamos morrer, que estamos nus, sim, sim, nus. Não é por casualidade que a palavra nu seja importante no mundo atual. Quando se diz: o nu, a nudez, o desnudar-se, em francês também existe o “denuement”, a indigência, que é uma palavra muito diferente, mas que significa não ter nada e que também é a palavra que Hölderlin emprega “porque os poetas em tempos de infortúnio, em alemão “wozu Dichter in dürftiger Zeit” e dürftig, significa “que falta”, que se necessita, que falta. Hölderlin também diz: “os poetas vão com o peito descoberto ante as tempestades de Deus.” É bonito! (LANCY, J. L., informação verbal. Tradução nossa)<sup>91</sup>

Linguagem, um anjo que anuncia a morte. “O anjo não tem culpa disso e só quem compreende a inocência da linguagem entende também o verdadeiro sentido desse anúncio e pode, eventualmente, aprender a morrer.” (AGAMBEM, 2012, p. 126)

Todos morreremos no final.

Então, vamos afetar e sermos afetados; um deixar-se ir guiado pelo invisível. Porque “a luz é apenas a chegada do escuro a si próprio” (AGAMBEM, 2012, p. 117).

Nesse hodos; escuro caminho de luz, Alice, acordadíssima, correndo atrás do Coelho (estamos atrasados! Estamos atrasados!), ouve derradeira pergunta de um sorriso sem gato:

O caso é que você chegou a essas políticas por imaturidade?

---

<sup>91</sup>Entrevista de Jean Luc Nancy <http://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2013/11/06/clinica-comum-essa-nocao-se-relaciona-com-essa-abertura-sem-limites-que-nos-interpela-no-contemporaneo-no-campo-da-saude-podemos-afirmar-que-ha-uma-abertura-sem-limites-que-nos-interpela-arrisco-di/> Acessado em 06/11/13

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, G. **Ideia da prosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, 141p.
- ANDRADE, C. D. de. Procura da Poesia. In: **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012
- ANTUNES, A. **Tudos**. 1ª Ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Palavra Desordem**. São Paulo: Iluminuras, 2002, 208 p.
- BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2002
- BARROS, M de. **Poesia Completa**, São Paulo: Leya, 2010. 496p.
- BARTHES, R. **Aula**. 13ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BLANCHOT, M. **A conversa infinita 1** – a palavra plural. Trad. Aurélio Guerreira Neto. São Paulo: Escuta, 2001
- BRASIL. Lei Federal 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **DOU. Brasília, DF**, 20/09/1990, seção 1, p. 18 055. Disponível em: [http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/legislacao/arquivo/04\\_lei\\_8080.pdf](http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/legislacao/arquivo/04_lei_8080.pdf) Acesso em 30/03/14.
- BRASIL. Lei Federal 8142/90, de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. **DOU. Brasília, DF**, Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18142.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18142.htm) Acesso em 04/03/14.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Definição de Controle Social. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/bolsa-familia/controle-social/gestor/controle-social> Acesso em: 03/10/12
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – CONANDA.  
[http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/cartas/nota\\_publica\\_rolinhos\\_conanda\\_fev\\_2014.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/cartas/nota_publica_rolinhos_conanda_fev_2014.pdf) **Brasília, DF**. Nota pública – Direito de ir e vir dos adolescentes: “rolezinhos”, 20/02/2014. Acesso em 28/02/14
- CHAMORRO G. **Terra Madura Ivy Araguayje**: Fundamento da Palavra Guarani, Dourados-MS: UFGD, 2008, 368p.
- DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE.  
<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/index.html> Acesso em: 06/03/14

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

DELEUZE, G. GUATARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Júnior. São Paulo: 34, 1992

\_\_\_\_\_. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1/Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995 94p.

DELEUZE, G. **A Dobra, Leibniz e o Barroco**. São Paulo: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Deux régimes de fous**. Textes et entretiens, 1975-1995. Paris: Minuit, 2003. Org. de David Lapoujade. p. 326-328.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart da edição francesa de Pourparlers, 1972-1990. Paris: Minut, 1990. São Paulo: 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espinosa** – Filosofia Prática. São Paulo: Escuta. 2002

\_\_\_\_\_. Anexo: Sobre a morte do homem e o super-homem. In: \_\_\_\_\_. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 132.

\_\_\_\_\_. L'Abecedaire de Gilles Deleuze. **Entrevista** concedida à Claire Parnet, realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris. 2008. Disponível em <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 30 mar.2014.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 583

\_\_\_\_\_. **La volonté de savoir**. Paris: Gallimard. 1976. p.56

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade, I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas** - Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e o poder. publicado originalmente em L'Arc, nº 49, 1972. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Tradução, organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, R. M<sup>a</sup> A. de C. Sobre o objeto da Fonoaudiologia In Rev. **CEFAC**. 2012 Mar-Abr; 14(2):308-312

GOMBROVICZ W. **Ferdydurke**. Trad. Tomasz Barcinski. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 348p.

HENZ, A. de O. **Estéticas do Esgotamento**: extratos para uma política em Beckett e Deleuze. Porto Alegre: Sulina. 2012, 160p.



\_\_\_\_\_. Grande Cansaço, esgotamento, um corpo. In: CONFERÊNCIA NA XXIII JORNADA REICH REALIZADA NO INSTITUO SEDES SAPIENTAE, 2010, São Paulo, **Texto...** São Paulo, 2010, p. 1-14

\_\_\_\_\_. Uma política do esgotamento entre Beckett e Deleuze. In: **Cadernos de Subjetividade** São Paulo, 2010, p. 84

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 06/03/14

KAFKA, F. **Cartas a Milena**. Trad. Torrieri Guimarães. Escritores Contemporâneos. São Paulo: Livraria Exposição do Livro.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005

\_\_\_\_\_. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia e Sociedade*, v.16, n.3. **Psicologia & Sociedade**; 16 (3): 7-16; set/dez.2004

\_\_\_\_\_. O devir-consciente em rodas de poesia. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 17 - n. 2, p. 45-60, Jul./Dez. 2005

KEHL, Maria Rita. Desejo e Liberdade. A Estética do Ressentimento. In **Psicanálise, Cinema e Estéticas de Subjetivação**. Giovanna Bartucci (org.). Rio de Janeiro: Imago, 2000.

LAPOUJADE, D. O corpo que não agüenta mais. In: **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Daniel Lins e Sylvio Gadelha (Orgs.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.81- 90

\_\_\_\_\_. **Vocabulário em Deleuze**. Trad. Andre Teles. Rio de Janeiro: IC, 2004

\_\_\_\_\_. Deleuze: política e informação in: **Caderno de Subjetividades**, 2010, p. 167

LA ROCHEFOUCAULD, F., Duque de. **Máximas e Reflexões (século XVII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida (pulsações)**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1978

\_\_\_\_\_. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998

\_\_\_\_\_. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

MANTERO, V. A desfazer-se. In: **Elipse: gazeta improvável**. Lisboa, 1998. p. 2-4.

NAFFAH N, A.. **Nietzsche: a vida como valor maior**, São Paulo: FTD, 1996. p.34

MONTE, M. Eu não sou da sua rua – Branco Melo, Arnaldo Antunes. **CD “Mais”**, (EMI-1994)

NIETZSCHE, F. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Tradução: Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: 70, 1995.

\_\_\_\_\_. **Livro V - Gaia Ciência** pág. 247-250, Companhia das Letras, tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, 2001

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras. 2008.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras. 1998.

ORLANDI, L. B. L. Ética em Deleuze. Transcrição da palestra em vídeo transmitida pela tv cultura no programa café filosófico com Luis Benedito Lacerda Orlandi em Campinas, no dia 29 de agosto de 2008, encerrando o módulo **Deleuze: uma filosofia aberta aos encontros**. O vídeo está disponível no site: <http://www.cpflcultura.com.br/post/cafe-filosofico-etica-em-deleuze-luiz-orlandi>

\_\_\_\_\_. O pensamento e seu devir-criança. In: **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. Programa de pós-graduação em psicologia clínica. PUC-SP, 2010.

\_\_\_\_\_. Nietzsche na univocidade deleuzeana. In: LINS, D; GADELHA COSTA, S. de S.; VERAS, A. **Deleuze e Nietzsche** – Intensidade e paixão, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 75-90.

PAIM, J. S. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. 148 p.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. da. Org. Pistas do método de cartografia – pesquisa, intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009

PELBART, P. P. **O Averso do Nihilismo**: Cartografias do Esgotamento. São Paulo: n-1, 2013

\_\_\_\_\_. Travessias do nihilismo. In: FEITOSA, C. et alii.(orgs) **Nietzsche e os gregos**: arte, memória e educação. Rio de Janeiro: Editora DP&A. 2006 p.205-228.

\_\_\_\_\_. A comunidade dos sem comunidade. In \_\_\_\_\_: **Vida Capital**: Ensaio de Biopolítica., São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_. Vida Nua, Vida Besta, Uma Vida, In: **Revista Digital Trópico** (2006), Disponível em <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl> Acesso em 10 set 2010

\_\_\_\_\_. Da Claustrofobia Contemporânea (Sobre o fim da exterioridade no capitalismo tardio)” In: \_\_\_\_\_. **A Vertigem Por Um Fio** – Políticas da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000, p.29

\_\_\_\_\_. Imagens do (nosso) tempo. In: FURTADO, B. (org). **Imagem Contemporânea**. Vol. II. São Paulo. Editora Hedra. 2009 p.29-42

\_\_\_\_\_. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. Conferência realizada no IEA-USP em três de outubro de 2008. Disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/online/midioteca/filosofia/index.html>. Acesso em 09/11/12

PESSANHA, J. G., O trem, o entre e o paraíso terrestre in **Literatura e Sociedade**, p. 215 Disponível em: [http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/ls8\\_0.pdf](http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/ls8_0.pdf). Acesso em 06/05/14

RABINOW, P. Artificialidade e Iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: \_\_\_\_\_ **Antropologia da Razão** – Ensaio de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará. 1999, p. 135 – 157.

RIMBAUD, A. **Carta de Artur Rimbaud a Paul Deleny**, 1871. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v8n1/10.pdf>

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SADECK, F. Orçamento público e fundo dos direitos da criança e do adolescente. In: ASSIS, S G de (Org.)... [et al]. **Teoria e prática dos conselhos tutelares e conselhos de direitos da criança e do adolescente**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2010. Cap. 5. pág. 280.

SANTOS, B. R. dos, SILVA, C. A. V. da, MINAYO, M. C. de S., TORRES, A. S., SILVA, H. O. da, DESLANDES, S. F., BARCINSKI, M.. Conselhos dos direitos da criança e do adolescente. In: ASSIS, S. G. de (Org.)... [et al]. **Teoria e prática dos conselhos tutelares e conselhos de direitos da criança e do adolescente**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2010. Cap. 2. pág. 67-138.

SCHULZ, B. **Ferdydurke en**: Ensayos críticos. Maldoror ediciones, Vigo 2004, 147 p. Traducción: Jorge Segovia y Violetta Beck [http://www.maldororediciones.eu/opera\\_omnia/ferdydurke.htm](http://www.maldororediciones.eu/opera_omnia/ferdydurke.htm) recolhido em 09/06/2013

SIBLIA, P. Tirantias do “software humano”: redefinições de saúde e doença. In: **Logos: comunicação e universidade**. - Vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 1990. p. 41-60

SPOSATI, A. Exclusão Social abaixo da Linha do Equador. In: SEMINÁRIO EXCLUSÃO SOCIAL DA PUC, 1998, São Paulo, **texto...** São Paulo/PUC, 1998.

UNO, K. Corpo gênese ou tempo-catástrofe: em torno de Tanaka Min, de Hijikata e de Artaud. In: PELBART, P. P. (Org.). **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: EDUC, 2010. p.37-45

VERNANT, J-P e NAQUET, P-V. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo, Duas Cidades, 1977, p. 17-20

ZORZI, J. L. **Linguagem e Desenvolvimento Cognitivo** – A Evolução do simbolismo na Criança. São Paulo: Pancast, 1994

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004

\_\_\_\_\_. Deleuze: une philosophie de l'événement. PUF, Paris, 2004. \_\_\_\_\_. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, E. (org). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. S. Paulo: 34, 2000.

*AGORA**Agora sinto um gosto doce**Agora vejo a cor azul**Agora a mão de quem me trouxe**Agora é só meu corpo nu**Agora eu nasço lá de fora**Agora minha mãe é o ar**Agora eu vivo na barriga**Agora eu brigo pra voltar**Agora<sup>92</sup>*

---

<sup>92</sup> Arnaldo Antunes “Tudos” (2012)